AGÁLIA

REVISTA INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA

N.º 35

OUTONO 1993

DIRECÇOM:

Presidência da AGAL

CONSELHO DE REDACÇOM:

Isaac Alonso Estravis
José Ramom Chantada Acosta
Pedro Fernández-Velho
José António L. Taboada
Jenaro Marinhas del Valle
José Maria Monterroso Devesa
César Carlos Morám Fraga
Joám Carlos Rábade Castinheira
Henrique Rabunhal Corgo
José Luís Rodríguez
José António Souto Cabo
Jurjo Torres Santomé
In memoriam:
Ricardo Carvalho Calero

NOTA DA REDACÇOM

1. AGÁLIA reserva-se o direito a publicar originais nom solicitados.

2. A revista nom se responsabiliza da devoluçom de originais.

3. Os trabalhos publicados passam a ser propriedade da revista.

4. Todos os trabalhos publicados em AGÁLIA aparecerám com a normativa de carácter reintegracionista que defende AGAL (no seu *Prontuário Ortográfico Galego),* ou em qualquer outra normativa do nosso sistema lingüístico. O envio de originais por parte dos autores supom a aceitaçom desta norma.

5. Os textos assinados som da responsabilidade dos autores, nom se identificando, necessariamente, a Revista com os respectivos pontos de vista.

Imprime: VENUS artes gráficas, s, a.
Corunha - Dep. Legal: C- 250 - 1985
ISSN 1130-3557

CONSELHO ASSESSOR

GALIZA

José Agrelo Ermo
Mário Alonso Nozeda
Maria Luísa Andrade
Maria das Dores Arribe Dopico
Carlos Campoy
Denis Conles
Júlio Garcia Santiago
Alberto Garcia Vessada
Luís Gonçálex Blasco
Marcial Gondar Portasany
Ernesto Guerra da Cal
Maria do Carmo Henríquez Salido
Aracéli Herrero
Cláudio Lôpez Garrido
Aurora Marco
Higino Martínez Estêvez
Ramom Nogueira Calvo
José Posada
Domingos Prieto
Maria das Dores Rei Teixeiro
Ramom Reimunde Norenha
Manuela Rivera Cascudo
Felisindo Rodríguez
Joám Trilho Pêrez
Amália Vilhar Calvo
Xavier Vilhar Trilho

BRASIL

Leodegário A. de Azevedo Filho
Gladstone Chaves de Melo
Sílvio Elia
Reynaldo Valinho

MOÇAMBIQUE

Fátima Mendonça

PORTUGAL

Maria Luísa Baptista
José A. Fernandes Camelo
Mário Gomes dos Santos
Óscar Lopes
Albano Martins
José Luís Pires Laranjeira
In memoriam:
Manuel Rodrigues Lapa

RECEPÇOM DE ORIGINAIS: Apartado dos Correios 560. 15080-Corunha (Galiza)
Apartado dos Correios 289. 15780-Santiago de Compostela (Galiza)
ASSINATURAS: Apartado dos Correios 453. 32080-Ourense (Galiza)

AGÁLIA
Revista Internacional da Associaçom Galega da Língua

Núm. 35
Outono 1993

SUMÁRIO

PÁGS.

ESTUDOS

Léxico científico isolacionista: umha crítica de ciências e letras, por Carlos Garrido e Miguel Conde 259-286

Inês de Castro: insígnias de um palimpsesto, por Maria do Amparo Tavares Maleval 287-300

NOTAS

O movimento galeguista em Buenos Aires (1930-1980), por Ricardo Flores .. 301-312

A originalidade de Pero da Ponte, por Lênia Márcia de Medeiros Mongelli .. 313-321

Eduardo Blanco Amor: viagem à sua vida e à sua obra, por Henrique Rabunhal 323-329

ANTOLOGIA

O negro artificial, por Flannery O'Connor (trad. por Elvira Souto) 331-347

DOCUMENTAÇOM E INFORMAÇOM

Monumento a Murguia 349
Prémio dos livreiros corunheses a um membro da AGAL 350
A AGAL no dia da Galiza mártir 350
Apresentaçom das Actas do Congresso Á. Cunqueiro em Lugo 351-355
Conferência na Corunha do Professor Leodegário A. de Azevedo Filho 355-356
IV Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza. Homenagem a Ferdinand de Saussure 356-368
Publicaçons recebidas e de interesse 369-370
Correio 370
Memória da História 371

RECENSONS

Relatórios de emigrantes, velhos e saúde, por Joám M. Araujo 373-375

«Dialectoloxía da lingua galega», um contributo isolacionista ao reintegracionismo lingüístico, por José Manuel Barbosa 376-377

Poesia de Rei: três notas dionisinas, por Sílvio Elia 378-382

CAPA: Júlio Gaioso
Ilustraçons: Ezilda Goiana (Pernambuco)

Recife 83

ESTUDOS

Léxico científico isolacionista: umha crítica de ciências e letras

Carlos GARRIDO
e Jesus Miguel CONDE (*)

1. INTRODUÇOM

Como *entes* dotados de origem, desenvolvimento na constância e na modificaçom e extinçom em determinados quadros geográficos, as línguas e as espécies de seres vivos som assimiláveis nos seus aspectos espaço-temporais, constituindo as suas respectivas evoluçons o objecto de estudo de disciplinas de reconstruçom do passado, nomeadamente da lingüística histórica e da filogenia. Na biologia, o moderno conceito de *espécie,* introduzido no surto da *síntese evolutiva* pós-darwiniana (1), assenta na compreensom de as espécies serem integradas por umha comunidade reprodutiva de populaçons, geneticamente isoladas de outras tais comunidades (definiçom *biológica* de espécie), verificando-se muitas vezes que, no seio de umha espécie, as variabilidades inter- e intra-populacionais som elevadas. Este conceito *politípico* da espécie acabou por substituir o antigo conceito *essencialista* ou *monotípico,* para o que cada espécie se distingue por umha imutável essência, umha combinaçom fixa de caracteres, que levava à instauraçom espúria de taxons específicos, ao estarem baseados nas mais mínimas diferenças, achadas freqüentemente entre indivíduos da mesma espécie. Hoje sabe-se que muitas espécies som altamente variáveis e, destarte, os sistematas tendem a delimitarem *subespécies* ou *raças geográficas,* conjuntos de populaçons que se julgam diferentes atendendo a certos caracteres, mas que nom estám reprodutivamente isolados entre si e, portanto, pertencem à mesma espécie.

(*) Carlos GARRIDO é licenciado em Biologia pola Universidade de Santiago e Jesus Miguel CONDE é diplomado em Física pola Universidade de Barcelona.

(1) E. Mayr. 1982. *The Growth of Biological Thought. Diversity, Evolution and Inheritance.* The Belknap Press. Harvard University Press. Cambridge (Massachusetts): pp. 251-297.

Assi como as espécies de amplo domínio geográfico constam habitualmente de várias raças, fruto da adaptaçom aos diferentes meios por parte das populaçons, da mesma maneira as línguas mui estendidas apresentam-se em forma de diversas variedades geográficas caracterizadas por peculiaridades fonéticas, morfológicas ou léxicas. Contodo, estas diferenças, que surgem de vivências e influências privativas de cada comunidade restrita de falantes, nom atingem a ocultar os elementos comuns, de carácter fundamental, que ligam cada variante às outras do seu *sistema lingüístico;* e assi como as subespécies de umha mesma espécie som geneticamente compatíveis entre si, também entre todos os falantes de um sistema lingüístico a comunicaçom é, com mais ou menos dificuldade, possível.

Face à diversidade geográfica da língua oral de uso quotidiano, os sistemas lingüísticos tendem para umha uniformidade, assente por via de regra numha variante prestigiada, nos âmbitos da escrita e as realizaçons cultas. Esta uniformidade manifesta-se numha ortografia, léxico e, às vezes, pronúncia comuns, que conferem ao registo culto de umha língua umha capacidade de franquia no sistema de que nom gozam outros níveis de uso. Assi, por exemplo, no sistema germânico ocidental, os dialectos suíços acusam tantas divergências, principalmente de índole fonética, a respeito das variantes setentrionais do sistema, que a comunicaçom oral espontânea se torna mui dificultosa. Mas, por cima desta interferência, o alemám da Suíça e o da Alemanha (como o da Áustria) possuem umha ortografia basicamente coincidente, e nas realizaçons cuidadas é procurada umha aproximaçom do léxico, e mesmo da pronúncia.

O caso do galego é o de umha variedade (do sistema hispânico-ocidental, ou galego-português) que sofreu longos processos de isolamento, estagnaçom e penetraçom de outra língua. Mercê ao isolamento do resto do sistema, o galego foi adquirindo peculiaridades (poucas e, visando umha planificaçom do *corpus* da língua, legítimas) que o afastárom (minimamente) das outras variedades do sistema e o impedírom de incorporar soluçons geradas nelas; mercê à estagnaçom, o enriquecimento e diversificaçom do léxico ficárom quase detidos, ao ser o galego desprovido de cultivo escrito e registo culto; polo fenómeno da penetraçom por parte do castelhano (pertencente ao sistema hispânico-central), o galego viu deturpado o seu léxico (o do âmbito culto que desenvolvera e, sobretodo, do quotidiano) e alterados outros atributos, que em conjunto o afastárom (notavelmente e, no sentido acima exposto, ilegitimamente) das outras variedades do seu sistema.

É agora, quando se dam as condiçons sócio-políticas adequadas para o galego poder desfrutar em plenitude de cultivo escrito e realizaçons cultas, e quando se dispom de sólidos conhecimentos filológicos, que cumpre inserir o galego no seu sistema, fornecendo-lhe umha ortografia comum com as outras variedades do sistema. Neste sentido os aderentes do *isolacionismo* lingüístico comportam-se como biólogos nostálgicos do conceito monotípico da espécie, julgando as espécies e as línguas como soma de idênticos. Porém, a existência de espécies polimórficas (como a humana!) e variedades lingüísticas que figérom a sua reintegraçom ortográfica no tronco comum (como o fla-

mengo no neerlandês por meio do *algemeen beschaafd),* e outras que nom a necessitárom (andaluz, castelhano falado no Río de la Plata, inglês da Austrália, etc.), denuncia as suas incoerências. Por outra parte, justificar o antireintegracionismo baseando-se na (escassa) tradiçom da literatura galega de fins do s. XIX e XX, ignorando os condicionamentos culturais dessa época, que tornam a ortografia empregada um puro artefacto, é como insistir em reconstruir a filogenia dos Hominídeos com o crânio de Piltdown.

2. A HABILITAÇOM DO VOCABULÁRIO CIENTÍFICO

Pola natureza dos nossos trabalhos convertermo-nos em utentes habituais de galego científico e, de harmonia com as nossas convicçons reintegracionistas, recorremos habitualmente aos dicionários portugueses em caso de dúvidas (como fam, aliás, ainda que às vezes sem o reconhecerem, os escritores isolacionistas). Recentemente chegárom às nossas maos dous volumes (2) de léxico galego das Ciências Naturais, supervisados lingüisticamente polo Instituto da Língua Galega, cuja filosofia e conteúdo isolacionistas quigéramos glossar neste estudo.

Se o uso no galego de umha ortografia nom reintegracionista é, para além de antinatural, antieconómico, a habilitaçom de léxico culto e, em especial, científico com bases isolacionistas é, ao nosso ver, descabelado. Para os autores (e, por suposto, para os supervisores!) destes repositórios terminológicos o pressuposto fundamental é que o galego é umha língua isolada, como v. g. o basco, e que o que devem fazer é *criar ex novo.* Ora bem, a ousadia nom é tanta para os levar a fazerem algo original, senom que a invençom terminológica é (felizmente) escassa e utilizam um pouco de galego vivo, um algo de português, e um muito de castelhano. O submetimento léxico ao castelhano, de harmonia com o ortográfico, é forte e deixa-se sentir em múltiplos aspectos que serám analisados mais adiante. A este respeito é de salientar que, mesmo do ponto de vista isolacionista, em casos de conflito nas soluçons, a harmonia com o português, por cima de com o castelhano, deveria ser procurada, dado que se admite que, polo menos, o galego está mais estreitamente aparentado com o primeiro que com o segundo. Mas isto nom é assi, e é eloqüente nas Bibliografias apresentadas polos autores do *Vocabulario* aparecerem muitos mais textos em castelhano do que em galego-português (3).

O submetimento ao castelhano (auto-imposto? Imposto polos revisores lingüísticos?) chega mesmo a esmagar os desejos do autor do glossário de Biologia Fundamental: «...mentres que outros [termos] presentan disxuntivas nas que entra en xogo, sobre todo, o criterio de internacionalización. Entre outras

---

(2) VV.AA. 1988. *Léxicos. Matemáticas, Física e Química.* Junta de Galiza. Santiago de Compostela.
—A. Sanjuan López, M. A. Fernández Domínguez, M. P. Jiménez Aleixandre e P. Brañas Pérez. 1991. *Vocabulario das Ciencias Naturais.* Série *Didáctica, Metodoloxía e Materiais.* Junta de Galiza. Corunha.

(3) O autor do glossário de Geologia curiosamente inclui na sua bibliografia um interessante artigo de critério reintegracionista (A. Figueroa Panisse. 1987. O problema da fixação da linguagem científica numa língua em vias de normalização: O caso galego. *Cuadernos do Laboratorio Xeolóxico de Laxe,* 12: 303-311), mas depois ignora no glossário a maioria das vozes propostas nesse trabalho.

razóns, a ausencia dunha acción decidida a prol deste derradeiro criterio, motiva —en parte, digo— a adopción dalgunhas solucións ó meu entender non desexables, como a terminación en -asa (por -ase) nos encimas, ou en -osa (por -ose) nos glícidos, osíxeno (por oxíxeno), encima (por enzima), quilo e derivados (á par con kilo), etc.» (4).

Ainda que primariamente endereçados ao mundo do ensino, estes léxicos ganhariam em utilidade se incluissem, para além das equivalências castelhanas, as correspondentes noutros idiomas de tradiçom científica, libertando ainda o leitor de umha dependência psicológica do castelhano. Esta dependência do âmbito de cultura castelhana percebe-se já mui bem no próprio título do *Vocabulario,* pois que contendo apenas os glossários de Biologia e Geologia, é denominado *das Ciencias Naturais,* de maneira a dar impressom de a Física e a Química (o status da Matemática é especial) nom serem inclusas em tal categoria (5). Este erro conceptual é vulgar no currículo escolar espanhol, em que, com diferença ao que acontece na generalidade dos outros países, existe no ensino médio umha disciplina denominada *Ciências Naturais* (incluindo a Biologia e a Geologia) e outra chamada *Física e Química.*

A continuaçom segue umha relaçom, nom necessariamente exaustiva, de termos propostos nas duas obras consideradas que julgamos inaceitáveis, classificados segundo as *perturbaçons* que causam e os *vícios* lingüísticos que os originam. Por ter sido já reiteradamente denunciada, a questom ortográfica nom será tratada nesta análise, salvo em casos que afectarem particularmente o léxico científico. Os termos designativos de espécies ou grupos de espécies (taxons), pola sua peculiar posiçom dentro do léxico, merecem comentário à parte. As abreviaturas utilizadas som: B.F. (= glossário de Biologia Fundamental), Bot. (= glossário de Botânica), Fís. (= glossário de Física), Geol. (= glossário de Geologia), Mat. (= glossário de Matemática), MFQ (= glossário conjunto de Matemáticas, Física e Química), Quím. (= glossário de Química) e Zool. (= glossário de Zoologia); a. (= alemám), c. (= castelhano), f. (= francês) e i. (= inglês); m (= género masculino) e fe (= género feminino).

3. CRÍTICA LÉXICA GERAL

Neste apartado criticam-se alguns termos (nom taxons) propostos nas duas obras analisadas e cita-se em cada caso o substituto ideal. Este coincide sempre com a soluçom do português padrom (6), «código comum de civilizaçom» da nossa língua, já que «[n]o mundo da ciência, a linguagem tem de ser precisa, uniforme quanto possível e comum a todos. Os termos empregados devem definir fenómenos e processos com a máxima exactidão possível. A língua passa a ser assim, para o cientista, uma ferramenta de trabalho, um meio

(4) «Introducción» à secçom de Biologia Fundamental do *Vocabulario das Ciencias Naturais.*

(5) A confusom conceptual atinge o grau máximo na «Presentación» do *Vocabulario,* a cargo do Director Geral de Política Lingüística, já que nela se di: «[...] trátase dun traballo elaborado por un grupo de especialistas en Botánica, Xeoloxía, Bioloxía, Ciencias Naturais e Bioquímica [...]».

(6) Às vezes, existem vários termos sinónimos no português padrom, sendo entom proposto como ideal aquel mais freqüentemente usado na literatura científica. Há que ter em conta que nom raramente concorrem na língua *dobletes* ainda nom resolvidos (cromossoma/cromossomo; plasta/plastídio, etc.)

de comunicação, que facilite os intercâmbios de conhecimentos, base fundamental no processo de avanço científico» (7). A coincidência terminológica com o português padrom dá-se: 1.°, ao aceitar umha forma (p. ex.: *neurónio)* que, por pertencer exclusivamente ao registo culto, e ser muitas vezes de recente instauraçom, nom existe na fala espontânea galega (nom sendo sob a forma castelhana); 2.°, ao escolher, de entre umha série de variantes existentes no galego espontâneo, aquela que normalmente se emprega no português padrom (v. g., *eixo* deve ser preferido a *eixe)* (8); e 3.°, ao recomendar o uso, à par da variante galega mais aproximada à portuguesa, da forma do português padrom (v. g. *coalheira* com *coagulador,* cultismo de maior uso na literatura zoológica) (9).

3.a) *Incoerências.*

Trata-se do uso discordante de formas ou inconsistência na aplicaçom de algum critério. Estas incongrüências podem dar-se entre as duas obras analisadas, entre dous glossários da mesma obra, ou inclusive dentro do mesmo glossário:

—***adenosindifosfato (=ADP)*** é usado no B.F. junto a ***difosfato de adenosina.*** Independentemente da conveniência de empregar a abreviatura inglesa (internacional), julgamos preferível a forma **difosfato de adenosina,** por nom violentar a estrutura da língua e concordar com outros nomes de substâncias químicas (cloreto de potássio, p. ex.)

—***aire*** [Geol.] É curioso aparecer também **ar,** única forma válida em galego (será por contentar a todos?)

—***aparello*** [B.F.] / ***aparato*** [Zool.] *Aparato* significa «pompa», «magnificência»; para designar um instrumento ou o conjunto dos órgaos do corpo que colaboram numha funçom orgânica deve utilizar-se **aparelho.**

—***alopátrida / simpátrida / estasipátrica*** [B.F.] Estes epítetos da especiaçom devem levar todos um 'd' no segundo elemento da composiçom, de harmonia com a palavra *apátrida.* Portanto, especiaçom **estasipátrida.**

—***baixío / banco de area / duna / barra*** [Geol.] Produze-se nas definiçons destas quatro entradas umha confusom total. De um lado dá-se como sinónimo da primeira ***lombo de area,*** equivalendo ao castelhano «banco de arena». Mas isto nom é apropriado, pois que umha **lomba** designa a cumeada de um monte, ou em todo o caso umha duna, nom um **baixio** ou **banco de areia** (extensa elevaçom do fundo do mar, quase até à superfície). Na segunda das entradas dam-se os falsos equivalen-

(7) A. Figueroa Panisse: *op. cit.,* p. 305.

(8) Nestes casos o critério isolacionista, totalmente *antieconómico,* leva freqüentemente a seleccionar aquela variante alheia ao português padrom, desde que esteja mais estendida na Galiza (primazia-se assi umha certa fracçom de dous milhons de falantes frente a mais de 130 milhons!)

(9) Este terceiro critério é de muito menor rendimento que os dous anteriores, salvo no caso dos nomes populares de plantas e animais, como se verá mais adiante.

tes castelhanos *duna, barra,* enevoando ainda mais a questom e nom dando nengum sinónimo galego, como v. g. **baixio;** isto fai-se na quarta entrada, ***barra,*** onde se cita o sinónimo ***banco de area.*** Para resumir, umha cousa é um **baixio** ou **banco de areia,** outra mui diferente umha **duna, médao,** ou **lomba,** e umha terceira umha **barra** (entrada de um porto), se bem esta última pode designar em ocasions um dique submarino formado junto da costa polos materiais arrastados polas águas de um rio, com um significado próximo a **baixio,** mas nom sinónimo deste.

—***capa*** [germinal, lipídica...] / ***bicamada.*** Estes dous termos contraditórios som usados no B.F., mas *capa* designa apenas em galego umha peça do vestuário ou a letra 'k'; a ideia de estrato é denotada por **camada** (germinal, lipídica, electrónica, etc.).

—***cigoto, cigoteno*** [B.F.] / ***zigomorfo*** [Bot.] Para os primeiros elementos destes termos deve tomar-se **zigo-,** concordante com o étimo grego *zygos.* De outro lado, use-se **zigóteno** (voz esdrúxula ao igual que leptóteno, paquíteno, e diplóteno).

—***circonio*** [Quím.] / ***circonio*** [MFQ] / ***zirconio*** [MFQ]. No MFQ aparecem estas duas entradas, a galega *circonio* que dam como equivalente da castelhana *circonio,* e a galega *zirconio* que se corresponde com a castelhana *zirconio* (!). Na parte Castelhano-Galego temos unicamente *circonio.* De acordo com a etimologia usará-se só **zircónio.**

—***citoquinese / cinetocoro.*** O elemento grego que denota «movimento» (de *kínesis)* deve ser usado nestas duas vozes (do B.F.) com a mesma grafia (ou com 'c' ou com 'qu'). Optamos pola grafia 'c', de harmonia com a forma do elemento grego que denota «célula» *(cito,* de *kytos).* Portanto, a forma ideal é **citocinese.**

—***complexo*** [B.F.] Falta nesta entrada a indicaçom de pronúncia '[ks]' do xis, como, p. ex., em «carboxilo».

—***descontinuo*** [Mat.] / ***discontinuo*** [Fís.] Esta incongruência vê-se reforçada ao dar-se na parte Castelhano-Galego como única voz válida tanto em Matemáticas como em Física ***descontinuo.*** Use-se sempre **descontínuo** e **descontinuidade.**

—***diáclase / ortoclasa / plaxioclasio*** [Geol.] Produze-se confusom quando aparecem na mesma página de um lado unicamente a entrada ***plaxioclasio*** e de outro em tabela a rodapé ***plaxioclasa.*** O étimo grego *klásis* («fractura») dá em galego-português as terminaçons **-clase** e **-clásio.** Ambas as soluçons pervivem na língua de maneira desigual: **diáclase, plagióclase** ou **plagioclásio, ortóclase** ou **ortoclásio** (também **ortose,** do f. *orthose),* etc.

—***encima*** [B.F.] / ***enzima*** [na entrada «CoA» do B.F.] Pola etimologia da palavra, e pola harmonia com outras línguas (i.: enzyme; a.: Enzym; f.: enzyme; c.: enzima), preferimos a forma **enzima.**

—***espora*** [B.F.] / ***esporo*** [Bot.] Para se referir à célula germinal deve empregar-se **esporo;** «espora» designa o instrumento com que o cavaleiro instiga a montada.

—***exercicio*** [Fís.] Idem que em «complexo».

—***incre*** [Zool.] é o único ossículo do ouvido médio que se cita (variante em harmonia com o português: **bigorna).** Os outros ossículos som o **martelo** e o **estribo.**

—***notocorda*** [Zool.] / ***notocordio*** [B.F.] Para significar a corda dorsal, utilize-se **notocórdio.**

—***plastidos*** [B.F.] / ***plástido*** [Bot.] Deve empregar-se «o **plasta**» ou «o **plastídio**».

3.b) *Isolamento do termo galego nas listas abertas (multilíngües) de palavras.*

Esta perturbaçom, que atenta contra a *cientificidade* da língua procede, no seu cariz mais leve, da adopçom de umha ortografia marcadamente anti-etimológica e, no mais insidioso, do hiper-enxebrismo e vulgarismo:

3.b.1) *isolamento por hiper-enxebrismo ou hiper-purismo.*

Neste vício incorre, p. ex., o autor do B.F. ao escrever na sua «Introducción» *verbas* (por *palavras)* ou *neste eido* (por *neste campo):*

—***adro*** [B.F.] *Adro* é o terreiro em frente ou à volta de umha igreja. Para designarmos umha estrutura anatómica vestibular em que embocam vários ductos (p. ex. no aparelho reprodutor dos Gastrópodes), devemos empregar o cultismo **átrio** (i.: atrium; a.: Atrium; f.; atrium; c.: atrio).

—***auguento*** [Geol.] É voz popular nom própria deste contexto. Em galego, como noutras línguas, temos o cultismo **aquoso.**

—***baleiro*** [B.F.] Como adjectivo, o emprego deste termo, exclusivamente galego, está justificado; ora bem, como substantivo, só é aceitável **vazio** ou **vácuo** (i.: vacuum; a.: Vakuum; f.: vide; c.: vacío).

—***escala, escada (biolóxica?)*** [B.F.] *Escada* (série de degraus para subir e descer) nunca pode significar «sucessom» ou «seqüência», requisito imprescindível para se poder utilizar com *biológica.* Recomendamos **escala** (i.: scale; a.: Skala; f.: échele; c.: escala). Por outra parte, parece fora de lugar a censura ideológica que exprime o autor nesta entrada com o signo '?'.

—***illamento reproductivo*** [B.F.] Nom se produzindo necessariamente nas ilhas, e tendo em conta o étimo latino, deve dizer-se **isolamento repro-**

dutivo (i.: reproductive isolation; a.: geschlechtliche Isolation; f.: isolement reproductif: c.: aislamiento reproductivo).

—***tarrelo*** [Bot.] Desconhecemos a origem deste termo, proposto para designar a excrecência em forma de penacho sobreposta a certas sementes, após a florescência, mas em galego deve dizer-se **papo** (i.: pappus; a.: Pappus/Haarkrone; f.: pappus; c.: papo/vilano).

3.b.2. *isolamento por vulgarismo.*

Se o léxico quotidiano da *norma isolacionista* nom está isento de vulgarismos (grupo «ca» por «qua» ou «coa» em *qualidade, coalhar,* p. ex.), o léxico científico nom se irá tampouco librar deles:

—***compoñente*** [B.F.] Da harmonia com o étimo latino, e as correspondências noutras línguas, deve admitir-se o cultismo **componente** (i.: component; c.: componente).

—***palatocadrado*** [B.F.] O nome deste osso consta de dous elementos latinos (procedentes de *palatus* e *quadratus),* que devem conservar, quanto possível, a sua forma original. O adequado, pois, é o cultismo **palatoquadrado** (i., f.: palatoquadratum; a.: Palatoquadratum; c.: palatocuadrado).

3.b.3) *isolamento pola ortografia e morfologia.*

Nom é só que para os isolacionistas *Geologia* se transforme em *Xeoloxía,* renegando, contrariamente à *filosofia* normativa que proclamam, da etimologia e a harmonia com todas as outras línguas (aspecto este da supressom na norma isolacionista da letra jota e os grupos «ge», «gi» que agora obviamos), mas também:

—***pole*** [B.F. e Bot.] Com diferença a palavras de uso quotidiano como *crime,* ou mesmo *viage(m),* **polem** (ou **pólen)** é um termo culto que deve conservar-se próximo ao étimo latino (cultismo: com m/n final), de harmonia, aliás, com as outras línguas (i.: pollen; a.: Pollen; f.: pollen; c.: polen).

—***sabana*** [Bot.] Só em castelhano **savana** é com 'b' (i.: savannah; a.: Savanne; f.: savane; c.: sabana).

—***seme*** [B.F. e Zool.] Polo exposto em ***pole,*** deve usar-se **semem** ou **sémen.**

3.c) *Afastamento do português por submetimento ao castelhano.*

Como pertecente ao mesmo sistema lingüístico, o português padrom deve ser a fonte natural de empréstimos e soluçons para habilitarmos um léxico científico galego. A dependência terminológica do castelhano empobrece em muitos casos a língua (cf. *infra)* e é inútil se se aspira a que a cultura seja

adquirida em galego polas novas geraçons. As divergências com o português (e assimilaçons ao castelhano) achadas nos glossários som:

3.c.1) *divergências morfológicas.*

—***alóctono*** [Bot. e Geol.] por **alóctone.**

—***amperio*** [Fís.] por **ampere,** unidade de intensidade de corrente eléctrica.

—***analizar*** [Quím.] por **analisar.** É curiosa a evoluçom desta palavra; quando há uns anos o próprio ILG propunha, esta vez si, correctamente, a voz *analisar* (de *análise),* agora inclinam-se por ***analizar*** (e porquê nom *análize,* ou *análice,* na grafia castelhana que eles usam).

—***azote*** [Quím.] por **azoto** (também **nitrogénio).**

—***cáliz*** [Bot.] O invólucro floral de sépalas é o **cálice.**

—***celulosa*** [Bot.] por **celulose.**

—***cénit*** [Geol.] por **zénite.** A terminaçom '-t' apenas pervive em palavras latinas como **deficit** ou **superavit,** tendendo no entanto a língua à sua eliminaçom, como em **défice,** hoje em dia mais usual que **deficit.**

—***ciclón*** [Geol.] por **ciclone.**

—***cofia*** [Bot.] por **coifa** (sinónimo de **caliptra** quando designa a urna dos musgos e de **pileorriza** quando se refere à formaçom do ápice radical).

—***cono*** [Bot. e Mat.] por **cone.**

—***decuso*** [Bot.] por **decussado.**

—***defoliación*** [Bot.] O prefixo de origem latina significando privaçom ou afastamento apresenta em galego-português quase sempre a forma «des-»: assi, **desfoliaçom** (ou **desfolha).**

—***desforestación*** [Bot.] Por cima de **desflorestaçom** (e **desarborizaçom)** é mais usual **desflorestamento.**

—***feldespato*** [Geol.] De harmonia com a etimologia alemá *(Feldspath,* «espato do campo»), use-se **feldspato.**

—***glicosa*** [B.F.] por **glicose.**

—***glicóxeno*** [B.F.] por **glicogénio.**

—***gramo*** [Fís.] por **grama.**

—***hasta*** [Zool.] por **haste.**

—***marea*** [Geol.] por **maré.**

—***rapaz*** (ave) [Zool.] por **rapace** (=ave de rapina).

—***zinc*** ou ***cinc*** [Quím.] por **zinco.**

3.c.2) *divergências no género gramatical.*

—***o iris*** [Zool.] por **a íris.**

—***o torrente*** [Geol.] por **a torrente.**

3.c.3) *divergências na acentuaçom.*

—***anisogamia*** [aniso'gamia] [Bot.] por **anisogamia** [anisoga'mia].

—***batiscafo*** [Geol.] por **batíscafo,** também **batisfera.**

—***cerebro*** [Zool.] por **cérebro.**

—***ciato*** [Bot.] por **cíato.**

—***electrodo*** [Fís. e Quím.] por **eléctrodo.**

—***epidemia*** [epi'demia] [Zool.] por **epidemia** [epide'mia].

—***espádice*** [Bot.] por **espadice.**

—***filoxenia*** [filo'xenia] [Zool.] por **filogenia** [filoge'nia].

—***hemacía*** [Zool.] por **hemácia.**

—***hemorraxia*** [hemo'rraxia] [Zool.] por **hemorragia** [hemorra'gia].

—***médula*** [Zool.] por **medula.**

—***neotenia*** [neo'tenia] [Zool.] por **neotenia** [neote'nia].

—***océano*** [Geol.] por **oceano.**

3.c.4) *divergências léxicas.*

Som as divergências mais graves, pois que nalguns casos acarretam mutaçons nos campos semânticos, no sentido de simplificá-los, emprobrecendo-se a língua. Às vezes o submetimento ao castelhano nom determina umha substituiçom terminológica, mas umha alteraçom na freqüência de uso de sinónimos:

—***acantilado*** [Geol.] por **cantil,** ou a forma portuguesa **alcantil;** também **precipício, despenhadeiro.**

—***aleta*** [Zool.] por **barbatana.**

—***amidón*** [B.F.] por **amido.**

—***ano*** [Zool.] por **ânus** (da mesma maneira que é conveniente que o nome da letra 'q' nom se confunda como o ânus, o tempo que gasta a Terra a dar umha volta em torno do Sol nom deve associar-se ao cu!)

—***arsénico*** [Quím.] por **arsénio** (elemento químico). **Arsénico** é o nome vulgar do hexóxido de arsénio (III), anteriormente chamado anidrido arsenioso, que é veneno muito enérgico.

—***artello*** [Zool.] Cada um dos segmentos em que se divide um apêndice ou extremidade dos animais articulados deve denominar-se **artículo.**

—***astato*** [Quím.] por **ástato** ou **astatínio** ou **astatina.**

—***autotrofo*** [Bot.] por **autotrófico.**

—***barlovento*** [Geol.] por **barlavento.**

—***brancos*** [B.F.] No sentido de «fim», «objectivo», deve dizer-se **alvo.**

—***cambium*** [Bot.] por **câmbio.**

—***caolín*** [Geol.] por **caulino** ou **caulim.**

—***cara*** (de umha folha ou de um poliedro) [Bot. e Mat.] por **face.**

—***cardinal*** [Geol.] por **cardeal:** pontos cardeais.

—***céspede*** [Bot.] por **relva.**

—***ciste*** [B.F.] por **quisto.**

—***codia terrestre*** [Geol.] / **códea terrestre** [Fís.] Por mais que em castelhano à zona cortical da Terra assente sobre o manto se lhe chame com o mesmo termo que à fracçom externa e dura do pam (e por mais que o mesmo aconteça em inglês, e que em alemám designe a casca das árvores), **côdea** em galego só pode estar presente no pam, queijo e árvores. *Corteza terrestre, crust e Erdrinde* di-se em galego **crusta,** vocábulo que serve para nomear ainda a carapaça dos Crustáceos.

—***conducto*** [B.F.] O emprego do castelhanismo *conducto* com o sentido de «meato» causa empobrecimento, já que o galego deve difenciar entre o cultismo **ducto** (= meato) e **conduto** (= canal, rego).

—***corindón*** [Geol.] por **corindo** ou **coríndon.** Também denominado, embora muito menos freqüentemente, **corundo** ou **telésia.**

—***cotiledón*** [Bot.] por **cotilédone.**

—***cráter*** [Geol.] por **cratera,** do latim *cratera* («abertura vulcânica da terra»).

—***cromo*** [Quím.] por **crómio,** muito mais usual em português que **cromo.**

cubreobxecto (preparaçom para microscópio) [B.F.] por **lamela** (também **cobre-objecto).**

—***cultivo*** [B.F.] por **cultura.**

—***cunca*** [Geol.] **Cunca** (ou **conca)** designam em galego umha laia de re-

cipiente, ou o pavilhom da orelha, mas nunca o território cujas águas vam dar a um mesmo rio, ou a um mesmo mar, ou parte de um mar. Este chama-se **bacia.**

—***dina*** (fe) [Fís.] por **dine** (m), unidade de força.

—***durame*** [Bot.] por **cerne** *(durame* é mais raro que *cerne* em português padrom).

—***einstenio*** [Quím.] por **einstêinio,** de Einstein.

—***eiruga*** [Zool.] por **lagarta.**

—***embarazo*** [B.F.] sendo sinónimo neste contexto de **gravidez,** nom devia causar embaraço algum a preferência de uso desta segunda palavra.

—***enlace*** (químico) [Quím.] por **ligaçom** (covalente, iónica...)

—***espesor*** [Fís.] por **espessura.**

—***estilo*** (parte do gineceu da flor) [Bot.] por **estilete.**

—***estolón*** [Bot.] por **estolho** *(estolom* é umha estola grande que o diácono pom para os ofícios da Quaresma).

—***folla (blastodérmica)*** [B.F.] por **folheto (blastodérmico).**

—***gameto*** [Zool.] por **gâmeta** (m).

—***gramo*** (m) [B.F.] por **grama** (m).

—***grao*** [Fís., Quím. e Mat.] Com nom pouca alegria se dá esta voz como equivalente do castelhano *grado.* Felizmente o galego culto diferencia entre **grao** («corpúsculo arredondado» ou «semente das gramíneas e de alguns legumes»), **grau** («nonagésima parte de um quadrante circular» ou «cada umha das partes em que se divide umha escala»; cf. i. *degree)* e **grado** (i. *grade,* «centésima parte de um quadrante de circunferência»). O erro provém de traduzir literalmente do castelhano, idioma em que umha só voz, *grado,* designa os dous últimos conceitos.

—***guerlas*** [Zool.] *Guerlas,* ou *galadas,* é dado como equivalendo ao termo castelhano *agallas,* mas este somente se aplica aos peixes; contrariamente, em galego-português, **guelras** som os órgaos da respiraçom aquática, além de nos peixes, noutros animais (como nas larvas de Anuros ou girinos) e concorre com o termo **brânquia** (cf. i. *gill).*

—***henrio*** [Fís.] por **henry,** unidade de indutância.

—***herdanza*** (genética) [B.F.] por **hereditariedade.**

—***hertzio*** [Fís.] por **hertz,** unidade de freqüência.

—***hidrocarburo*** [B.F.] por **hidrocarboneto.** Do mesmo jeito, em vez de *halóxeno, haluro* e *ioduro* deve utilizar-se, resp., **halógeneo, halogeneto** e **iodeto.**

—***hidróxeno*** [Quím.] por **hidrogénio.**

—***hospedador*** [B.F.] (parasitismo) por **hospedeiro.**

—***intersecar*** [Mat.] por **intersectar.**

—***lignina*** [Bot.] Nom se inclui a variante (mais usual) de **lenhina.**

—***lóbulo*** [Bot.] Lóbulo é diminutivo de **lobo,** que nom aparece.

—***madureza*** (sexual) [Zool.] por **maturidade.**

—***manganeso*** [Quím.] por **manganésio** ou **manganés.**

—***manglar*** [Bot.] por **mangue.**

—***medusa*** [Zool.] dá-se como sinónimo de **augamar** (espécies da Classe Scyphozoa; em português padrom chamadas **alforrecas),** mas **medusa** deve designar, como **pólipo,** apenas umha fase do ciclo vital (a de reproduçom sexual e, polo geral, vágil) dos Cifozoários (medusas sem véu, ou acalefas), dos Hidrozoários (medusas com véu, ou craspedotas) e das Cubomedusas (medusas com um falso véu ou velário).

—***micra*** [Fís. e Mat.] por **mícron** (pl. *mícrones)* ou, melhor, **micrómetro.**

—***mol*** (quantidade de substância) [Quím.] por **mole** (fe). Como plural de ***mol*** dá-se *moles,* forma correcta, mas por vir de **mole.**

—***morteiro*** [B.F.] Além de morteiro, existe **almofariz.**

—***neurona*** [B.F.] por **neurónio.**

—***nitróxeno*** [B.F.] **Nitrogénio** deve ser preterido a **azoto.**

—***obxectivo*** (m) (do microscópio) [B.F.] por **objectiva** (fe); analogamente, por tratar-se de *lentes,* **ocular** (fe).

—***ohmio*** [Fís.] por **ohm,** unidade de resistência eléctrica.

—***palanca*** [Fís.] por **alavanca.**

—***pene*** [Zool.] por **pénis.**

—***percorrido*** [Fís.] por **percurso.**

—***peroneo*** [Zool.] por **perónio.**

—***pétalo*** (m) [Bot.] por **pétala** (fe).

—***pila (sic)*** [Fís.] Nom parece conveniente sacá-la no laboratório, pois poderia cair-lhe um ácido por cima. Por razons óbvias use-se **pilha.**

—***platino*** [B.F. e Quím.] por **platina** (elemento químico). O termo **platino** designa em galego a um natural ou habitante de La Plata.

—***pluma*** [Zool.] **Pluma** é considerado sinónimo do castelhano *pluma,*

mas na realidade *pluma,* em castelhano, equivale a **pena** em galego. **Pluma** em galego significa «pena pequena», «plumom».

—***poboación*** [B.F.] Para designar umha comunidade reprodutiva de animais ou vegetais que *povoa* umha área dada, e também para fazer referência à totalidade dos habitantes de umha *povoaçom,* deve empregar-se o cultismo **populaçom** (i.: population; a.: Population; f.: population). Assi dirá-se: A vila (nom *povo!)* do Carvalhinho é umha povoaçom com umha populaçom de 11.000 habitantes; e também: A populaçom de amieiros deste vale...

—***portaobxecto*** (preparaçom para microscópio) [B.F.] por **lâmina** (também **porta-objecto).**

—***posta*** (de ovos) [Zool.] por **postura.**

—***prometeo*** [Quím.] por **prométio.**

—***radián*** [Fís.] por **radiano,** unidade de medida de ângulos.

—***reactivo*** [B.F.] por **reagente.**

—***retícula*** [Zool.] Para fazer referência à segunda parte do estômago dos Ruminantes, o termo **retículo** é raro em português padrom. Mais comum é **barrete** (compare-se com o castelhano *bonete)* ou **crespina.**

—***ribeirán*** [Geol.] Para designar algo que existe cercano às margens de un rio, deve empregar-se o adjectivo **ribeirinho.**

—***rozamento*** [Fís.] por **atrito** ou **fricçom.**

—***sépalo*** (m) [Bot.] por **sépala** (fe).

—***sílice*** [Geol.] Apesar do que pom o glossário, **sílice** em galego equivale a **sílex** (palavra galega e castelhana); o componente fundamental do quartzo (dióxido de silício) é a **sílica,** esta si, equivalente da palavra castelhana *sílice.*

—***sima*** [Geol.] por **algar.**

—***táboa*** [B.F. e Quím.] Ainda que **tábua** poda designar nalgum caso um quadro ou lista (de logaritmos, p. ex.), o termo normal deve ser **tabela.** Assi: Tábuas de carvalho para serrar, mas **tabela** das percentagens de carvalhos afectados pola praga de Escolítidas.

—***tapón*** [B.F.] por **tampa.**

—***talo*** [Bot.] Atribui-se a *talo* as equivalências castelhanas de *talo* e *tallo.* Mas estes dous valores som contraditórios, já que o **talo** representa umha etapa de desenvolvimento filogenético prévia ao *cormo,* que inclui o **caule** galego e o *tallo* castelhano.

—***tépalo*** (m) [Bot.] por **tépala** (fe).

—***trixémino*** (nervo) [Zool.] por **trigémeo.**

—***turba*** [Bot.] por **turfa.**

—***umbrela*** [Zool.] Para denominar a parte campanulada da medusa deve ser preferido o termo **umbráculo.**

—***vaíña = vaxa = casulo = bagullo*** [Bot.] Para fazer referência à parte basilar de umha folha vegetal que envolve, mais ou menos, o caule deve empregar-se o termo **baínha,** mas para significar o tipo de fruto das Leguminosas (legume) deve dizer-se **vagem.**

wolframio [Quím.] por **tungsténio,** forma preferível a **volfrâmio,** que também existe.

—***xulio*** [Fís.] por **joule,** unidade de energia (se James Joule [nom Santiaguiño Xulio!] levantar a cabeça...)

—***zafiro*** [Geol.] por **safira** do grego *sáppheiros,* polo latim *sapphiru-,* ou a menos usual **zafira.**

3.d) *Afastamento do português padrom pola escolha de umha determinada variante geográfica (dialectal).*

É freqüente haver no galego para cada conceito umha série de vocábulos com certas diferenças segundo as distintas regions da Galiza, como corresponde a umha variedade lingüística que nom gozou, até há pouco tempo, de cultivo escrito nem centro normador. Verifica-se para muitos termos, como para outros fenómenos lingüísticos, que as variantes do Sul da Galiza se correspondem com as do Norte de Portugal, de maneira que existe umha continuidade na fala, nom umha cessaçom brusca, apesar da fronteira política (10). Para o emprego no campo da ciência (com diferença ao que acontece na literatura) é conveniente a selecçom de umha variante em cada caso, e resulta totalmente antieconómico nom propor como normativas as formas galegas que estám também no português padrom, ainda que pretensamente «menos estendidas» (na Galiza). A seguir figuram aqueles casos em que os autores das obras analisadas nom seguírom esta filosofia, por remeterem o leitor a outra variante na entrada de um termo comum com o português, ou por nom aparecer este em absoluto.

—***abázcaro*** [Zool.] Para designar o indivíduo (masculino) que, entre as abelhas, pode fecundar a **abelha-mestra** deve empregar-se **zângao,** ou **zângano,** já que a variante proposta é minoritária.

—***abeiro*** [Geol.] por **abrigo** (forma esta comum com as outras variantes do sistema). Dá-se como sinónimo desta voz ***acubillo;*** nom parece

(10) Também neste aspecto as línguas e as espécies de seres vivos som assimiláveis!

porém que **acovilhar** (meter em covil) se deva usar num contexto geológico, válida no entanto em Zoologia.

—***acio*** (inflorescência) [Bot.] por **cacho** (a variante mais freqüente na bibliografia) ou **racimo.**

—***afondar*** [Geol.] por **afundar, aprofundar, profundar.**

—***agromar*** [Bot.] por **abrochar** (em português padrom, **desabrochar).**

—***calleiro*** [Zool.] por **coalheira.** Contodo, é mais freqüente na literatura zoológica o cultismo **coagulador** para designar a quarta parte do estômago dos Ruminantes. Outro nome aceitável é **abomaso.**

—***cenfollas*** [Zool.] por **centafolho.** Outras designaçons da terceira parte do estômago dos Ruminantes som **folhoso** (a mais freqüente na literatura científica) e **folho.**

—***cerna*** [Bot.] por **cerne.**

—***debagar*** [Bot.] por **debulhar.** *Debagar* tem ainda o problema de poder ser confundido, na fala galega (e na de Chaves!), com *devagar.*

—***deda*** [Zool.] Esta forma, que se nos assegura significa «**dedo do pé humano**», é ignorada pola maioria dos falantes galegos e nom está presente no português padrom. Portanto parece recomendável prescindir dela.

—***eixe*** [Zool.] por **eixo.**

—***embigo*** [Zool.] por **umbigo,** a forma normal em português.

—***entena*** [Zool.] por **favo.**

—***envelenamento*** [B.F.] por **envenenamento.**

—***incre*** [Zool.] por **bigorna** (ossículo do ouvido médio).

—***lóstrego*** [Geol.] ***relampo, alustro, relustro,*** e ***lustro*** som vozes populares ou dialectais, devendo-se preferir a supra-dialectal **relâmpago.**

—***mol*** [Geol.] por **mole** ou **brando.**

—***póla*** [Bot.] por **ramo** (que nom aparece entre as variantes; porém, figura *ramallo).*

—***ril*** [Zool.] por **rim.**

—***saiba*** [Bot.] por **seiva.**

—***vimbio*** [Bot.] por **vime.**

—***xeo*** [B.F.] por **gelo.**

—***xofre*** [B.F.] por **enxofre.**

3.e) *Registo errado ou nível de uso inadequado.*

Nom todos os sinónimos som *absolutos,* quer porque há mui poucos pares de palavras que signifiquem *exactamente* o mesmo, quer porque ainda denotando o mesmo conceito, a substituiçom de um termo por outro quebra o registo do discurso (vulgar, familiar, académico, elevado, etc.), criando estranheza. A linguagem científica é um código que, por aspirar à máxima exactitude e objectividade (ou falta de emotividade), acusa sensivelmente o emprego equivocado destes «falsos sinónimos». A continuaçom som enumerados aqueles termos que julgamos inaceitáveis, por vulgares, num contexto científico, ou que significam algo diferente do que os autores dam a entender. Como se há ver, mais que nada, estas perturbaçons som devidas a diferencialismo a respeito do castelhano.

—***beizo*** [Zool.] A palavra **beiço** nom pode substituir a **lábio** (que nom aparece no glossário) em todos os contextos, já que **lábio,** além de dar a raiz de que se formam os adjectivos correspondentes, é um termo de significaçom mais ampla que **beiço.** Este apenas se aplica às excrecências carnudas na entrada da boca dos Vertebrados, entanto que **lábio,** por analogia, também se refere a certas estruturas de Invertebrados (peças da armadura bucal de Insectos e Equinoideos, p. ex.), da corola das flores (labiadas) e da vulva genital.

—***bugallo*** [Bot.] Como *carrabouxo, bugalho* é um termo popular, e nom pode substituir na bibliografia científica a **cecídia.**

—***cabezolo*** [Zool.] Cabeçolo, cágado, caganato, peixe-sapo, cabeçudo, trincaldo, trinquelho, peixe-cabeçudo, colherete, e outros som nomes populares, empregues segundo as diferentes regions, para designar as larvas aquáticas dos Anuros. Mas a denominaçom culta, supra-dialectal, é **girino.** (Tenha-se em conta, por outra parte, que *cágado* em português padrom designa o sapo-concho).

—***camiño de Santiago / carreiro das estrelas / carreiro de Sto. Andrés / vía láctea*** [Geol.] Na primeira destas entradas remete-se a ***Vía Láctea,*** nom acontecendo o mesmo na segunda e na terceira delas, as quais unicamente se dam como sinónimos entre si. Por outra parte, em ***vía láctea*** volvem-se citar como sinónimos as três primeiras. **Caminho de Santiago, Carreiro das Estrelas, Carreiro de Santo André, Estrada de Santiago, Carreiro de Santiago,** etc., som nomes populares que está bem citar, mas indicando que o som, e remetendo sempre ao nome culto **Via Láctea.** Alem disso, cumpre ter em conta que os nomes das estrelas e constelaçons devem ir sempre em maiúsculas, por muito que se diga na Introduçom do Glossário: «Por convención, tódalas palabras e expresións van en minúscula, mesmo os nomes propios», contradizendo o emprego das grafias ***Santiago*** ou ***Sto. Andrés,*** ou mesmo ***Vía Láctea*** numha das entradas.

—***carro das estrelas / carro do ceo / carro grande / osa maior / setestrelo*** [Geol.] Remetem-se toda estas soluçons a ***setestrelo*** que incrivelmente se dá como voz padrom. O nome da constelaçom é **Ursa Maior,** sendo o resto vozes populares *(vide **camiño de Santiago*** acima). Tenha-se em conta, aliás, que **Sete-Estrelo** é a designaçom vulgar em português do precioso enxame aberto das **Plêiades** na constelaçom do **Touro,** que nada tem a ver com a **Ursa Maior.** Outros nomes populares desta constelaçom circumpolar som **Carro de David** ou **Caçarola.**

—***caveira*** [B.F.] é termo vulgar; deve empregar-se **crânio.**

—***chan*** [Geol.] **Chao** dá-se como sendo sinónimo de **solo,** mas estas duas palavras nom som intercambiáveis num (con)texto científico, já que a primeira denota simplesmente a superfície da terra que se pisa, entanto a segunda compreende as diferentes camadas, estratificadas em profundidade, com componentes orgânicos e minerais, que assentam sobre a rocha matriz.

—***chapeo*** [Bot.] dá-se como sinónimo de *sombreiro,* presumivelmente no sentido de «parte superior do corpo dos cogumelos, em forma de umbela». Porém, **chapéu** é termo popular; o culto é **umbráculo.**

—***colo*** [Zool.] Contrariamente ao que se di no glossário, o termo **pescoço** nom é vulgar e nom deve ser substituído por **colo,** que tem umha significaçom anatómica mais ampla (e imprecisa) ao denotar, por umha parte, a regiom do pescoço e os ombros, e por outra, o regaço.

—***cortiza*** [B.F.] figura como equivalente do termo castelhano *corteza,* referindo-se, presumivelmente, à camada externa de certos órgaos do corpo. Mas **cortiça** deve reservar-se para designar a casca da sobreira e de outras árvores, o material de uso industrial correspondente, ou umha camada suberosa derivada do felogénio na raiz e no caule. Para se referir à camada periférica de, v. g. o rim, o ovário ou o cérebro, deve utilizar-se o cultismo **córtex.**

—***cuspe*** [B.F.] termo vulgar, por **saliva.**

—***embigueira*** [Zool.] é termo popular; o culto é **cordom umbilical.**

—***gorxa*** [Zool.] **Gorja** é termo popular; o culto é **garganta.**

—***lentella*** [Zool.] **Lentelha** é termo popular; o científico é **cisticerco.**

—***pinga*** [Quím.] por **gota. Quarenta gotas de cloreto de hidrogénio,** e nom *corenta pingas de cloruro de hidróxeno.*

—***plumada, pelota*** [Zool.] nom podem substituir num contexto científico a **egagrópila.**

—***queixo*** [Zool.] é termo vulgar; o culto, **mento.**

—***rabo*** [Zool.] é termo vulgar; o culto, **cauda.**

—***remoer*** [Zool.] é termo nom próprio da literatura zoológica; no seu lugar deve aparecer **ruminar** (os Ruminantes).

—***ruxidoira*** [Geol.] Dá-se como sinónimo de ***fervenza,*** ambos os termos claramente populares, que nunca podem substituir a **catarata** ou **catadupa.**

—***seixo*** [Geol.] **Seixo** nom é sinónimo de **quartzo** (ou **quarço),** como figura no glossário, pois o primeiro termo tem o significado aproximado de «calhau», por mais que este seja constituído por quartzo, e o segundo designa um mineral.

—***xermolación*** [B.F.] Dá-se como sinónimo de *germolaçom* **germinaçom,** mas *germolar* significar «botar germolo ou rebento», «grelar» (umha planta adulta), e o termo *germinar* deve reservar-se para a significaçom de «produzir plântula umha semente».

3.f) *Problemas especiais causados por umha (orto)grafia selvagem.*

A norma galega anti-reintegracionista prescreve, cedendo ante, e promovendo, a vulgarizaçom da língua, que, quando numha palavra concorrem o valor «culto» ([ks]) e o «patriomonial» ([ʃ]) da letra xis, se grafe apenas o xis «patrimonial», substituindo o xis «culto» por um esse, pretensamente para facilitar a pronúncia. Esta regra, talvez devida, mais que ao desejo de alhanar a elocuçom, ao intuito de ocultar nalgumha medida a super-abundância de xis que exige a norma isolacionista, tem para o código científico conseqüências perigosas. Com efeito, certos elementos de origem grega e latina que incluem um xis (de valor fónico culto), e que apresentam muito rendimento na linguagem científica por servirem na composiçom de palavras, mudam o significado quando, por imposiçom da grafia isolacionista, trocam o xis por um esse. Outros problemas análogos surgem pola mera substituiçom do gê etimológico por um xis.

—***antíxeno*** [B.F.] Nas línguas «normais» este termo grafa-se com 'g' **(antígeno** no nosso caso), por proceder o seu segundo elemento do verbo grego *gennao* (engendrar). Por suposto, a etimologia do termo **antígeno** condiz com o conceito a que remete, pois que evoca a geraçom (-geno) de algo contrário (anti-), verificando-se que os elementos antigénicos induzem a síntese por parte do organismo de substâncias **(anticorpos)** neutralizadoras. Ora bem, se se transforma o termo **antígeno** em **antíxeno,** o segundo elemento da composiçom passa a ser *xenos* (estrangeiro, alheio), como em xenofobia, e a análise etimológica do «novo» termo evocará necessariamente o conceito «contrário ao alheio». Porém, esta é justamente a ideia que corresponde a **anticorpo,** e entom acontece que a etimologia, em vez de iluminar, ilude.

—***esóxeno*** [B.F.] Este termo dá-se como equivalente do termo castelhano *exógeno.* Ora bem, em castelhano, exógeno, de harmonia com a sua etimologia (grego *éxos,* para fora; *génos,* origem), significa «de origem externa»; dissimilarmente, o termo **esóxeno,** por *iluminaçom* etimoló-

gica, *deve* significar «o alheio no interior» (!), se temos em conta que o elemento eso- (em esotérico, p. ex.) procede do grego *eisó* (dentro), e -xeno do grego *xenos* (estrangeiro, alheio). Por suposto, apesar da ignorância de alguns, o galego culto ainda diferencia exotérico de esotérico e conhece o termo **exógeno** (11).

—***olixisto*** [Geol.] Com essa grafia, **oligisto** (do grego *oligos,* «pouco»), mineral constituído por óxido de ferro, parece dar a entender um tipo de xisto.

—***osidos [sic] / osíxeno*** [B.F. e Quím.] **Ósidos** (de *ose,* qualquer glícido simples que nom se desdobra por hidrólise) é o nome genérico dos glícidos hidrolisáveis e **oxigénio** (do grego *oxys,* azedo, ácido, e *génos,* origem) é o elemento químico de número atómico 8. Mas, se tornamos **oxigénio** em **osíxeno**, a análise etimológica parecerá iluminar a ideia de o oxigénio ter relaçom com os ósidos (à parte, o que foi comentado sobre a transmutaçom de *geno/génio* em *xeno!).*

—***saxitado, saxitaria*** [Bot.] Aqui pode a etimologia, em *virtude* da norma gráfica, ser também enganosa. Com efeito, **sagitado** e **sagitária** iluminam o conceito de seta (do latim *sagitta),* mas quê diríamos de saxitado e saxitaria? Com razom invocaria o avisado em etimologia o elemento saxi- (do latim, *saxu,* «pedra»), concorrente, p. ex., em **saxífraga**, e mais umha vez, seria iludido pola farda gráfica!

—***ulixinoso*** [Bot.] Ainda que mais dificilmente que nos casos precedentes, com esta grafia, o vocábulo **uliginoso** (do latim *uligine,* «humidade») poderia induzir a confusom com *Ulex,* nome genérico dos tojos.

3.g) *outros erros.*

—***area / areal / praia*** [Geol.] Na entrada ***area*** dam-se estas vozes como sinónimos, quando qualquer neno, mesmo da montanha, distingue perfeitamente a **areia** da praia.

—***baría*** [Geol.] Ignoramos o motivo de tal acentuaçom. Para esta unidade física de pressom utilize-se **bária.**

—***cal*** (m) [Quím.] Esta palavra é dada por masculina tanto na nossa língua como em castelhano, em grave erro, pois em ambas as línguas é feminina. Use-se portanto **a cal**, enquanto os madrilenos cultos seguirám a utilizar «la cal» e nom *«el cal».*

—***calor*** (fe) [Fís. e Quím.] O dito para ***cal.*** Dá-se este termo como feminino tanto em galego como em castelhano, quando é masculino em am-

(11) Contodo, esta perturbaçom etimológica causada polo isolacionismo, com ser inconveniente, nom deve estranhar demasiado, já que, p. ex., os elementos gregos *escato* e *omo* (v. g. em escatologia e em omoplata/omofagia) entram, nas línguas «normais», na composiçom de palavras com dous significados bem diferentes: por umha parte, «fim» (de *eskhatos)* e «excremento» (de *skór, skatos),* e por outra, «ombro» (de *ômos)* e «cru» (de *omós).* Mas, por favor, do mau, sempre pouco!

bas as línguas. Curiosamente, na parte «Unidades físicas», vemos *calor específico* em clara contradiçom com o anterior.

—***detrimental*** [B.F.] Este anglicismo é desnecessário. Empregue-se **daninho, prejudicial, nocivo** ou **pernicioso.**

—***eucariota*** [B.F.] O substantivo correcto é **eucarionte** (a terminaçom «onte» vem do grego e significa, «ser», «ente», como em rinoceronte, p. ex.).

—***lévedo*** [B.F.] Este termo nom é substantivo, como se indica, mas adjectivo **(lêvedo).** O substantivo é **levedura.**

—***limpatubos*** [B.F.] O utensílio para limpar por dentro os tubos de ensaio chama-se **escovilhom limpa-tubos:** em caso de elipse, só **escovilhom.**

—***medio ambiente*** [B.F.] Deve utilizar-se ou **meio** *(medio),* ou **ambiente,** mas nunca *meio ambiente (medio ambiente),* já que o **meio** (ou o **ambiente)** está (por agora) inteiro, nom meado. (Poderia alegar-se que *meio* actua como substantivo e *ambiente* como adjectivo nesta construçom, mas nom deixa entom de tratar-se de um pleonasmo).

—***tres estrelas*** ou ***tres marías*** [Geol.] Dam-se desacertadamente como sinónimos de ***orion.*** As **Três-Marias** ou **Três Reis Magos** constituem o chamado cinto do **Oríon** ou **Orionte** (constelaçom composta por muitas mais estrelas). Relativamente ao nom uso das maiúsculas *vide* ***camiño de Santiago.***

4. ANÁLISE DOS TERMOS DESIGNATIVOS DE ESPÉCIES OU GRUPOS DE ESPÉCIES (TAXONS)

Umha grande parte do caudal léxico (descomunal) da Biologia é integrado polos nomes (populares e científicos) de espécies, e grupos de espécies, de plantas e animais. Conseqüentemente, os autores dos glossários de Botânica e Zoologia incluírom nos seus repositórios muitos termos de taxom, os mais deles de categoria genérica e específica. Sendo umha das nossas dedicaçons a zoologia sistemática, comentará-se a continuaçom o léxico de taxons animais que aparece no glossário correspondente, tendo em conta que para as plantas os problemas som similares. Aqui, ainda em maior grau que no caso anterior, a relaçom de termos do Glossário que nom som, segundo a nossa opiniom, adequados, carece de exaustividade; chega agora com ilustrar cada *vício* com umha pequena amostra terminológica.

4.a) *As três formas possíveis dos nomes de taxom.*

Antes de mais, cumpre introduzirmos neste ponto um conceito importante que concerne aos diferentes registos em que um nome de taxom pode ser usado. Qualquer nome de taxom pode ser adscrito a umha das seguintes formas (e níveis de uso):

—Forma científica, internacional (termos em latim, grego antigo, ou de morfologia adaptada a esses dous idiomas).

—Forma semi-científica, «quase-internacional» (termos científicos algo adaptados à língua vernácula).

—Forma vernácula.

Como exemplo deste gradiente terminológico, consideremos a seguinte série, de categoria supra-genérica: **Nematomorpha** (forma científica); **Nematomorfos** (forma semi-científica); **cobras de cabelo** (forma vernácula). A série seguinte inclui taxons de categoria genérica: ***Testacella*** (forma científica); **testacela** (forma semi-científica); **lesma de conchinha** (forma vernácula).

É interessante advertirmos ainda que, para alguns taxons, existe um gradiente dentro da forma vernácula, ao conviverem nomes populares e cultos. Por exemplo, ao lado de **cobras de cabelo**, concorre o termo de *sabor* clássico de **górdios.**

4.b) *Taxons de rango supra-genérico.*

Nos glossários inclui-se um número reduzido de taxons por cima da categoria genérica, quer na sua forma semi-cientifica **(félidos,** p. ex.), acompanhada da científica **(Felidae),** quer na forma vernácula **(pernaltas,** p. ex.) A este respeito é de lamentar que as formas semi-científicas nom apareçam com maiúscula inicial, e que as formas científicas dos taxons supra-genéricos apareçam com letra itálica (tipografia que deve destinar-se em exclusiva aos taxons genéricos e específicos).

Nas formas semi-científicas dos taxons animais de rango familiar o português padrom vacila entre as terminaçons «-idas» e «ídeos» (v. g. família Arionidae → Ariónidas/Arionídeos), desconhecendo a terminaçom «-idos» presente em castelhano. Quanto aos taxons de categoria ordinal, há que ter em conta que as formas semi-científicas provenientes de formas científicas que acabam no sufixo latino de plural «-es» conservam em português padrom tal terminaçom (ordem Scorpiones → Escorpiones; Lichenes → Líquenes). Para os grandes grupos (classes, *phyla)* as soluçons som variadas e incluem certa hesitaçom: sufixo «-os» (Tardigrada → Tardígrados), «-as» (Ascarida → Ascáridas), «-ídeos» (Annelida → Anelídeos), «-es» (quando a forma científica acaba em «-poda»: Gastropoda → Gastrópodes) e «-zoários» (quando a forma científica acaba em «zoa»: Protozoa → Protozoários). De harmonia com estas (e outras) normas denunciamos:

—***anélidos*** por **Anelídeos.**

—***artrópodos*** por **Artrópodes.**

—***batracio*** por **batráquio** (étimo: *batrachium).*

—***equinodermos*** por **Equinodermes.**

—***escifozoos*** por **Cifozoários.**

—*miriápodos* por **Miriápodes.**

—*opilións* por **Opiliones.**

4.c) *Taxons genéricos e específicos.*

Todas as línguas possuem um caudal, mais ou menos rico, de nomes populares para designar espécies de animais e plantas; ora bem, dado que com freqüência os nomes populares nom som realmente específicos, senom que designam umha agregaçom de espécies (género, ou mesmo família) (12), e dado que se requerem (apesar do uso da nomenclatura científica binominal) nomes vernáculos para espécies exóticas (alheias ao domínio cultural e geográfico da língua, realmente dilatado no caso do galego-português), pré-históricas, raras, inconspícuas, e de descobrimento recente, a maior parte do léxico vernáculo de espécies é, paradoxalmente, de exclusivo uso científico.

Este léxico vernáculo é normalmente habilitado nas distintas línguas por meio de empréstimos, directos ou indirectos, de outras línguas (ex.: tucano, do tupi *tu'kana),* por criaçom etimológica de neologismos (ex.: ornitorrinco), ou por instauraçom de epítetos específicos para nomes genéricos populares (a fala espontânea nom diferencia as distintas espécies de estrelinhas, género *Regulus;* os ornitólogos entom habilitam para *R. ignicapillus* a denominaçom «estrelinha *de cabeça listada»,* e para *R. regulus,* «estrelinha *de poupa»),* processos todos eles presentes desde há muito tempo no português padrom.

No caso da língua galega, antes do glossário analisado, apareceram já umha série de trabalhos que introduzem nomes populares de taxons de rango genérico e específico (13). Algumhas destas achegas som meramente filológicas, i. é, limitam-se a enunciarem os nomes existentes na fala espontânea, sem emitir dictame sobre o seu possível emprego na literatura científica. No entanto, outros trabalhos, para além de recolherem léxico vivo, proponhem determinados termos como «normativos» para o especialista. O Glossário aqui analisado inclui, por umha parte, as soluçons fornecidas polos trabalhos «normativos», por outra, fai umha selecçom de termos dos trabalhos «filológicos», e, finalmente, também introduz termos novos para certos animais.

De harmonia com um critério natural e económico, os nomes galegos genéricos e específicos de animais, de uso no meio científico (nom necessáriamente na literatura!), devem concordar, quanto possível, com os do português padrom. Isto consegue-se: 1.°, ao dar-se na fala espontânea galega um único nome coincidente com o português (ex.: **gato);** 2.°, ao escolher-se co-

---

(12) A identificaçom das espécies é em muitas ocasions dificultosa, até o ponto de os taxionomistas, baseando-se na morfologia, terem considerado durante longo tempo como umha espécie o que, finalmente, mercê a estudos etológicos, químicos ou comossómicos, se demonstrou serem duas ou mais espécies *(espécies crípticas).*

(13) Entre outros: —M. C. Ríos Panisse. 1977. Nomenclatura de la flora y fauna marítimas de Galicia. *Verba.* Anexos 7 e 8. Universidade de Santiago de Compostela. —J. Curt e P. Galán. 1982. *Esos anfibios y reptiles gallegos.* Ed. dos autores. Ponte-Vedra. —X. M. Penas, C. Pedreira e C. Rodríguez. 1980. *Guía das aves de Galicia.* Galaxia. Vigo. —M. A. Conde Teira e T. A. Vidal Figueroa. 1989. Nomes galegos para as aves ibéricas: unha nova proposta. *Actas do Primeiro Congreso Galego de Ornitoloxía.* Santiago de Compostela: 249-268.

mo «normativa» a variante galega coincidente com a portuguesa padrom (ex.: **doninha** sobre donicela); 3.º, ao introduzir-se a forma portuguesa padrom, inexistente na Galiza, junto a umha forma galega presente também em Portugal, ou junto à forma exclusivamente galega mais estendida (ex.: **alforreca** junto a **água-má**); 4.º, ao aceitar-se o termo padrom em português para animais que nom aparecem na fala espontânea galega (se nom é sob forma castelhana), especialmente os cultimos e os epítetos específicos de nomes populares genéricos, (ex.: **sarigüeia, tiranossauro, quioglossa, sapo da unha negra**). De harmonia com esta filosofia, no Glossário, denunciamos:

4.c.1) *Divergências a respeito do português padrom pola escolha de variante popular ou restriçom ao nome vernáculo popular.*

—***apegón*** por **ortiga do mar.** Para designar as espécies dos géneros *Actinia* e *Anemonia,* além do nome vernáculo popular, é recomendável o uso dos termos vernáculos cultos: para o primeiro género, **actínia** e, para o segundo, **anémona do mar.** É curioso (quiçá nom tanto!) que a autora, em troca, renuncie a dar o nome popular das holotúrias (nome vernáculo culto): **caralho do mar, caralhote,** etc.

—***avéspora*** por **vespa.**

—***cagulo.*** *Arenicola marina* tem em galego-português o nome vernáculo culto **arenícola,** recomendável por ser comum às duas comunidades. Nomes populares recolhidos por Ríos Panisse em várias localidades da costa galega (14) som, além de cagulo, bichoca, cagom, casulo, escamol, etc. Em português recebe os nomes populares de biscalongo e bicha.

—***cempés*** por **centopeia** ou **centípeda.**

—***donicela*** por **doninha.**

—***inzón da raña.*** Tanto *inzón* como *raña som denominaçons populares de, respectivamente, ácaro* e *sarna,* nom concorrendo na fala espontânea, contodo, a expressom *inzón da raña.* Portanto, para denominar *Sarcoptes sp.,* use-se **ácaro da sarna.**

—***lagarteiro*** por **peneireiro.**

—***merlo*** por **melro.**

—***murgaño*** por **musaranho.**

—***paporrubio*** por **pisco.**

—***píntega.*** Como nome vernáculo do género *Salamandra* escolheu-se a variante «píntega», chegando a desterrar-se da língua o nome **salamandra** (nom aparece no Glossário nem como sinónimo de píntega). Mas

(14) M. C. Ríos Panisse: *op. cit.:* 71-72.

as vozes «píntega», «píntiga», «sacabeira», «salamántica», «salamantiga», «saramantiga», «saramela», «saramaganta», etc., som variantes populares, presentes na Galiza e Portugal, que nom podem substituir a denominaçom culta, «quase-internacional», de salamandra (i.: salamander; a.: Salamander; f.: salamandre; c.: salamandra). Por outra parte, seguindo um critério contrário, primazia-se (adequadamente) **tritom** (nome vernánculo culto) sobre o nome popular «limpafontes» das espécies do género *Triturus*.

—***pita do monte.*** Para designar *Tetrao urogallus* é mais conveniente utilizar o nome português padrom **tetraz**, de índole culta, polo menos à par da denominaçom popular restrita «pita do monte».

—***sambesuga*** por **sanguessuga.**

—***tinteira.*** *Aplysia punctata* é denominada popularmente segundo as zonas, «tinteira», «lebre do mar», «tintureira», «vinagreira», «bigorna», «vaca do mar», etc. Toda esta diversidade é superada polo emprego do termo vernáculo culto **aplísia.**

4.c.2) *Divergências a respeito do português padrom quando o nome de taxom nom existe em galego.*

O Glossário incorre neste *vício* por duas vias: ao aceitar empréstimos castelhanos (que nom coincidem com o português), e ao instaurar injustificadamente (por existir já em português) termos novos (15):

—***axolotle.*** Para além de impronunciável, este novo termo é desnecessário, já que em galego-português o nome vernáculo de *Siredon mexicanum* é **axolote.**

—***bolboreta da estruga.*** Para designar em galego o Lepidóptero *Vanessa atalanta* nom fai falta cunhar termo novo nengum: o galego-português dispom, como outras línguas, do nome vernáculo culto **vanessa.**

—***bolboreta da morte.*** *Acherontia atropos* chama-se em galego-português **esfinge-caveira,** nom se precisando, portanto, da instauraçom de nengum novo termo.

bolboreta da verza. *Pieris brassicae* denomina-se em galego-português **bolboreta** (ou **borboleta) da couve,** sem necessidade de inventar nengum termo novo!

—***chinches asasinas*** (Família Reduviidae). Nom há necessidade deste termo novo, já que existe em galego-português a denominaçom **percevejos.**

---

(15) Curiosamente, para designar a espécie *Tarentola mauritanica,* alheia à fauna galega, aceita-se o lusismo **osga.** Por quê razom entom, p. ex., nom se aceita **peru** para denotar *Melleagris gallopavo?*

—***chinches fedorentas*** (Família Pentatomidae). Para os animais desta família dispomos já da denominaçom **percevejos do monte.**

—***chinchilla*** por **chinchila.**

—***cochinilla*** (Crustacea: ordem Isopoda). Aceitamos do castelhano o empréstimo **cochinilha** para designar os insectos da família Coccidae, mas nom para denotar os Crustáceos terrestres do mesmo nome em castelhano, pois que dispomos para isso do nome galego-português **bicho de conta** (pola forma esférica, de conta de colar, que adopta).

—***cóndor*** por **condor.**

—***curuxa laiona*** por **coruja do mato.**

—***kiwi, koala.*** Ainda que o castelhano tolera o 'k' e o 'w' nessas palavras, o galego-português nom. Escreva-se portanto, **quivi** (melhor: **aptérix**) e **coala.**

—***lagosta migradora*** *(Locusta migratoria).* O termo **lagosta** deve reservar-se para o Crustáceo Decápode Palinurídeo. Para o insecto, **saltom** ou **gafanhoto.**

—***llama*** por **lama.**

—***mangusta.*** Para designar a espécie *Herpestes ichneumon,* é desnecessário cunhar um terno novo, já que existe um em galego-português. Por outra parte, **mangusto** ou **manguço** (nunca «mangusta») som nomes gerais para os Viverrídos da subfamília Herpestinae. Esta subfamília compreende várias espécies (com nomes vernáculos como **rato de faraó** ou **rato do Egipto),** mas só *Herpestes ichneumon* é o mangusto europeu (ibérico), que se deve denominar **icnêumone.**

—***medidora (da bidueira, de inverno).*** Para o Lepidóptero *Biston betularia* e espécies afins existe em galego-português o nome vernáculo popular **lagarta mede palmos,** e o culto **geómetra.**

—***naia.*** A serpente *Naja naja* debe designar-se como **naja** ou **cobra-capelo.**

—***peixiño de prata.*** Isto nom é descoberta! *Lepisma saccharina* tem em galego-português a denominaçom popular de **peixinho de prata** e a culta **lepisma.**

—***pelícano*** por **pelicano.**

—***sapo común*** por **sapo vulgar.**

—***sapo de esporas*** por **sapo de unha negra.**

4.d) *A designaçom vernácula de animais sem nome em absoluto.*

Freqüentemente verifica-se que os animais que nom tenhem nome vernáculo numha língua de cultura (como o galego-português) som raros, incons-

pícuos ou insignificantes para o nom especialista e, portanto, nom seria de grande utilidade empregar outros nomes que os científicos para designá-los (p. ex., para as diferentes espécies de Rotíferos). Contodo, certos grupos de, v. g., Aves, Anfíbios, Insectos, ou mesmo de Gastrópodes, que nom desfrutam da posse de nomes vernáculos específicos, pola sua popularizaçom, merecêrom, ou podem merecer, a habilitaçom de tais designaçons.

Na melhor das situaçons existe já na fala popular um elenco de nomes genéricos e o que cumpre é instaurar epítetos específicos. Assi, para designar as espécies portuguesas (e galegas) do género *Triturus,* deve empregar-se o termo genérico (existente na fala viva) «tritom», ao que se acrescenta em cada caso um qualificativo especificador, de instauraçom «artificial» (16): tritom de ventre laranja *(T. boscai),* tritom palmado *(T. helveticus)* e tritom marmorado *(T. marmoratus).*

Às vezes o grupo é o suficientemente raro ou inconspícuo para nom existirem nem sequer nomes genéricos populares (p. ex., para as distintas famílias de lesmas e caracóis terrestres). Nestes casos umha soluçom adequada é a instauraçom destes baseando-se no nome científico da família correspondente, e acrescentando em cada caso um epíteto específico, extraído, p. ex., do nome científico trivial (17). O importante nestes casos é que as propostas sejam debatidas nos foros adequados, quer dizer, entre os biólogos especialistas do nosso domínio lingüístico, para atingir acordos úteis e duradoiros.

5. CONCLUSONS

Perante o aparecimento recente de livros galegos (para o ensino) de Matemáticas e Ciências Naturais (i. e.: de Biologia, Física, Geologia e Química), e de guias faunísticos e florísticos que empregam um léxico isolacionista, e perante as pretensons da autora do *Vocabulario de Zooloxía* aqui analisado (que sem qualquer pejo afirma: «Os seres de pequeno tamaño, particularmente insectos, que non se comen, carecen de nome. Temos en preparación unha proposta para os insectos e outras miudezas *[sic],* e inclúense aquí algúns nomes»), queremos frisar as três directrizes que, segundo a nossa opiniom, devem presidir a todo processo de habilitaçom de terminologia científica na Galiza:

1.ª, de harmonia com um critério *natural* e *económico,* as escolhas léxicas, bem como a ortografia, devem coincidir com as do português padrom;

2.ª, no momento da instauraçom de novos termos, o âmbito de actuaçom deve ser o do nosso sistema lingüístico, quer dizer, tendo em conta (aos efeitos de avaliar a *necessidade* ou a *prioridade* de umha nova nomenclatura)

---

(16) Denominaçons específicas tomadas de J. A. Serra e R. M. Albuquerque. 1963. Anfíbios de Portugal. *Revista Portuguesa de Zoologia e Biologia Geral,* 4: 75-227.

(17) *Cf.* a proposta de nomenclatura vernácula alemá para os Gastrópodes terrestres e Bivalvos do zoólogo J. H. Jungbluth (Deutsche Namen für einheimische Schnecken und Muscheln [Gastropoda et Bilvalvia]. *Malakologische Abhandlungen Dresden,* 10(10): 79-94), debatida no seio da Sociedade Melacológica Alemá.

o labor já desenvolvido nos países de fala galego-portuguesa e trabalhando, quanto possível, em comunicaçom com os interessados das diferentes naçons;

3.ª, a habilitaçom de léxico científico nom deve nunca ser labor exclusivo de filólogos. O concurso neste processo do cientista (especializado) é imprescindível, pois só ele conhece o acervo ideológico em causa e, à larga, será quem utilize os termos instaurados e lhes dê difusom.

Santiago de Compostela e Vigo, Setembro e Outubro de 1993.

LIVROS DE CONSULTA

FERREIRA, M. e G. DE ALMEIDA. 1993. *Introdução à Astronomia e às observações astronómicas.* Plátano Editora. Lisboa.

HAENSCH, G. e G. HABERKAMP. 1976. *Wörterbuch der Biologie (Englisch, Deutsch, Französisch, Spanisch).* H. Blume Ediciones. Madrid.

HARTMANN-PETERSEN, P. e J. N. PIGFORD (Traduçom de P. B. Correia Ramos e M. H. Camacho Gomes). 1991. *Dicionário de Ciência.* Publicações Dom Quixote. Lisboa.

VOGEL, G. e H. ANGERMANN. 1975. *Dtv-Atlas zur Biologie.* (Tomos 1 e 2). Deutscher Taschenbuch Verlag. Munique.

VV.AA. 1982. *Dicionário Técnico-Científico Ilustrado.* Formar. Lisboa.

VV.AA. 1983. *Dicionário de Zoologia Ilustrado.* Formar. Lisboa.

VV.AA. 1984. *Dicionário de Mineralogia e Geologia Ilustrado.* Formar. Lisboa.

VV.AA. (Traduçom de M. O. Cabrita). 1992. *Termos Básicos de Ciência.* Publicações Europa-América. Mira-Sintra.

VV.AA. 1993. *Dicionário da Língua Portuguesa.* Porto Editora. 6.ª ediçom. Porto.

VV.AA. 1993. *Dicionário Prático Ilustrado.* Lello & Irmãos Editores. Porto.

Inês de Castro: insígnias de um palimpsesto

Maria do Amparo TAVARES MALEVAL
(Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro)

Autores de hoje continuam a revisitar —o que tem sido um processo ininterrupto no correr dos séculos, e em vários países do Ocidente—, a antiga história de Pedro e Inês de Castro, na tentativa de desvelar a epifania que a torna imorredoura. Daí percebermos neste processo um infindável *palimpsesto* —tomado em sentido metafórico, como faz, dentre outros, Gérard Genette, citando Proust (1)—, do qual buscaremos relevar as escritas primevas, soterradas mas não desaparecidas nos textos da atualidade.

Pretendemos, pois, tendo por base os primeiros textos historiográficos que nele se inscrevem, com também os primeiros de outros gêneros, refletir sobre as diferenças e continuidades em torno de tal mito observadas em obras atuais, bem como sobre o seu percurso de formação. Para tanto, pensaremos o mito fundamentalmente como o fazem a ciência política e a sociologia: um sistema de valores de uma cilivização, sempre que o texto examinado o sugerir, como explicação do universo e do homem, na esfera do sagrado e recuada para os primórdios (2). As insígnias de poder e dever, de amor e morte, de condenação e santificação que o perpassam serão, desta forma, os objetivos por excelência deste estudo.

Partamos dos manuscritos primevos, tornados acessíveis graças à sua divulgação por Maria Leonor Machado de Sousa na obra *Inês de Castro - Um tema português na Europa* (3). No *Livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra* documenta-se que *decolata fuit Dona Enes per mandatum domini Regis Alfonsi iiij.* E no *Breve Chronicon Alcobacence* acrescenta-se o dado do local

---

(1) GENETTE, Gérard. «Proust Palimpsesto». In *Figuras.* Trad. Invonne Floripes Mantoanelli. São Paulo, Perspectiva, 1972. p. 67.
(2) Cf. DICIONARIO DE CIENCIAS SOCIAIS. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986. Vol. I, mito, p. 768.
(3) SOUSA, Maria Leonor Machado de. *Inês de Castro.* Um tema português na Europa. Lisboa, Edições 70, 1987.

do crime —Coimbra—, reafirmando-se a data da sua ocorrência, que corresponde a 7 de Janeiro de 1355 da nossa Era de Cristo (4).

A responsabilidade de Afonso IV de Portugal no assassínio da Castro, também reiterada pelo cronista castelhano da época, Pero Lopez Ayalla (5), textos posteriores farão por dirimi-la, bem como o modo da morte —por degolação— será substituído quase sempre, principalmente por espadadas, ou ainda por punhaladas. E o motivo político que levara o rei à condenação da dama, segundo Ayalla, seria, além da bastardia de Inês —filha de D. Pedro de Castro, «que fue vu gran senor en Galizia, que la huuo en vna duena» (6)—, e de não ser ela «hija de Rey», o temor pela legitimação dos seus filhos com D. Pedro, em detrimento dos Infantes filhos de D. Constança Manuel, que aliás também não era filha de rei, mas aceita como se o fosse na corte portuguesa.

E, o que nos interessa mais de perto, firmam-se desde aí valores que os artistas não mais abandonariam ao retomarem o assunto: o imenso amor, causado pela grande beleza da mulher, o prazer prejudicial ao dever, uma vez que

> teniala el infante don Pedro, porque era muger muy hermosa, y auiala tomado despues que murio la infanta doña Constança, hija de don Iuan Manuel: con la qual el dicho infante fue casado (...). Y este infante don Pedro de Portugal, amaua tanto a la dicha doña Ynes de Castro, que el dezia a algunos de sus priuados que era casado con ella. Y por esto el Rey don Alfonso su padre hizo la matar a la dicha dona Ynes en sancta Clara de Coymbra donde ella posava. (7).

Também o cronista-mor Rui de Pina, ao que tudo indica retomando texto de Fernão Lopes, fala, na Crônica de Afonso IV, que, depois da morte de Dona Constança, ainda «moça, & de muytas bõdades, & virtudes», o Infante viúvo assume publicamente seus amores pela formosa dama, tornando-a sua manceba:

> sendo ja em sua vida della muyto namorado de D. Ines de Castro, que era mui fermosa dõzella, & de grãde linhage da parte de seu pay, a ouve a sua disposição a que se afeiçoou sobre todolos homes, & com nome que no principio, & publicamente foi em tão de manceba... (8).

Deixando por hora de lado a discussão que desde aí se estabelece, em relação a ter sido Inês esposa ou amante de Pedro, ainda no tocante aos motivos políticos do assassínio acrescenta Pina aos dados fornecidos por Ayalla o medo da coroa portuguesa relacionado à ingerência dos irmãos Castro nos destinos do reino:

> porque ella tinha seus irmãos Dom Fernando de Castro, & Dom Aluaro Pires de Castro, que eraõ em Castella grandes senhores, & assi por respeito, dela começauaõ ter muita parte em Portugal, & ouuesse delles por isso grande receyo à vida, & sucessam do Infante Dom Fernando filho primogenito, & erdeyro que era do Infante Dom Pedro (9).

---

(4) *Ibidem*, p. 15.
(5) AYALLA, Pero Lopez. *Coronica del Serenissimo Rey don Pedro, hijo del Rey don Alonso de Castilla.*
(6) *Apud.* SOUSA, Maria Leonor Machado de. *Op. cit.*, p. 29.
(7) *Ibidem*, p. 30.
(8) PINA, Rui de. «Crónica de D. Afonso IV». In *Crónica.* Porto, Lello & Irmão Editores, 1977. p. 460.
(9) *Ibidem*, p. 465.

Com a recusa de D. Pedro, então com trinta e quatro anos, em casar-se e afastar Dona Inês do Reino, é decidida sua morte, em prol da segurança do herdeiro legítimo de D. Pedro ao trono, D. Fernando. E até porque «a morte de elRey Dõ Afonso que nõ podia muyto tardar pois era ja muy velho a nõ leixasse no Reyno viva, & seu filho o Infante Dom Pedro naõ ficasse em seu poder della» (10).

O poder da amante sobre o futuro rei, ou melhor, do Amor sobre a Razão, e através dele os privilégios aos Castros concedidos, torna-se ainda mais explícito na chamada Crônica *Manizola:*

> esta como ha elrei dom Pedro teue ouuepera os parentes e amigos tudo quanto queria, por que jsso tem esta afeição que he çegua não se Regue a pesoa q̃ quer bem segundo o que entende e sabe, pois tem sumitida toda Rezam ao amor a que está obrigado e portanto o Ifante dom Pedro nenhũa cousa lhe pidia dona Ines que elle lha deneguase como forom dom Fernãdo e dom Alu.° Piž, Irmão de dona Ines de Crasto, os quais fez grandes Snres em Portugual, ajnda que em Castella teuessem mujta renda (11).

Mas, como já bem observara Maria Leonor Machado de Sousa (12) «a propósito dos irmãos Castro, refugiados em Portugal das iras de Pedro de Castela, para cuja coroa a tradição diz que teriam orientado as ambições do Príncipe português, vale a pena notar que, se a intenção era afastá-los, não resultou a morte de Inês, pois D. Pedro continuou a cumular de favores sobretudo D. Álvaro Pires de Castro, como ela bastardo e filho de D. Aldonça Valadares». E também o sucessor de D. Pedro, seu filho legítimo D. Fernando, «continuou a favorecê-lo, nomeando-o alcaide-mor de Lisboa e, em 1382, Condestável do Reino (o primeiro com este título)», etc. (13).

Invocava-se, pois, e o que nos interessa, o mito da sedução feminina enquanto propiciador da decadência masculina, apresentando-se Inês, para a Coroa de Portugal, como uma variante da Eva adâmica, causadora da perda do «Paraíso». Mas, como lembra ainda Maria Leonor Machado de Sousa, através do cronista Acenheiro, não faltam indícios de que a morte da Castro tenha servido ao Infante para firmar o seu poder frente ao partido do pai, na «governança» do Reino. Isto porque, por ocasião da guerra civil a que tal assassínio deu azo, queriam

> «ambos ter justiça e jurdiçam, sem nenhua obidiencia humana, nem devina. E vemdo os povos de Portugal os estraguos da terra diserão, que se cõviesem, senão que os não podiam soffrer; e pai e filho se cõcertárão com perdois de parte a parte de criados de que ambos forão cõtetes com grandes jurametos (14).

Corrói-se, dessa forma, o mito do «ensandecimento» amoroso, uma vez que o dever para com o seu povo não fora esquecido pelo herdeiro de Portugal, preterindo a emoção de vingança. Nem D. Pedro ao subir ao trono fora

---

(10) *Ibidem, loc. cit.*
(11) *Apud.* SOUSA, Maria Leonor Machado de. *Op. cit.*, pp. 35-36.
(12) *Ibidem,* p. 34.
(13) *Ibidem, loc. cit.*
(14) ACENHEIRO, Cristovão Rodrigues de. *Chronicas dos senhores reis de Portugal.* Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1824, pp. 109-110.

jamais o fraco que pudesse ser tão facilmente dominado por algum(a) senhor(a), reinando com soberania e justiça, a ponto de declarar o probo cronista Fernão Lopes que «diziam as gentes que tais dez anos nunca houvera em Portugal como estes que reinara el-rei Dom Pedro» (15). Mas o mito de Eva foi mais forte, e Inês teria de ser eliminada, senão pela causa nacionalista, pela causa machista assentada na misoginia religiosa e na condenação do prazer sexual também no matrimônio —um simples negócio visando a «acrescentamentos» naqueles tempos medievais, abençoado pela Igreja, que preconizara no entanto ser o gozo dos esposos pecado maior que o adultério.

Quanto ao casamento de D. Pedro com Inês de Castro, se teria ou não se realizado deveras, são contraditórias as opiões e os testemunhos. Negam-no Diogo Lopes Pacheco, um dos implicados na morta da dama, na *Crônica de D. João I - Primeira Parte* de Fernão Lopes (16); e também o rei D. Fernando em seu Testamento (17). Mas afirmam-no o Testamento de D. Pedro e outros documentos do seu reinado, bem como os túmulos que mandou construir para si e a amada: tanto a posição em que os mandara colocar, lado a lado, bem como as cenas neles esculpidas, a estátua jacente de Inês coroada e a legenda *Até o fim do mundo* dão provas do enlace.

Se mentiu D. Pedro nos documentos, uma vez que em outros passos afirmara jamais ter tido a dama como esposa (18), nem que fosse para livrá-la da sanha do rei seu pai; ou se influenciara o escultor que compusera os túmulos, não importa: a amada reconhecida como rainha depois da morte é a verdade que a arte documenta em várias das suas manifestações, fazendo perpetuar o mito do amor contrariado e eterno, ao lado do mito do martírio político.

A imagem de Inês-mártir se tecera a partir da *Crônica de Afonso IV,* de Rui de Pina, que representa o modo como tentara demover o rei da determinação de matá-la, com lágrimas, pedidos de misericórdia e, sobretudo, com o apelo da presença dos filhos:

> avizada da hida de elRey, & da iroza, & mortal tenção que contra ella levava achandosse salteada pera se não poder já saluar per alguma maneyra, o veo receber à porta, onde com o rostro trãsfigurado, & por escudo de sua vida, & pera sua innocencia achar na ira de elRey alguma mais piedade, trouxe ante si os tres innocentes Infantes seus filhos netos de elRey, com cuja apresentação, & com tantas lagrimas, & com palauras assi piadozas pedio misericordia, & perdão a elRey que elle vencido della se dis que volvia, & aleixava ja pera nõ morrer como levava determinado... (19).

Mas, embora comovido, o rei é persuadido pelos que o acompanhavam da necessidade de permitir-lhes que executassem a dama:

---

(15) LOPES, Fernão. *Crónica de D. Pedro.* Org. Pref. e notas de António Borges Coelho. Lisboa, Livros Horizonte, 1977, p. 168.
(16) LOPES, Fernão. *Crónica del Rei Dom João I da boa memória.* Parte Primeira. Facsímile da Ed. de A. Braamcamp Freire, Arquivo Histórico Português, 1915. Prefácio de Luís F. Lindley Cintra. Lisboa, IN/CM, 1977. Cap. CLXXXVI, pp. 353-357.
(17) *Apud.* SOUSA, Maria Leonor Machado de. *Op. cit.*, pp. 20-21.
(18) Cf. LOPES, Fernão. *Op. cit.*, pp. 354-357.
Cf. PINA, Rui de. *Op. cit.*, pp. 464-465.
(19) PINA, Rui de. *Op. cit.*, p. 465.

> principalmente Dioguo Lopes Pacheco filho de Lopo Fernandes Pacheco senhor de Ferreyra, & Alvaro Gonçalues meirinho mor, & Pero Coelho (...) lhe fizeram dizer, & consentir que elles tornassem a matar Dona Ines se quizessem, a qual por isso loguo mataraõ, o que foy avido contra elRey mais abominavel crueza, que por severa nem louvada justiça... (20).

E acentua-se, dessa forma, em que pesem os motivos políticos, o aspecto de vítima da indefesa Castro, a amante dedicada e a *mater dolorosa* sacrificada na presença dos filhos pequenos, frutos do amor contrariado, mito que dessa forma se intensifica.

O primeiro texto a ressaltar os simbolismos que cercaram o acontecimento, embora de intenção primeiramente historiográfica, é sem dúvida o da lavra de Fernão Lopes, o genial cronista-poeta. Na *Crónica de D. Pedro,* pelas palavras do honrado cronista, temos notícia segura da paixão do penúltimo dos reis afonsinos e oitavo de Portugal por Inês de Castro, que na Crônica do rei anterior Rui de Pina (ou o próprio Fernão Lopes?) já explicara ter vindo para a corte portuguesa no séquito de Dona Constança Manuel, a esposa.

Enaltecendo tal amor, entretanto não deixa o cronista, como é do seu feitio, de apresentar fatos que poderiam denegri-lo, mas que se tornam obscuros diante do seu brilho maior. Tal é o caso das insinuações acerca de certos pendores escusos do rei, eternamente viúvo, por Afonso Madeira, um seu «bom escudeiro e para muito», a quem el-rei muito amava, «mais que se deve aqui de dizer», e a quem manda castrar, como punição por haver «dormido» com uma mulher casada (21).

Em que pesem ditas insinuações, já no último capítulo que encerra o conto dos «tais dez anos» inigualáveis em que reinara D. Pedro (22), relata a trasladação dos restos mortais da amada Inês para o mosteiro de Alcobaça, começando por ajuizar que «semelhante amor qual el-rei Dom Pedro houve a Dona Inês raramente é achado nalguma pessoa». E sem deixar de asseverar que não o compara a «amores compostos, os quais autores, abastados de eloqüência e florescentes em bem ditar, ordenaram segundo lhes prouve, dizendo em nome de tais pessoas razões que nunca nenhuma delas cuidou». Mas o compara, isto sim, àqueles amores «que se contam e lêem nas histórias, que seu fundamento têm sobre verdade».

Este «verdadeiro amor», que acontece a D. Pedro quando casado e ainda Infante, resiste à separação desde sempre: «pero dela no começo perdesse vista e fala, sendo alongado como ouvistes, que é o principal azo de se perder o amor, nunca cessava de lhe enviar recados». E ao ficar viúvo e assumir publicamente a sua paixão, nem mesmo a separação maior, provocada pelo assassínio da amada, consegue pôr fim a tal amor, como nos mostra o cronista-maior. Firma-se, deste modo, o mito do amor eterno.

Quando, após à morte do pai, sobe ao trono D. Pedro, assume a viuvez como estado permanente, e vinga-se barbaramente dos assassinos de Inês. Que-

---

(20) *Ibidem,* p. 466.
(21) LOPES, Fernão. Fernão. *Crónica de D. Pedro.* Ed. cit., p. 63-64.
(22) *Ibidem,* pp. 166-167.

bra, dessa forma, o juramento feito ao pais, de perdão aos acuados, que por via das dúvidas se refugiaram no reino vizinho. Mas consegue, através de um acordo com Pedro, o Cruel, de Castela, trazê-los de volta —a Pero Coelho e Álvaro Gonçalves, escapando-se-lhe apenas Diogo Lopes Pacheco. E da tortura e morte bárbara deste fala-nos Fernão Lopes, sem deixar de atribuir boa pitada de humor (negro) às palavras/ações do rei:

> E el rei com queixume dizem que deu um açoute no rosto a Pero Coelho, e ele se soltou então contra el-rei em desonestas e feias palavras, chamando-lhe traidor, fé perjuro, algoz e carniceiro dos homens. E el-rei dizendo que lhe trouxessem cebola e vinagre para o coelho, enfadou-se deles e mandou-os matar. (23).

Para além do sadismo da vingança, reiterado inclusive pelos jogos verbais, pela *aequivocatio* que evoca uma possível presença tardia na corte de uma jogralia satírica, empenhada na recontagem do acontecimento, e que poderia ter servido de fonte a Fernão Lopes, importa observar os símbolos do coração, sede do espírito, que é retirado de cada assassino, e do fogo, que «purifica» o reino de suas presenças abomináveis:

> A maneira de sua morte, sendo dita pelo miúdo, seria mui estranha e crua de contar, ca mandou tirar o coração pelos peitos a Pero Coelho e a Álvaro Gonçalves pelas espáduas. E quais palavras houve, e aquele que lho tirava que tal ofício havia pouco em costume, seria bem dorida cousa de ouvir. Enfim mandou-os queimar. E todo feito ante os paços onde ele pousava, de guisa que comendo olhava quanto mandava fazer (24).

A não explicitação daquilo que era comido pelo rei daria mesmo margem a interpretá-lo como o coração do(s) réu(s), até porque o jogo verbal «cebola e vinagre para o coelho» / para Pero Coelho reforça tal ambigüidade, de resto explorada no século XX por Herberto Helder contista, como veremos a seu tempo. Também Afonso Lopes Vieira observara que «Fernão Lopes guarda-se de dizer se Dom Pedro cravou os dentes nos corações palpitantes, servidos em escudela de prata, embora na tradição haja memória deste sumptuoso requinte de vingança e o facto de Dom Pedro estar à mesa durante o suplício no-lo fazer sugerir» (25). Mas o que importa por agora observar é que o dito, mesmo que lendário, mesmo que recolhido da boca ferina dos jograis, de seus escárnios, era corrente como tal. Nem podemos nos esquecer que fora o cronista cioso defensor da Verdade, incansável pesquisador de documentos, e que falava então do avô do seu mecenas., D. Duarte. E ele que tantos elogios tecera no correr da crônica ao rei D. Pedro, o da justiça igual para todos, aqui não se exime de avaliar que «muito perdeu el-rei de sua boa fama por tal escambo como este» (26).

Voltemos, no entanto, à causa de tais desmandos. Voltemos à força do amor «verdadeiro», à sua eternização. Em versos lapidares, falaria adiante Camões d'«aquela que despois de ser morta foi rainha» (27). E teria mesmo

---

(23) *Ibidem*, P. 132.
(24) *Ibidem*, pp. 132-133.
(25) VIEIRA, Afonso Lopes. *Inês de Castro na poesia e na lenda*. Conferência de abertura do Serão Musical e Literário no Claustro do Mosteiro de Alcobaça. 17 de agosto de 1913, p. 20.
(26) LOPES, Fernão. *Crónica de D. Pedro*. Ed. cit., p. 133.
(27) CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Ed. Emanuel Paulo Ramos. 7 ed. Porto, Porto ed., [s.d.]. Canto III, p. 140.

existido uma lenda segundo a qual o bárbaro rei mandara entronizar o cádaver, obrigando todos os nobres a se ajoelharem diante dele para o beija-mão. Mas a homenagem real, narrada por Fernão Lopes, restringe-se à trasladação dos restos mortais do mosteiro de Santa Clara de Coimbra para o de Alcobaça. Aí se encontrava o túmulo da rainha, com a estátua de Inês coroada e com cenas em relevo da vida dos amantes: D. Pedro «mandou fazer um monumento de alva pedra, todo mui sotilmente obrado, pondo enlevada sobre a campa de cima a imagem dela com coroa na cabeça, como se fora rainha» (28).

Mas muito mais que a sua entronização pós-morte, testemunha o cronista a simbologia da própria santificação da Castro, já que D. Pedro «este monumento mandou por no Mosteiro de Alcobaça, não à entrada onde jazem os reis, mas dentro da igreja à mão direita, cerca da capela-mor» (29).

Portanto, a pecadora, a adúltera, e mesmo a incestuosa amante —se levado em conta o parentesco e o compadrio que impediram ao Papa de dispensá-los para o casamento— é levada pelo amante régio para o próprio espaço do sagrado, representando-se, como vimos, não apenas a sua coroação, mas a su própria sacralização, aliás também simbolizada pela «alva pedra» escolhida para confecção da sua tumba.

A purificação da Castro representa-se igualmente na cerimônia do traslado, sempre iluminada por círios acesos, bem com a sua dignificação, sendo «a mais honrada que até àquele tempo em Portugal fora vista»:

> vinha numas andas muito bem corrigidas para tal tempo, as quais traziam grandes cavaleiros, acompanhadas de grandes fidalgos e muita outra gente e donas e donzelas e muita clerezia. Pelo caminho estavam muitos homens com círios nas mãos, de tal guisa ordenados que sempre o seu corpo foi todo o caminho por entre círios acesos. E assim chegaram até ao dito mosteiro, que eram dali dezassete léguas, onde com muitas missas e grande solenidade foi posto naquele monumento (30).

E se refletirmos um pouco mais sobre o(s) sentido(s) simbólicos(s) dos círios, veremos que o casamento de Pedro e Inês na cerimônia do traslado se efetiva inteiramente nos domínios do imaginário, com reviver ritualística que fazia as virgens portarem círios acesos, bastante corrente na tradição clássico-cristã. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, no *Dicionário de Símbolos,* reportam-se a Guillaume Durand (século XIII), o qual «explica esse costume dizendo que as virgens portavam círios para mostrar que, a exemplo das virgens prudentes do Evangelho, elas estavam prontas a receber o esposo (Mateus, 25, 1-13). O mesmo autor distingue um outro sentido, segundo o qual levar o círio significaria que as virgens desejavam ser como a luz, que ilumina os homens» (31). Lembram, ainda, que «esse rito pode ter sido tomado de empréstimo ao cerimonial nupcial observado entre gregos e roma-

---

(28) LOPES, Fernão. *Crónica de D. Pedro.* Ed. cit., pp. 166-167.
(29) *Ibidem,* p. 167.
(30) *Ibidem,* p. 167.
(31) CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos.* 6. ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1992. pp. 256-257.

nos na Antiguidade clássica. A noiva era conduzida em solene cortejo, à luz de archotes, da sua casa à do futuro marido. (...). O uso se conservou na Grécia e na maior parte das comunidades ortodoxas» (32).

Portanto, o traslado de Inês entre círios acesos simbolizaria não apenas a sua purificação pela luz, mas, e através desta, a sua preparação para o casamento real, para receber a coroa que na sua estátua jacente se representa. Não podemos deixar de lembrar ainda, com os mitólogos acima referidos, que «o círio não deixaria de ter um certo sentido fálico, que seria como que a outra face do símbolo de alma e imortalidade dado à sua chama em numerosos ritos religiosos tais como, no cristianismo, o círio pascal, ou o grande círio erguido ao lado do ataúde nas obséquias papais» (33). Desta forma, com ressaltar os símbolos do imaginário medievo, Fernão Lopes representa o Amor verdadeiro entronizado e sacralizado, tornado vivo para todo o sempre.

E a partir daí, a morte da «linda Inês», como diria Camoês mais adiante, tem sido cantada em prosa e verso pelos mais diversos autores, portugueses como estrangeiros, através dos tempos. Passaremos em seguida a comentar alguns textos que revisitam o mito, restringindo-nos por hora apenas aos primeiros textos de cada gênero literário que em Portugal se fizeram.

Garcia de Resende, no *Cancioneiro Geral* de 1516, apresenta a primeira poesia sobre o tema —as «trovas à morte de Dona Ynes de Castro», nas quais, atribuindo-lhe voz além-túmulo, narra os seus amores e padecimentos deles advindos. E sem deixar de, logo de saída, refletir sobre o processo de criação do mito, com base na compaixão dos receptores pelo martírio sucedido:

—Qual será o coraçam
tam cru e sem piedade,
que lhe nam cause paixam
/hũa/ tam gram crueldade
e morte tam sem razam?
Triste de mym, ynoçente,
que por ter muyto feruente
lealdade, fee, amor,
ho Prinçepe, meu senhor,
me mataram cruamente! (34).

E tudo com o objetivo didático, desvelado na estrofe-intróito à fala da vítima, de ensinar às senhoras da corte o nefasto «gualardam do amor». Aliás, o Ocidente cristão, desde os seus primórdios, tudo faria por firmar o mito da paixão como sinônimo de sofrimento. Outra não é a lição dada pela *Demanda do Santo Graal,* ao que tudo indica fonte para Resende, através do sonho de Lancelote, que lhe apresenta a amada Genevra, esposa do rei Artur, condenada às chamas infernais —«Taaes sam os galardões do vosso amor!»—

(32) *Ibidem,* p. 257.
(33) *Ibidem,* p. 256.
(34) RESENDE, Garcia de. *Cancioneiro Geral.* Vol. II. Porto, 1974, p. 312.

queixa-se então a mulher, e muito mais pelo amante, cujos sofrimentos serão ainda maiores, como diz adiante o texto (35).

Enrique da Mota, colaborador do *Cancioneiro Geral,* e portanto contemporâneo de Resende, elaboraria uma «Carta sobre a morte de Dona Inês de Castro» para D. João III, quando se encontrava em Coimbra trabalhando em serviço de recenseamento. Nela, aliando a prosa ao verso, relata uma visão que tivera, levando-o a ausentar-se do mundo por três dias. Então, assistirá ao lamento da morta, que inicialmente apresentando-se como formosa jovem num jardim palaciano, por entre flores e fontes, canta o passado dos seus amores e a relação amor/morte/poder/sofrimento, tendo por base a dialética bem/mal:

> Amores vos me matastes
> por meu bem e por meu mal
> por meu mal pois me matastes
> por meu bem pois me deixastes
> Rainha de Portugal
> .....
> não sinto que me matastes
> mas a mágoa que deixastes
> ao Príncipe de Portugal (36)

Acentua-se, como se percebe, as qualidades da amante abnegada, a sua vassalagem ao senhor, o altruístico sofrimento na morte, motivado pela mágoa ocasionada ao seu Príncipe. E, por outro lado, a entronização post-mortem, inclusive jurada pelas palavras de D. Pedro, que também aparece na visão. Este, ao lado da vingança «da crueldade tão forte», da «injustiça tamanha» promete-lhe, logo após a morte na presença dos «dois meninos tão formosos», revivida em flash-back —por «mortais estocadas» nos «formosos e delicados peitos»—: «eu lhe mandarei fazer sua sepultura junto da minha onde para sempre como Rainha será honrada» (37). Bem como a legitimação dos filhos, sem prejuízo do direito de primogenitura de D. Fernando.

Portanto, os valores da abnegação feminina no amor e, ao contrário de Resende, da recompensa por parte do amado são aqui firmados, como o fizera Fernão Lopes e como o fariam posteriormente Camões, Antônio Ferreira e Fiama Hasse Paes Brandão, dentre outros.

Ferreira, na primeira tragédia portuguesa a que intitulou *Castro,* publicada anonimamente em 1587, reapresenta Inês como vítima do Amor —ou do fado e do pecado, na visão de Afonso IV a quem também dá voz, buscando redimi-lo mais que qualquer outro autor, à conta do dever da casa real de zelar pelos interesses do povo. E intensifica ao final, em versos tornados antológicos, o mito do amor eterno, a certeza do reencontro no Céu, após

---

(35) A DEMANDA DO SANTO GRAAL. Ed. Augusto Magne. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1944. Vol. I, p. 261.
(36) *Obras de Henrique da Mota.* Com apresentação e estudo de Neil T. Miller. Lisboa, Livraria Sá da Costa ed., 1982, pp. 467-472.
(37) *Ibidem,* p. 472.

as recompensas da morte vingada, da atribuição do Estado Real à morta, e do reconhecimento dos filhos como Infantes:

> Tu, Senhora, estás lá nos Céus, eu fico,
> Enquanto te vingar: logo lá voo.
> Tu serás cá Rainha, como foras.
> Teus filhos, só por teus serão Infantes.
> Teu inocente corpo será posto
> Em Estado Real: o teu amor
> Me acompanhará sempre, até que deixe
> O meu corpo com o teu; e lá vá esta alma
> Descansar com a tua para sempre. (38).

Mas ninguém conseguiria como Camões, na epopéia única d'*Os Lusíadas,* publicada em 1572, dar notoriedade ao caso. No canto III (39), como convinha aos modelos clássicos então em voga, também atribuíra ao Amor a causa da morte da «linda Inês», a «mísera e mesquinha / Que despois de ser morta foi Rainha». E sem deixar de, na esteira dos cronistas, lembrar os motivos políticos dos assassinos —o dever para com o povo/Nação, esquecido pelo Príncipe, pois «Que tudo, enfim, tu, puro amor, desprezas, / Quando um gesto suave te sujeita». Daí o rei «Tirar Inês ao mundo determina, / Por lhe tirar o filho que tem preso, / Crendo co sangue só da morte indina / Matar do firme amor o fogo aceso».

A covardia e rudeza do assassínio são acentuadas por vários aspectos: por ser a vítima uma «fraca dama delicada»; por ter sido também vencida pelo Amor, condenada «só por ter sujeito / O coração a quem soube vencê-la»; por ser a «mãe triste, / Fraca e sem forças», que implora piedade e respeito pelos filhos pequeninos, netos do rei, «Cuja orfindade como mãe temia»; e, ainda, pela maculação da Beleza pelas espadas, ferindo impiedosas o «colo de alabastro, que sustinha / As obras com que Amor matou de amores / Aquele que despois a fez Rainha».

Acentua-se, portanto, a irremediável união de Eros com Tanathos, numa reminiscência clara de mitos greco-latinos: mais que a política, mais que os interesses dos poderosos, é o «fero Amor», «áspero e tirano», desejoso de suas «aras banhar em sangue humano» o culpado pela triste sina da mulher. Também a perpetuação do caso é explicada com matizes que remetem à cosmogonia clássica, uma vez que

> As filhas do Mondego a morte escura
> Longo tempo chorando memoraram,
> E, por memória eterna, em fonte pura
> As lágrimas choradas transformaram.
> O nome lhe puseram, que inda dura,
> Dos amores de Inês, que ali passaram.

---

(38) FERREIRA, António. *Castro.* Ed. Manuel dos Santos Alves. Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, [s.d.], p. 88.
(39) CAMÕES, Luís de. *Op. cit.*, pp. 141-145.

Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água e o nome Amores. (40)

Já observara Emanuel Paulo Ramos (41) que por «filhas do Mondego» podemos entender as ninfas do rio ou as mulheres de Coimbra. Mas a transformação das lágrimas, expressão de sentimento, em fonte, sua concretização material, sua perenização na Natureza, não deixa dúvidas quanto ao parentesco com os mitos e lendas primordiais.

Realiza Camões, portanto, a representação do mito não apenas enquanto conjunto de valores universais observados por um grupo humano, mas enquanto expressão antropológica de crenças que explicam o surgimento do cosmos. Procede, desta forma, a um «relato cujos componentes essenciais estão na esfera do sagrado e cujos objetos são as origens e/ou características de fenômenos naturais e sociais importantes para uma dada sociedade, levada por isso a especular sobre eles» —como diria Hilário Franco Júnior, buscando definir essa «manifestação do imaginário» que é o mito, e que, como a lenda, mais profanizada, exerce a «função de elo privilegiado entre a realidade psíquica e a realidade externa de todo grupo humano» (42).

Deixando de lado as numerosas obras, portuguesas como estrangeiras, que no correr dos séculos se ocuparam do tema, estabeleceremos a seguir a nossa reflexão sobre dois instigantes textos novecentistas da década de sessenta, para com eles concluir a nossa reflexão sobre o palimpsesto inesiano. Trata-se do poema «Inês de manto», inserto no livro *Barcas Novas,* de Fiama Hasse Pais Brandão (43), e do conto «Teorema», de *Os pasos em volta,* da autoria de Herberto Helder (44).

O poema é o que segue:

Teceram-lhe o manto
para ser de morta
assim como o pranto
se tece na roca

Assim como o trono
e como o espaldar
foi igual o modo
de a chorar

Só a morte trouxe
todo o veludo
no corte da roupa
no cinto justo

(40) *Ibidem,* p. 144.
(41) RAMOS, Emanuel Paula. Anotações a *Os Lusíadas.* Ed. cit., p. 407.
(42) FRANCO JUNIOR, Hilário. *As utopias medievais.* São Paulo, Brasiliense, 1992, pp. 11-12.
(43) BRANDÃO, Fiama Hasse Paes. *Barcas novas.* Lisboa, Ulisséia, 1967.
(44) HELDER, Herberto. *Os passos em volta.* Lisboa, Portugália, 1964.

Também com o choro
lhe deram um estrado
um firmal de ouro
um corpo exumado

O vestido dado
como a choravam
era de brocado
não era escarlata

Também de pranto
a vestiram toda
era como um manto
mais fino que roupa

Como se percebe, o poema se constrói a partir de uma expectativa semanticamente frustrada: a similaridade apontada entre manto/pranto, embora respaldada pela rima, pela forma portanto, é essencialmente absurda, como absurdo fora esperar-se a concretização da morte enquanto sinônimo de apagamento, de desaparecimento. Em outros termos, o manto que seria para uma morta, tem por símile a *impossibilia* do pranto que se tece na roca —a expressão de um sentimento que não pode materializar-se.

Mas a semelhança manto/pranto —vocábulos que de resto só se diferenciam pela consoante/encontro consonantal que os iniciam afirma-se por todo o poema, através de palavras de mesmo campo semântico, como vestir tornada sinônimo de chorar. Desta forma, o tecer, que é a ação reiteradamente invocada na abertura do poema, extrapola o seu sentido primeiro (de fazer teia ou tecido com fio), apontando para a produção, para a urdidura, para a composição do mito da amada-mártir entronizada após a morte.

A dignificação de Inês, aliás nomeada apenas no título, se intensifica a passo e passo nos versos: o «modo de a chorar» é comparado a «trono» e «espaldar»; a elevação trazida com o choro se representa no «estrado» e no «firmal de ouro» (broche ou sinete com firma). Mas sobretudo pelo «corpo exumado», que transcende estas insígnias de poder transitório se considerado não apenas no seu sentido de corpo desenterrado, mas de corpo tirado do esquecimento para todo o sempre, com o alcance da duradoura fama.

Por outro lado, reitera-se o poder e a mitificação da Castro através dos tecidos que a vestem: «veludo», «brocado» e, finalmente, «pranto». Os tecidos materiais são também insígnias de realeza. Ressalte-se, no entanto, que o poder alcançado não é o mesmo conseguido pela possível amante de Sancho I, Maria Paes Ribeiro (a Ribeirinha), escarnecida na «cantiga de guarvaia» (45) pelo manto de corte recebido em troca de seus favores: tal é a sugestão fornecida pelos versos que explicitam ser o seu vestido «de brocado / não escarlata», tecido valioso de cor vermelha ou avermelhada que, con-

(45) Cf. GONÇALVES, Elsa & RAMOS, Maria Ana. *A lírica galego-portuguesa*. 3.ª ed. Lisboa, Editorial Comunicação, 1991, pp. 134-136.

forme ensina A. H. de Oliveira Marques (46), «na pragmática de 1340» era reservado «para o rei e outros membros da família real». Portanto, para que marcar a diferença, senão para acentuar ainda mais a elevação da amada-mártir, a sua purificação?...

E a estrofe final, com retornar o símile pranto/manto «mais fino que roupa», não apenas confirma a coroa do martírio, mas remete para a própria reflexão do processo de criação do mito, para o velar/desvelar que lhe é próprio, bem como para as bases ético/psíquicas em que se assenta, tais sejam os valores humanos agredidos com o assassínio de Inês de Castro.

A morte como eternização também é o tema central do conto de Herberto Helder a que aludimos. Mas o autor procede à desconstrução de verdades e valores firmados pela tradição, como veremos.

Isto se observa logo a partir do próprio ponto de vista em que se constrói a narrativa, tal seja a visão de um dos assassinos —Pero Coelho— no além. A partir de tal perspectiva, subvertidas são igualmente as noções de tempo cronológico e espaço físico delimitado, contrariando o narrador de saída as causas históricas atribuídas ao assassínio da Castro:

> Alguém quis defender-me, dizendo que eu era um patriota. Que desejava salvar o Reino da influência espanhola. Tolice. Nào me interessa o Reino. Matei-a para salvar o amor do rei (47).

E procede-se, não à santificação do caso, mas à sua demonização, a partir da comunhão com o rei do assassino/assassinado. Como que evocando um ritual de missa negra, acontecem o ofertório, a confissão, a comunhão. Assim é que, no ofertório, diz Coelho ao Rei: «Senhor, agradeço-te a minha morte. E ofereço-te a morte de D. Inês. Isto era preciso para que o teu amor se salvasse» (48). Antes do sacrifício da comunhão, reflete o personagem-narrador:

> Ah, não tenho medo. Sei que vou para o inferno, visto que sou um assassino e o meu país é católico. Matei por amor do amor —e isso é do espírito demoníaco. O rei e a amante também são criaturas infernais. Só a mulher do rei, D. Constança, é do céu. Pudera, com a sua insignificância, a estupidez, o perdão a todas as ofensas. Detesto a rainha (49).

E preparando a comunhão, D. Pedro, na janela, apanha o coração do assassino, que lhe é trazido numa bandeja por um moço: «Levanta-o na mão direita. Mostra-o ao povo, e o sangue escorre-lhe entre os dedos e pelo pulso abaixo. Ouvem-se aplausos». E depois de negar-se a ordenar a castração do Coelho, «levanta de novo o coração, e depois trinca-o ferozmente sob o delírio da multidão» (50).

O povo aplaude pois, na perspectiva do conto, a vingança cruenta, o amor vingado, que seriam aí os valores fundadores da mitificação. E, unido em es-

---

(46) MARQUES, A. H. de Oliveira. *A sociedade medieval portuguesa.* 4.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1981, p. 58.
(47) HELDER, Herberto. *Op. cit.*, p. 88.
(48) *Ibidem*, p. 89.
(49) *Ibidem*, p. 89.
(50) *Ibidem*, p. 89.

pírito ao Rei, que lhe comeu o coração, conclui também o narrador com uma reflexão sobre a formação do mito:

> D. Inês tomou conta das nossas almas. Ela abandona a carne e torna-se uma fonte, uma labareda. Entra devagar nos poemas e nas cidades. Nada é tão incorruptível como sua morte. (51).

Portanto, atravessando o tempo e o espaço, eterniza-se Inês «nos poemas e cidades», salva da ação destruidora do tempo. E, com ela, eterniza-se igualmente o amor de D. Pedro, o rei para sempre amante. Qualquer a ótica, quaisquer os valores invocados, perpetua-se o mito, «fonte» inesgotável, «labareda» sempre ardente a instigar a imaginação e o intelecto dos homens através dos séculos.

---

(51) *Ibidem*, p. 91.

NOTAS

O movimento galeguista em Buenos Aires (1930-1980)

Ricardo FLORES
(Buenos Aires)

Quando cheguei a este país, alô polo mês de Setembro do ano 1929, o movimento galeguista em Buenos Aires era frouxo, pode-se dizer, prematuro. O alardeamento de ser galego, nom se fazia comum nos nossos emigrados, supondo pouco menos do que umha ousadia manifestar publicamente sê-lo, e quasemente equivaler a um delito o expressar-se na nossa língua.

Quem mais quem menos, a maior parte das nossas gentes achavam-se com o espírito engrunhado, apachocados dum jeito como se se tratasse de fugidos do próprio ser; e portanto, vivendo de costas ao ente nacional da Galiza, alheios à sua problemática e vácuos totalmente de arelas em prol do recobramento da sua personalidade.

Publicava-se a revista quinzenal «Céltiga» com direcçom compartilhada de Eliseu Pulpeiro, Eduardo Blanco-Amor e Ramom Suárez Picalho. Saía também «Alborada», outra revista mensal publicada por «A.B.C. de Corcubiom», que dirigia A. Díaz Novo e, mais tarde, Antom Zapata Garcia.

Todos os domingos aparecia «Correo de Galicia», periódico dirigido por José R. Lence, sendo Secretário de Redacçom Ramom Suárez Picalho, e que era esperado com muito interesse pola ampla informaçom que trazia da Terra e das actividades societárias das nossas instituiçons neste país.

Mensalmente também aparecia «Despertar Gallego», órgao da «Federación de Sociedades Gallegas», o que no decorrer dum par de anos, chamaria-se «Galicia», existindo ainda hoje, sem umha saída regular.

Fazia pouco tempo, um fato de «bôs e generosos» tinham criado um organismo patriótico-cultural com o nome de «Sociedade Nacionalista Pondal», ao qual me incorporei aginha de conhecer a sua existência.

Com o funcionamento deste organismo, encetava-se um fogoso batalhar que vinha mal-humorando os galegos desleigados. A acçom destes moços pon-

dalianos tivo muito que ver no processo do movimento galeguista nesta beira do Rio da Prata. Por meio das páginas do seu vozeiro «A Fouce», nom se deixava escapar do seu merecido qualquer falcatruada que pudesse aparecer, ensombrando o gentilício dos que somos nados na Galiza.

A saída desta combativa folha nom era regular, o mesmo aparecia mensal como bimensal, pois dependia de como andassem as finanças; a sua leitura, era ansiada com grandeira espreita, para conhecer a quem lhe caía a «foucinhada». Dos dous milheiros de exemplares de que constava a sua tiragem, mais da metade, remetiam-se a personalidades e organismos da Terra. Na biblioteca «Penzol» de Vigo existe umha colecçom deste valente periódico e outra também se topa na biblioteca do Centro Galego de Buenos Aires.

O sainete madrilenho de antano, ridiculizando os galegos, com mentes de fazer rir ao público brosmo, tinha-se transplantado nesta capital; e nos cenários onde aparecesse algo de tal caris, ali erguia-se a voz dos moços pondalianos, com berros de protesto, interrompendo-se o espectáculo, até chegar a ter que descer o pano; e nom sempre os intervenientes se podiam livrar de botar o resto da noite num cagarrom por terem «atentado» contra a ordem pública.

E ao dia seguinte de tais sucessos, a imprensa local ao se ocupar do assunto, amostrava-se da banda dos protestadores, justificando a nossa atitude; e isso, logicamente fazia arrefecer o entusiasmo dos saineteros para nos seguirem amolando com tais choqueiradas; e, à vez, favorecia a imagem cultural deste país, segundo apontavam os mesmos jornalistas portenhos.

Todos os sábados de tarde, juntávamo-nos num café importante dumha rua céntrica, mais que nada, com mentes de que nos escoitassem falar em galego. Certa vez, um senhor, ao chamar-lhe a atençom o nosso parolar, achegando-se a nós, de jeito respeitoso e amável, perguntou-nos em que idioma estávamos falando. Ao responder-lhe que era em galego, engadiu: «A la verdad, que no tenía idea que el gallego fuera así, tan lindo. Pues los felicito».

Polo ano 1930, criou-se a Instituiçom Cultural Galega, protectora do Seminário de Estudos Galegos de Santiago de Compostela, tendo preponderáncia nos seus aderentes, os elementos da «Pondal».

A presença da coral «De Ruada» de Ourense, a começos do ano 1931, tivo a virtude de produzir abalos na psique do nosso meio colectivo, tal como se nas suas cantigas trouxessem um chamado telúrico e que fosse escuitado no ámago das nossas gentes.

Os grandes louvores que os jornais portenhos lhe dedicaram a esta magnífica embaixada da nossa arte folclórica, logrou desengrunhar o espírito dos nossos emigrados; como quem diz, fijo-lhes botar peito e reagirem fachendosos do seu ser galego.

O advento da Segunda República Espanhola, o 14 de Abril de 1931, enchoupou-nos a todos de júbilo, pois com tal acontecimento surgia umha luz de esperança para os nossos anseios de podermos olhar trocado o destino da nossa Pátria de cote assovalhada; e dai acrescentárom-se as actividades político-culturais.

A nossa colectividade contou de contado com o seu primeiro coro típico, «Lembranças de Ultreya», que logo se chamaria «Ultreia». Um pouco adiante segue-lhe a criaçom de outros coros: «Lembranças da Terra», «Saudades» e «Os Rumorosos»; este último baixo a batuta do inesquecível mestre Manuel Prieto Marcos, poeta e músico de grandes méritos, que, ainda portando anos moços se nos foi para o Além misterioso, deixando no seio da nossa colectividade um vazio artístico-cultural nom doado de o poder encher, e que ainda hoje, depois de trinta e cinco anos do seu passamento, nom se logrou.

Ao mesmo tempo da actividade coral, dava-se um espertar teatral, criando-se conjuntos cénicos, alguns dentro dos mesmos coros que eram contratados polas instituiçons para actuarem nos seus tabuados, pois estas costumavam realizar festivais artístico-dançantes. A parte artística transcorria de 21,30 a 24,30 horas; nalguns destes festivais o programa era inteiramente galego, com peças teatrais ou com intervençom de um coro e algumha estampa folclórica; noutros casos, o programa vinha ser por metades; galego-castelhano, espanhol ou argentino, com números soltos de canto, recitado e danças típicas; havendo instituiçons que contavam com conjuntos próprios.

Nalguns destes festivais deu-se em fazer a sua abertura com o Hino Galego, executado pola orquestra; e numha das primeiras vezes, por inconsciência ou polo que fôr, parte do público nom se ergueu; perante tal atitude, Ramom Suárez Picalho, que se achava convidado para dizer umhas palavras circunstanciais, saíu a diante do tabuado, espetando o seguinte dizer: «Pare, senhor director, que as margaridas nom nascêrom para os porcos». Exortou brevemente para que nom se repetisse tal falta de respeito a um símbolo pátrio nosso, e a seguido pediu que começase de novo a orquestra, escuitando todos em pé, e com batimento de palmas ao final da interpretaçom do nosso Hino.

Também aparecêrom conjuntos de gaiteiros e de danças típicas, que o mesmo actuavam nos festivais de salom como nos de campo; chegando-se a contar com um conjunto de gaitas, com mais dumha dúzia de compoentes, nomeado «Os Gaiteiros de Vilaverde», dirigido polo extraordinário gaiteiro Manuel do Paço.

Ao aquecimento da República, fundou-se a «Organización Nacionalista Republicana Gallega Autónoma», com o fim de ajudar ao logro da autonomia da Galiza, tendo como ideário o mesmo programa do Partido Galeguista.

Os galegos foram reagindo face a si mesmos, por causa de se botarem à cata do reencontro com o seu próprio ser; no decurso dumha meia dúzia de anos, a nossa colectividade tinha trocado de conduta, aflorando nela um sentir de galeguidade e tendo ganhado umha notória simpatia entre os argentinos, que trabalhavam à nossa beira em prol da causa patriótica de seus pais. Quanto mais acentuávamos a nossa personalidade, mais avultado se tornava o respeito com que os alheios olhavam as nossas manifestaçons e mais consideraçom se nos oferecia.

Acrescentárom-se as actividades políticas e culturais, pois além dos actos celebratórios das datas patrióticas, adírom-se outros mais amiúde, com

programas de conferências, recitados e actuaçom de algum coro, concorrendo ampla quantidade de gente.

Surgírom emissoes radiofónicas, exaltando os valores de Galiza e transmitindo-se música e cantigas nossas; a principal audiçom era dirigida polo nosso coterráneo Manuel Núnhez Bua, desde 1932.

Saíu a revista «Lar» publicada pola Asociación Gallega de Beneficencia Mutualista, desde o ano 1933, tendo sido dirigida por Rogelio Rodríguez Díaz, primeiramente; depois por Manuel Roel e derradeiramente por Ramom D. Vilhar, publicando-se nas suas páginas trabalhos de notáveis figuras intelectuais das nossas letras.

A noite do 19 de Agosto de 1933, um conjunto da «Uniom Provincial Ourensana» representou no cenário do Orfeón Español a peça dramática de Vicente Risco *O bufón del Rei,* obtendo um amplo éxito.

O «Círculo Viguês» realizou um festival folclórico galego o 14 de Novembro de 1933, levando ao tabuado a estreia de duas peças curtas de Nicolás de las Llanderas, *Seica me amolas* e *Maiciña,* que resultou também ser merecente de quentes aplausos da grande assistência de público.

O 18 de Julho do ano 1934, a sociedade «Unión Provincial Ourensana» com o seu próprio conjunto leva ao cenário a comédia *O Paço,* original de Manuel Lugris Freire, seguindo colheitando éxitos.

No mês de Junho do mesmo ano, o quadro artístico do «Centro Cultural Betanços», estreia umha peça teatral em dous actos da minha autoria, intitulada *Mai e Filha.* A mesma peça foi depois alongada com outro acto e trocada em comédica musical, correspondendo a sua música toda coral a Manuel Prieto Marcos, prestigioso artista de múltiples facetas.

Um pouco adiante, o devandito quadro, noutros festivais da mesma sociedade, representou *O corazón dun pedáneo* e *Pra vivir ben de casados,* duas peças curtas num acto, originais de Leandro Carré, que fôrom igualmente muito aplaudidas.

O nosso coterráneo Manuel Núnhez Bua, apresentou num teatro importante desta capital, um trabalho da sua autoria artelhado a guisa de estampas sob o título *Como as Andoriñas,* logrando um ressoante éxito, mantendo-se em representaçom por espaço de um mês.

A meados do ano 1935, Jesus Seixo estreia no salom «Unione e Benevolenza» a peça num acto *O manequi da costureira,* cuja representaçom estivo a cárrego do conjunto «Concepción Arenal» dirigido polo mesmo autor.

No mês de Maio de 1935, apareceu o primeiro número da revista «A-la-lá» editada, integralmente em galego, pola Sociedade Coral «Os Rumorosos» e dirigida por Manuel Prieto Marcos, director do coro homónimo de tal instituiçom.

As nossas instituiçons, ao findarem o seu exercício anual, costumavam editar umha revista, e agora as suas páginas já apareciam inçadas de letras galegas, ocupando-se da nossa problemática nacional galega. Antes, contrariamente, escrever na nossa língua, era cousa que «nom dava lustre».

No momento de estalar a guerra incivil espanhola, o movimento galeguista de Buenos Aires, tinha atingido tal puxança, era tam júrdio quase como quando chegou aqui o nosso guieiro Castelao, polo começo de 1940, quem ledamente surpreendido, qualificou a nossa colectividade como «A Galiza Ideal».

A tragédia da España fijo arribar a esta banda do Prata fatos de gente nossa, entre a que chegaram valores que, adidos às forças do nosso meio colectivo, junguidas na comum angueira de querermos ver-nos, tal como naturalmente somos, e com todo direito a dispor do nosso destino, Buenos Aires tinha-se convertido num fervedoiro de galeguidade.

No mês de Junho do ano 1937 apareceu o semanário «Galicia Libre», periódico informativo e defensor da legitimidade do regime republicano, com carácter batalhador, que reclamava o reconhecimento dos direitos do povo galego à autodeterminaçom. A sua saída foi de dura curta, pois sobreviveria uns três ou quatro meses.

A noite do 9 de Julho do ano 1938, estreia-se no salom da «Casa Suiça» umha peça em dous actos da minha autoria, interpretada polo conjunto cénico da Sociedade Coral «Os Rumorosos». *Um ovo de duas gemas* resultou exitosa, continuando avondosas representaçons polos cenários da nossa colectividade.

Manuel Varela Buxám forma a companhia galega «Aires da Terra», e o 30 de Novembro de 1938 leva ao teatro *Maravillas,* a estreia da sua primeira produçom, umha comédia em três actos: *Se o sei non volvo á casa,* atraindo umha ampla concorrência, que saíu muito satisfeita e merecendo boa crítica jornalística.

Ao ano seguinte com a mesma companhia, ora que desta vez com o nome de «Maruja Villanueva», no teatro «Mayo», representa a segunda comédia em três actos, também da sua pena, *Pola nosa culpa,* obtendo igualmente um bom éxito de público e de crítica, sobre o valor da peça e o labor interpretativo. E assim, sucessivamente, todos os anos voltou ao mesmo teatro com produçons suas e a mesma companhia, seguindo colheitando éxitos até que retornou definitivamente à Terra a meados de 1946. Em 1942 esta mesma companhia estreia a peça em três actos do nosso guieiro Castelao, *Os vellos non deben de namorarse* merecendo umha crítica muito laudatória.

A noite do 11 de Outubro de 1939, apresentava-se em estreia outra pequena peça da minha autoria, um passo de comédia anedótica com o título *Enguedelho,* que interpretou o mesmo quadro artístico da Sociedade Coral «Os Rumorosos», recebendo quentes batimentos de palmas, e voltando a figurar nos programas dos festivais realizados por outras instituiçons da nossa colectividade.

Arredor desta data, «Unión Residentes de Santiago de Compostela» realizou um festival, levando ao cenário a peça dramática *Beiramar,* original de Armando Cotarelo Valledor, interpretado por um grupo da mesma instituiçom. A cenografia foi feita polo escultor santiaguês Domingo Maça.

A raiz do falescimento dumha velha no sarego dum edifício da Avenida

de Mayo, identificada como galega, nasceu o «Hogar Gallego para Ancianos», polo ano 1941. Com mentes de que nom pudesse repetir outro facto semelhante umha pessoa das nossas, criou-se esta magnífica instituiçom que tanto honra aos galegos. A ideia era de que levasse o nome de «Hogar para Ancianos Gallegos» e, devido a reparos das autoridades deste país, houvo que fazer tal modificaçom.

Perdida a República, a colectividade galega cingiu-se toda arredor do guieiro Castelao, para seguir trabalhando arreu, com fé e esperança num porvir mais ventureiro para a Pátria dos galegos de cote assovalhada.

Fundou-se a «Irmandade Galega», como umha continuidade do Partido Galeguista, e começou a sair o seu vozeiro «A Nosa Terra», cumprindo umha tarefa doutrinária muito transcendente na defesa dos direitos de Galiza a ser dona do seu destino.

Criou-se o «Consello de Galiza» presidido pola encumada figura de Castelao, a quem acompanhavam os deputados galegos, únicos refugiados na América do Sul: António Alonso Rios, Elpídio Vila-Verde, Alfredo Somoça e Ramom Suárez Picalho, representando no exílio a voz autêntica do povo galego. A sua actividade, à maneira dum nosso governo autónomo no desterro, sofreu a contra dos que na Terra se tinham por galeguistas de primeira linha, os quais, polo accionar avesso aos interesses da Pátria Galega, amostravam acharem-se numha linha de achego à traiçom, e que aí os temos ainda hoje pecando de desleigados ou domados.

Fundárom-se os Centros Provinciais e formou-se umha Comissom Intersocietária, com a representaçom dos mesmos, Irmandade Galega e a Federación de Sociedades Gallegas, tendo ao seu cárrego a realizaçom dos actos patrióticos galegos e daqueles outros que as circunstáncias aconselharam levar a cabo.

O teatro galego seguia ocupando cenários da capital e também inteirando programas das nossas instituiçoes, pois como se deixa dito, existiam vários conjuntos vocacionais, assinalando nomes dalguns dos que mais soavam: «Concepción Arenal», dirigido polo santiaguês Jesús Seixo; «Tojos e Froles», que dirigia um catalám apelidado Riera e «Alvorada», dirigido por Joám Reboredo.

A noite do 22 de Setembro de 1941, no teatro «Maravillas» rendeu-se-lhe umha homenagem a Manuel Prieto Marcos, organizada por uns amigos deste multíface artista com motivo de se cumprirem dez anos do seu início de mestre-director de coros típicos galegos nesta beira do Prata.

Como primeiro número do amplo programa, encenou-se a peça em dous actos *Um ovo de duas gemas,* em cujo comparto figuravam, por ordem de apariçom: Maruja Boga, António Cubelas, Eva Barreras, Fernando Igrejas («Tacholas»), Manuel Lourenço e Pepita Duarte.

Seguírom na actuaçom os coros «Os Rumorosos», «Lembranças da Terra» e «Rosalia de Castro»; os duetos vocais Maruja Villanueva-Maruja Iniesta e Vales-Zabalua, acompanhando ao piano o mestre Tenensof. O engenhoso «Tacholas» regala-nos um par de contos que produzem estalos de riso. Ma-

ruja Boga e Dora Cela recitam poemas do homenageado, sendo muito quente e estrondoso os batimentos de palmas que se lhes brinda e que elas fam extensivos ao autor dos mesmos.

Derradeiramente, actuárom o par de acordeonistas Irmaos Moreira; o conjunto de gaitas «Os gaiteiros de Vilaverde», composto por dezasseis executantes e dirigido polo extraordinário gaiteiro Manuel do Paço.

O conjunto de danças conduzido por Henrique Monteiro ofereceu umha dança marinheira, chamada de arcos. E como encerramento do espectáculo, a precoce parelha formada polos irmaos Maceira, filhos de outro mestre-director de coros típicos galegos António Maceira, ponteou umha moinheira que mereceu estrondosos e prolongados aplausos.

O 7 de Dezembro de 1944, Maruja Boga e Fernando Igrejas «Tacholas», encabeçando umha companhia de Comédias Galegas, encenam no Teatro «Argentino» a estreia dumha peça em três actos original de Américo Loçano *Amores da Aldeia,* obtendo amplo éxito de entradas e de crítica jornalística.

Surgírom novas emissoes radiofónicas, «Recordando a Galicia», desde o 5 de Agosto de 1945, todos os sábados ao meio dia, e que ainda segue no ar. «La Voz de Galicia», sob a direcçom do actor Fernando Igrejas «Tacholas». «Galicia Emigrante», dirigida por Luís Seoane, saindo ao ar todos os domingos de 12 a 13 horas, patrocinada pola empresa automotor «Prati Vázquez Iglesias». «Galicia en el Aire», com a direcçom do jornalista galego Andrê Rodríguez Barbeito, auspiciada polo industrial José Ramalho; e «Galicia em América» a cárrego do Instituto Argentino de Cultura Galega, dependente do Centro Galego de Buenos Aires, escuitando-se ainda agora os sábados às 18 horas.

Tendo desaparecido os coros devanditos, outros venhem cobrir a sua falta: «Rosalia de Castro», «Terra Nosa», «Curros Henríquez», «Residentes de Vigo», «Airiños de Vigo», «Arrieiros de Mos», «Breogán», «Brétemas e Raiolas» e «Castelao».

O labor dos coros foi, sem dúvida, de monta considerável, sendo de justiça reconhecer a sua ampla dose de influxo no processo do movimento galeguista em Buenos Aires.

Editam-se livros e reeditam-se outros, pertencendo esta tarefa a **Edicións Galicia** do Centro Galego: **Editorial Nova,** criada por Luís Seoane e Arturo Cuadrado; **Editorial Alborada,** da Federación de Sociedades Gallegas; **Editorial Follas Novas; Citania; Mocidades Galegas; As Burgas,** do Centro Ourensano; **Lérez,** do Centro Ponte-vedrês; **Rueiro; Miño** e **Nós.**

O dia 7 de Janeiro de 1950 deixa de existir no sanatório do Centro Galego o nosso guieiro Castelao, a mais encumada figura galega de todos os tempos, produzindo umha imensa dor no seio da nossa colectividade, a qual procedeu a suspender todos os festivais que se achavam programados arredor destas datas, e içando-se a bandeira galega a meia haste. Galiza, pois, perdia com a morte deste filho as mais perfeitas e nídias expressoes da sua alma. O seu cadáver foi embalsamado polo nosso médico exiliado Gumersindo Sánchez Guisande, e velado no mesmo Centro Galego para ser levado ao dia seguinte

ao panteom que possui a mesma entidade no cemitério da Chacarita nesta capital.

O cortejo que acompanhou os seus restos, foi dumha magnitude imponente, composto nom só por gente nossa senom também pola de outras colectividades peninsulares e deste país. Prévio a sua sepultura, pronunciárom-se formosas e sentidas palavras de doimento e louvaçoes dos avultados dotes deste nosso irmao, que o tornam imorrente na alma do povo galego, ao que tem oferendado boa parte da sua vida. Em nome do governo republicano espanhol falou o Dr. Sánchez Guisande; polos cataláns e bascos os Drs. Joám Llorens e Pedro Basaldua, respectivamente. Polo Consello da Galiza D. António Alonso Rios e pola colectividade galega D. Eduardo Blanco-Amor.

No mês de Outubro de 1951 aparece a revista trimestral «Mundo Galego», criada por três moços galegos já de destaque no jornalismo e na nossa poesia: Eliseu Alonso, José Conde e Teodoro Campos. A vida deste meio foi curta, saindo somente quatro números.

A noite do 25 de Abril de 1952 estreia-se no «Centro Almaceneros» a minha comédia em três actos, *Para isso sou teu amigo,* interpretada polo conjunto «Lugris Freire» do Centro Corunhês. O 12 de Junho do ano 1953, volto como outra estreia ao salom do Centro Almaceneros: umha peça em dous actos intitulada *Ugio,* que representa o mesmo conjunto «Lugris Freire».

Polo mês de Janeiro de 1954 forma-se a Companhia de Arte Folclórica que encabeça Fernando Igrejas «Tacholas», apresentando-se no «Teatro Grand Esplendid» estreando a peça cómica num acto de Sabim Echebarria e Lito López; completando o espectáculo com *Cousas de rapazes,* três lances da autoria de Fernando Igrejas, inteirando os sucessivos programas com outras peças já conhecidas de autores nossos.

No mês de Junho deste mesmo ano 1954 sai a revista «Galicia Emigrante», dirigida por Luís Seoane, publicaçom bimensal, que deixa de aparecer no mês de Maio de 1959.

O 22 de Junho de 1956 funda-se AGUEA, **Asociación Galega de Universitarios, Escritores y Artistas** que apesar da sua curta vida, cumpriu umha tarefa cultural digna de louvor; fechando a sua actividade a meados de 1959.

Por iniciativa do Consello de Galiza, celebra-se o Primeiro Congresso da Emigraçom Galega, encetando as suas juntas deliberativas o mesmo dia da Pátria, 25 de Julho de 1956, assistindo representantes nom só da Argentina, mas também de todo o Continente Americano. Coincidindo com a comemoraçom do centenário do histórico Banquete de Conjo, este foi evocado com outro similar, que se levou a cabo no Paço Galicia do Centro Lucense, ao qual concorrêrom aproximadamente um milhar de comensais.

No mês de Julho de 1956, Eduardo Blano-Amor constitui o **Teatro Popular Galego** e o 8 de Novembro desse mesmo ano apresentou-se no salom-teatro do Centro Lucense oferecendo em estreia umha peça num acto da sua autoria, *O cantar dos cantares,* e mais a comédia em dous actos *Estadeiña,* original de Manuel Lugris Freire, logrando exitosa acolhida, polo que perce-

beu muitos e acendidos aplausos durante a sua permanência no cenário, por espaço de um mês.

O 29 de Outubro de 1959, nasce a Asociación **Hijos de Gallegos,** cumprindo um labor muito meritório tendente a exaltar os valores da Pátria dos seus progenitores, entre a mocidade de origem galega. Os seus compoentes formavam parte de Mocidades Galegas, que efectuou umha actividade de merecida louvança, complementada com o seu vozeiro «Adiante», umha folha de caris combativo.

Com motivo de se cumprir o 150 aniversário da Independência da Naçom Argentina, a nossa colectividade aderida aos actos comemorativos da gloriosa data, realizou umha manifestaçom patrocinada polo Centro Galego, a qual significou umha hierarquizada e transcendente expressom de gratidom a este bom país argentino, onde tantos galegos temos moradia. Na cabeça da manifestaçom ia a Bandeira Galega seguida de um adival humano representativo de todas as instituiçons galegas e, após deste, conjuntos de coros e danças, que avançavam tecendo pontos de moinheira ao som do tocar dumha banda em que iam incorporados umha vintena de gaiteiros, sob a batuta do nosso coterráneo José Paços. Na mao de cada manifestante, estimados nuns trescentos mil, flamejava umha bandeirinha galega, única que se movia de par da argentina. Ao chegar ao Cabildo, onde se achava o Intendente Municipal, executárom-se os Hinos Argentino e Galego, que fôrom coreados pola vasta concorrência.

O 21 de Agosto de 1964, Ramom de Valenzuela, encena no Salom Castelao do Centro Galego *As bágoas do demo,* umha comédia em três actos, da sua autoria, interpretada polo conjunto «Curros Henríquez» da Federación de Sociedades Gallegas, com assessoria de Eduardo Blanco-Amor.

O 2 de Novembro de 1965, um novo periódico apareceu com o nome, por terceira vez na nossa colectividade, de «Correo de Galicia», esta vez dirigido por Perfecto López Romero, continuando a sua saída até datas recentes.

Ao ser aprovado o uso do idioma galego na liturgia, celebra-se a primeira missa em língua nossa, na igreja de Santa Rosa de Lima desta capital, oficiada polo crego nosso Luis Villamarín, o dia 8 de Maio de 1966 assistindo umha extraordinaria quantidade de gente.

O dia 7 de Julho de 1967, umha parelha de noivos argentinos, filhos de galegos, ao disporem de casar, quigérom que a cerimónia religiosa fosse em língua galega, levando-se a cabo na mesma igreja em que se dera a primeira missa em galego, sendo abençoada a atagenta matrimonial polo mesmo crego nosso. Ao se tratar do primeiro casamento com uso da nossa língua, atraíu um grupo numeroso de gente, nom só no nosso meio colectivo, mas também alheia, arelante de presenciar o singular acontecimento no coraçom desta capital de fala distinta.

A noite do 14 de Maio de 1968, no casal do Centro Ourensano, tivo lugar o enceto dos Jogos Florais do Idioma Galego e, à vez, como celebraçom do Dia das Letras Galegas. E o dia 31 de Agosto às 18 horas, no salom dourado do Concelho Deliberante da Municipalidade da Cidade de Buenos Aires,

realizou-se o acto de encerramento. O presidente do evento, foi D. Manuel Puente; e de mantedor, actuou José Méndez Ferrín, vindo adrede da Terra, convidado pola Comissom Organizadora. A leitura dos poemas premiados estivo a cárrego das actrizes argentinas, filhas de galegos, Délia Garcês e Lita Soriano, e dos actores Luís Medina Castro, também filho de mai galega e Fernando Igrejas «Tacholas», compatriota nosso.

Por estas alheias ruas portenhas chegara a ser comum escuitar a fala galega e o mesmo sucedia nos cafés ou em veículos de transporte. Onde quiger que um se topasse, observava-se a nossa gente livre de prejuizos; mais bem, pode-se dizer, fazendo alardeamento da sua origem, fachendeando da sua identidade galega. E ao vir de volta dalgumha festa de campo, a nossa mocidade fazia-o cantando o nosso folclore, tal como tinha por costume na Terra ao voltarem das romarias.

O dia 25 de Julho de 1980, levava-se a cabo a fusom dos quatro Centros Provinciais numha só instituiçom que se nomeia «Centro Galicia», um facto que se vinha sentindo de muita necessidade para poder realizar um labor mais positivo, de maior rendimento para servir os seus associados, favorecer o prestígio de todos os emigrados neste país e poder servir de melhor jeito cultural a Galiza.

Na actualidade nesta capital existem três coros galegos: «Rosalia de Castro», «Lembranzas da Terra» e «Coro Centro Gallego». Aliás, conta-se com um conjunto de gaitas feminino além de outros masculinos pertencentes aos coros típicos devanditos; do mesmo jeito, existem dous conjuntos de danças, mais outro que corresponde ao Centro Betanços, nomeado «César Quiroga».

No Centro Gallego ditam-se as aulas de idioma galego-português, todos os sábados de 16 a 19,30 horas.

Actualmente os pulos de galeguidade em Buenos Aires, nom som os mesmos de outrora, pois as circunstáncias desfavorecem muito os meios para que podam ser mais rijos, à semelhança do que tenhem sido. Além da contra económica, devido à crise que neste aspecto sofre o país, muitos dos nossos coterráneos, fôrom-se indo polo caminho sem retorno, e outros vinhemo-nos fazendo velhos, polo que carecemos dos elementos necessários para podermos seguir realizando um labor mais transcendente; e sem que se albisquem perspectivas de que isto melhore, já que da Terra nom venhem os elementos humanos capazes de cobrir os rareios que inexoravelmente se produzem no seio da nossa colectividade; e em boa hora, que nom tenham necessidade de sair dali.

Ao falar do processo, do movimento galeguista em Buenos Aires, nom se pode fazer esqueço de certas pessoas a quem se lhes devem as melhores cotas de luita e de sacrifício, desde as primeiras horas, quando ainda nom havia assomo da Segunda República, e o mais delas já afastadas de nós para sempre. Em tal senso, como homenagem de reconhecimento, cumpre sinalar os nomes destes irmaos, que, em maior ou menor grau, tivérom participaçom nesta angueira patriótica galega desenvolvida aqui na beira do Rio da Prata. Se por fraqueza da memória ficasse alguém esquecido, o sinalador será o primeiro em se sentir magoado.

GENTE DE ACTUAÇOM GALEGUISTA, DESDE 1929

Carlos Abraira
Ramom Alonso
A. Alonso Rios
Miguel Álvarez
António Álvarez
Eduardo Álvarez
Jacobe Andrê
José B. Abraira
Manuel Banho
Alexandre Barandela
José Barril
José Barrios
Vicente Barros
Faustino Branco
E. Blanco-Amor
Daniel Calçado
José Calçado
J. Calvinho de Castro
M. Campos Couceiro
Pedro Campos Couceiro
Rodolfo Campos
Camilo Cantom
M. Cao Turnes
António Carvalho
António Castro
M. Castro Lôpez
Romualdo Cisneros
António Comesanha
Denis Conles
Modesto Costa
Afonso Costela
José da Porta
Mousés da Pressa
Avelino Diaz
António Diaz
Antolim Dios
Júlio Fernández
Manuel Fernández
Afonso Fernández Prol
Bieito Fernández
A. Fiz Fernández
Ricardo Flores
Manuel Folha
Jesus Frieiro
M. Garcia Anceráns
António Gómez
Cándido Gonçález
Henrique Gonçález
Joám Gonçález
Luís Guede
Urbano Hermida
Faustino Igrejas
Fernando Igrejas
António Jeremias
M. Lamas Barreiro
Franciso Lança
Marcelino Lastra
Clemente Lpez Pasarom
E. Lôpez Corral
Lito Lôpez
Manuel Lôpez (filho)
Perfeito Lôpez
Cláudio Lôpez
Manuel Lôpez
Manuel Lourenço
Fernando Lourenço Rico
Eládio Lousada
V. M. Baqueiro
Jesus M. Castro
Domingo Maça
A. Manuel Pêrez
M. Martínez Lamela
Manuel Martínez
Ricardo Matos
Manuel Mera
Francisco Miranda
Ricardo Monteiro Trilho
M. Neira Trigo
Daniel Nogueira
Santiago Nolha
António Núnhez
J. Núnhez Campos
J. Igrejas Rivadulha
Manuel Oliveira
Manuel Paços
Ricardo Palmás
Gervásio Paz Lestom
Lino Pêrez
Emílio Pita
Rodolfo Prada

António Preto
M. Prieto Marcos
Manuel Pulpeiro
Eliseu Pulpeiro
José Quintáns
Afonso Reboreda
Francisco Regueira
R. Rei Baltar
Cándido Rei
António Represas
José Riveiro
Valeriano Saco
Manuel Salheres
A. Sánchez Romero
M. Sánchez Milhares
Luís Seco
Manuel Serantes
Manuel Domínguez
Afonso Souto Corvelhe
Bernardo Souto
R. Suárez Picalho
Manuel Ucha
M. Varela Buxám
António Vidal
A. Zapata Garcia

Chegados após 1936

José Abelardo
Luís Andrade
Luís Ares
José Ares Mira-Montes
Ernesto Atanásio
António Baltar
Vitoriano Buxám
José Casal
Miguel Cela
Ramom Chenlo
Manuel Cordeiro
Afonso Costela
Bieito Cupeiro
Isaac Díaz Pardo
Rafael Dieste
Valentim Fernández
Cláudio Fernández
Germinal Filgueira
Afonso Gaioso Frias
Eugénio Garcia
Generoso Mançano
Higínio Martínez
José Molanes
José Neira Vilas
José Núnhez Bua
Segundo Pampilhom
Egídio Paz Hermo
Manuel Pedreira
Manuel Pereira
Leonardo Pereira
António Pêrez Prado
Manuel Picom
Joám Reboreda
António Rodinho
António Rodríguez
José Rodríguez V.
G. Sánchez Guisande
António Santa-Marinha
Luís Seoane
António Suárez do Paço
Indalécio Tiçom
Ramom Valenzuela
Lourenço Varela
Carlos Vázquez Richart
Xavier Vázquez Igrejas
Roberto Veloso
Alberte Vila-Nova
Elpídio Vila-Verde
Avelino Vilas
Federico Zamora

A originalidade de Pero da Ponte

Lênia Márcia DE MEDEIROS MONGELLI
(Univ. de São Paulo. Brasil)

Se comparada à produção literária da maioria dos trovadores galego-portugueses, freqüentemente escassa, pode-se dizer de Pero da Ponte que muito compôs, durante os dezesseis anos apontados como de duração de suas atividades jogralescas (1): 53 cantigas ao todos, distribuídas entre 7 de amigo, 7 de amor, 31 de escárnio e maldizer, 4 «prantos», 2 poesias de circunstâncias e 2 tenções (2). Pela simples relação numérica, e de um ponto de vista meramente quantitativo, privilegiando os escárnios e maldizeres, verifica-se a tendência de da Ponte para a zombaria, para a crítica dos costumes e para o cômico. Se tal inclinação é marcante, até por questão de temperamento, no trovadorismo galego-português (3), Pero faz dela sinal distintivo, impregnando de irreverência também suas cantigas de amor e de amigo, onde o esforço de desviar-se da preceptiva cortês cria curiosos efeitos estilísticos e certas singularidades de ordem temática. Aí o segredo de uma personalidade, que buscaremos examinar.

Como de praxe, é pela variedade dos interesses revelados nesses textos que foi possível reconstituir a biografia de Pero da Ponte, feita muito mais de conjecturas que de certezas. O único dado que se tem por assente é o período de 1236 a 1252, datas que se referem, respectivamente, ao início de seu trovar e a seu último texto conhecido: aquele, um pranto pela morte de D. Beatriz de Suábia, neta de Frederico Barba-Ruiva, mulher de Fernando III,

---

(1) Para maiores informações sobre circunstâncias biográficas de Pero da Ponte, consultar: Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Cancioneiro da Ajuda,* Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990, vol. II, pp. 450-464; Ramón Menéndez Pidal, *Poesía juglaresca y juglares. Aspectos de la historia literaria y cultural de España,* Espasa-Calpe, Buenos Aires, 1942, pp. 121-131; José Joaquim Nunes, *Cantigas de Amigo dos trovadores galego-portugueses,* Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1973, vol. I, pp. 181-188.

(2) Saverio Panunzio. *Poesie de Pero da Ponte,* Bari, Adriatica Editrice, 1967. (Todos os poemas citados neste trabalho foram extraídos desta excelente edição crítica).

(3) Ver a Introdução de Manuel Rodrigues Lapa às *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses,* Lisboa, Editora Galaxia, 1965.

ocorrida em 1235 ou 1236; este, também outro pranto, agora pelo próprio Fernando III, rei de Leão e Castela, morto en 1525. São textos fundamentais para testemunhar o convívio palaciano de Pero da Ponte, tempo que se teria estendido inclusive ao reinado de D. Afonso X, o Sábio. Só o ambiente cortesão da agitada Castela do século XIII poderia explicar o refinamento que atingiu a arte marcadamente «popular» de Pero da Ponte, na avaliação de Menéndez Pidal (4).

No mais, todas as «sombras» biográficas são iluminadas por hipóteses. A começar do «Ponte» agregado ao nome do trovador, tido por galego de nascimento: a que lugar se refere? É indicação de proveniência ou apenas apelido comum na Península? No primeiro caso, será Ponte d'Eume, na Galiza? Ou Ponte do Lima, no Minho português? Ou Ponte Vedra? Essa variedade de localizações, por mais extremada que possa parecer, está facultada pelos textos de algumas cantigas de escárnio e maldizer: há ali indicações bastante precisas de que Pero da Ponte, incansável andarilho, esteve em Segóvia, Toledo, Burgos, Carrion, no reino de Castela; e, em Navarra, passou por Alfaro, Alile e Ayvar. Acrescente-se, ainda, o condado de Valência, cuja conquista por D. Jaime I, em 1238, foi saudada por Pero da Ponte em um de seus poemas mais conhecidos (B 990, V 578, A 466).

Outro pormenor: apesar da origem humilde e da pobreza (5), sua suposta filiação ao belicoso exército de Fernando III, empenhado em fervorosa campanha contra os mouros a partir de mais ou menos 1224, permitiu-lhe rica vivência dos acontecimentos e minuciosa observação dos homens, num trânsito cheio de bom humor, mas também de muita maldade, pelos mais diferentes cantos da Península. Essa peregrinação traduziu-se na vivacidade de seus retratos, físicos e morais, e na precisão de algumas de suas referências históricas, como se decorrentes de presença ocular nos episódios.

Ao mesmo período de usufruto dos áulicos salões castelhanos, o qual não se sabe certo quanto tempo durou, crêem pertencer as dissidências entre Pero da Ponte e Afonso X, o Sábio (6). Dois textos do rei, publicados por Rodrigues Lapa nas *Cantigas d'Escarnho e de mal dizer* (com os números 15 e 17), documentam o que deve esconder uma longa seqüência de alfinetadas de ambas as partes: no primeiro deles, da Ponte é acusado de furtar os «cantares» a Afonso Eanes de Coton, galego seu contemporâneo e considerado também seu mestre; no segundo, de afoiteza e inconseqüência, por ter «minguado» contra Deus e cometido, também contra Ele, «tan louca razon» —invectivas que têm resistido às especulações da crítica. Contudo, qualquer que seja o obscuro motivo da zanga do Sábio, ela indicia o destempero de da Ponte, tô-

(4) «Da Ponte sabe dar a sus versos el atractivo mas propiamente juglaresco, el de la popularidad». Op. cit., p. 122.
(5) Acompanhe o minucioso levantamento que Carolina Michaëlis faz das referências de outros trovadores à condição social de Pero da Ponte. Op. cit., p. 462 e ss.
(6) Além dos estudos biográficos citados na *nota 1,* que se referem à questão, consultar especificamente: Giulio Bertoni, «Afonso X di Castiglia e il provenzalismo della prima lirica portoghese». *Archivum Romanicum,* VII, Genéve, 1923, pp. 171-175; Silvio Pellegrini, «Pero da Ponte e il provenzalismo de Alfonso X». *Annali dell'Instituto Universitario Orientale. Sezion Romanza.* (Napoli), III, 1961, pp. 127-137; F. R. Holliday, «The relations between Alfonso X and Pero da Ponte». *Revista da Faculdade de Letras,* III ser., IV, Lisboa, 1960, pp. 152-164.

nica de sua personalidade literária e justificativa para a prevalência dos cantares escarninhos sobre os demais gêneros.

Ainda do ponto de vista biográfico, não há que esquecer a famosa «tenção» com Afonso Eanes de Coton (B 969, V 556), acerca de problemas aparentemente profissionais. Ali ficamos conhecendo não só sua condição de «segrel» aspirante a «escudeiro» —busca de ascensão subjacente a vários textos— como também sua impudência em «pedir don», atitude imprópria do verdadeiro trovador. Na quarta estrofe do poema, ele chega a alegar que assim precisa agir devido ao «mester» de «servir donas», o que é, de fato, maneira de garantir o próprio sustento. Mesmo se tomarmos a tenção por uma brincadeira de amigos que conviviam muito proximamente (7), dela se depreende o temperamento chocarreiro de Pero da Ponte, que parece muito pouco disposto a levar qualquer coisa a sério, principalmente o convencionalismo amoroso de seu tempo. Ou, como é intrínseco à ambigüidade irônica, o deboche também pode ser estratégia de fachada, de aparência, a esconder a descrença do cético e a melancolia do crítico arguto. O que pode ser acrescido de sua condição de «mal talhado», remoque com que o brinda mais uma vez Afonso Eanes de Coton (CBN 1616, CV 1149) e que Carolina Michaëlis interpreta por «um corpo disforme como o de Esopo o Thersites» (8). Não se descarte, por esse ângulo, algum possível complexo de inferioridade de Pero da Ponte, contraponto de sua ânsia de prestígio social.

Somando esses retalhos identificadores, que podem ser vagos mas não nebulosos, o galego assoma com a individualidade delineada: vagante, como competia a um segrel; de ascendência simples e sem recursos financeiros; poetando muito mais por dever de ofício e por índole sarcástica que por autêntica inspiração, em que pese a buscar no estro instrumento de carreira; padecendo de desqualificação física a que a sátira serve como mecanismo de liberação; e freqüentando, por último, os meios tabernários e chulos, pode-se dizer que a existência de Pero da Ponte não transcorreu em vão. Conhecendo bem as duas faces da sociedade de seu tempo, a popular e a aristocrática, dispondo de extraordinária facilidade para versejar que foi sendo cuidadosamente burilada ao longo das andanças e fazendo do espírito bonachão arma de combate, entende-se porque Pero da Ponte dedicou o substancial de seu interesse às cantigas de escárnio e maldizer: elas amoldam-se-lhe ao caráter como parte de sua própria natureza, fogosamente retraída.

Se a zombaria comparece, em Pero da Ponte, como verdadeiro traço de estilo, é de prever que ela extrapole de seu espaço peculiar —os escárnios— e atinja também as cantigas de amor e de amigo, quando menos pela recusa em curvar a cerviz ao ritual amatório preconizado pela ética cortês. Avesso a qualquer espécie de tirania, da Ponte expõe uma pessoalíssima cosmovisão, em que a temática própria de cada gênero, jargão trovadoresco, tem seus li-

---

(7) É como, de certo modo, Saverio Panunzio interpreta o texto: «un simpatico e divertente dibattito poetico a volte polemico a volte satirico, ma sempre misurato». Op. cit., p. 115.
(8) Op. cit., p. 451.

mites de certa forma suavizados pela irreverente independência homogenizadora.

Atente-se aos escárnios, de início, não para examinar a amplitude de seu rol de motivos (soldadeiras, homossexuais, maridos traídos, infanções decadentes, etc.), mais ou menos previsível em estros ferinos como o de Pero da Ponte, mas sim em busca daquela maestria no trato com a forma que nos coloca diante de um poeta notoriamente culto, em que pese à birra de D. Afonso X. Das 31 cantigas, 18 fazem uso da estrofe de sete versos, havendo escassíssimas estrofes de cinco «palavras», embora assim os tratadistas concebessem a «cobra» ideal. Consoante esse gosto declarado por espaços mais largos, em 14 poemas o metro é decassilábico, a que se podem acrescentar outros 9 onde impera o octossílabo —segundo Lapa, é por aí que se pode distinguir «a poesia cortesã da popular tradicional: a primeira usou quase exclusivamente o octossílabo, empregado nas composições narrativas e didáticas de franceses e provençais, e o decassílabo agudo, o verso favorito da canção lírica em França e na Provença» (9). E ainda: conquanto as cantigas «de refrão» sejam quase equivalentes, em número, às de «maestria» (15 daquelas e 16 destas), a singularidade da cadência rítmica, operada pelas rimas, tira a fixidez e a estaticidade que costuma se concentrar no estribilho.

De fato, é com as rimas que Pero da Ponte esbanja demonstrações de sua habilidade versificatória: mesmo predominando as «cobras singulares» (dezessete) sobre as «uníssonas» (sete), apenas dois esquemas rímicos são usados com mais freqüência —*abbacca* (7 vezes) e *ababccb* (7 vezes); os demais comparecem no máximo duas vezes cada um, sendo que a maioria não se repete. É o caso, por exemplo, de um único texto a fazer uso da «palavra perduda» ou «rima dissoluta», na terminologia provençal: *abxb/AA* (B 1648, V 1182). Como resultado, uma poesia extraordinariamente agradável de se «ouvir», onde ainda ressoa a «música» que Pero da Ponte deve ter espalhado com humor pelos chãos peninsulares. Não se lhe negue a devida instrumentalização para bisbilhotar com segurança a vida alheia.

Henri Bergson diz que o exercício do cômico se destina à inteligência pura (10). Refere-se, portanto, não ao riso descompromissado, àquele passageiro que visa tão só a divertir, como o *vaudeville,* mas à lição dos antigos, que tinham no cômico estratégia segura para reformulação dos costumes. O fato de Pero da Ponte empregar preferencialmente os recursos da linguagem elevada para fazer rir é o que o distingue de tantos «cancioneiros de burla» medievais, cuja pornografia começa e termina em si mesma, pura circunstancialidade. A alma sensível de Pero como que transborda de seus escárnios, num desejo algo frustrado de se ver aceito e reconhecida a seriedade de sua profissão. Tarefa difícil, porque o mundo não é como ele espera, nem os outros conseguem penetrar-lhe o espírito por trás da máscara.

---

(9) Manuel Rodrigues Lapa. *Lições de Literatura Portuguesa - época medieval,* 8.ª ed., rev. e aum., Coimbra, Coimbra Editores, 1973, p. 205.

(10) Henri Bergson, *O riso,* trad. de Nathanael C. Caixeiro, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980, p. 13.

Saverio Panunzio atribui a esse visceral anseio de afirmação social a causa de Pero da Ponte ter-se dedicado às cantigas de amigo e de amor, gêneros para os quais não se achava preparado —por questão de índole— e que praticou sem entusiasmo. Segundo o crítico, as cantigas de amigo não arredam pé de um único tema, a ausência do escudeiro, trabalhado com «escassíssimas variações» e empobrecido pela «inércia estrófica». São «exercícios literários», de «bom nível artesanal», mas a que falta «o genuíno vigor poético? (11). Embora se refira especificamente às cantigas de amor, bem outra é a opinião de Carolina Michaëlis, que considera «frutos saborosos» os seus «incontestavelmente variadíssimos versos de amor (12).

O parecer da grande filóloga soa mais justo; contudo, Panunzio tem alguma razão quanto à rigidez formal das cantigas de amigo: as estrofes, organizadas sistematicamente em quadras, con refrões dísticos —predomina o esquema *abba/CC*— conduzem de fato a certa monotonia. Mas foge dela a metrificação: pondo de lado o tradicional verso heptassilábico, adota o octossílabo e o decassílabo, alternando rimas graves e agudas —de efeitos musicais garantidos. Se soluções como essas não são suficientes para chegar à maestria de um D. Dinis, insuperável no fazer falar a voz feminina, nem por isto o resultado é menos gratificante.

Mha madre, como vivirey
ca non dormho nen dormirey?
Poys meu amigo é en cas d'el-Rey,
me tarda tan longa sazon!
(B 833, V 419)

E o temperamento forte e insubmisso de Pero da Ponte, fartamente documentado no cancioneiro satírico, talvez ajude a compreender a arrogância de suas mulheres (alter-ego do trovador?), que choram, mas sabem por que o fazem, e não hesitam em tramar projetos de vingança:

«Filha, fazed end'o melhor:
poys vus seu amor enganou,
que o engane voss'amor».
(B 837, V 423)

Abandonadas, mas não rendidas; traídas, mas não ludibriadas, elas contam com o apoio da mãe para armar o contra-ataque. Esta, sem qualquer indício de uma confidente conciliadora, mancomuna-se com a filha num ardiloso jogo feminino de conquista e embuste, que semelha o único revide à altura da desfeita do amado (ver B 831, V 417).

Por exemplos como esses, supreende-se o empenho de Pero da Ponte em rejeitar o clichê da jovem solitária que não sabe o que fazer do próprio destino na ausência do amante. Camponesas arrojadas e genitoras argutas ofere-

(11) Op. cit., p. 24.
(12) Op. cit., p 451.

cem certos requintes, embora diluídos, de embates psicológicos que muito dizem do potencial analítico de Pero da Ponte, de sua facilidade em captar a realidade humana mais íntima, ainda que feminina. Em seu caso, a «persona» da mulher mal disfarça o trovador que levou a vida digladiar contra quaisquer imposições.

Nas cantigas de amor, o império do ritual cortês, assentado na vassalagem à dama, alcançou, quando muito, que Pero da Ponte *dividisse* com ela seu decantado sofrimento. Jamais a submissão; antes a partilha, e, se possível, em igualdade de condições. Tanto que somos levados a indagar: de que maneira ele «sofre»? Como interpreta a ética dos galanteadores cortesãos? Na superfície, o seu «mal» é o de qualquer outro trovador: a indiferença da *dame sans merci,* a insônia, o desejo da morte, a invocação a Deus para que puna a ingrata, a dúvida, a persuasão, o arrufo, etc. Contudo, lá está a resistência em submeter-se com despreendimento e com docilidade:

> E quanto mal eu per ela levei,
> ora mh'o cobrarey, sse Deus quiser;
> ca, poys eu per ela morte priser,
> non mi diram que d'ela ben non ei:
> (B 982, V 569, A 291)

Nada da passividade do amador sujeito aos caprichos da mulher, como impunha o mais lídimo princípio da «mesura»; há que cobrar, e caro, pelos infortúnios passados: o «ben», conquistado como «galardon», servirá de testemunho («non mi diram»), tão necessário à psicologia social de Pero da Ponte, da disputa entre adversários equivalentes. Se não for assim, que seja ela, e não ele, a prejudicada:

> E Deus [que] sabe que vus am'eu muyto,
> e amarey, enquant'eu vyvo for,
> el me leix'ante per vox trager luyto
> ca vos per mi;
> (B 984, V 571)

Considerando-se este o *leitmotiv* da criação pontiana, em nenhum instante ele se realizou com tal maestria com no poema a seguir (B 980, V 567), obra-prima do cancioneiro galego-português:

I

Se eu podesse desamar
a quen me sempre desamou,
e podess'algum mal buscar
a quen mi sempre mal buscou!
Assy me vingaria eu,
se eu podesse coyta dar,
a quen mi sempre coyta deu.

II

Mays sol non posso eu enganar
meu coraçon, que m'enganou,
per quanto mi faz desejar
a quen me nunca desejou.
E per esto non dôrmio eu,
porque non poss'eu coyta dar,
a quen mi sempre coyta deu.

III

Mays rog'a Deus que desampar
a quen mh'assy desamparou,
ou que podess'eu destorvar
a quen me sempre destorvou.
E logo dormiria eu,
se eu podesse coyta dar,
a quen mi sempre coyta deu.

IV

Vel que ousass'en preguntar
a quen me nunca preguntou,
per que me fez en ssy cuydar,
poys ela nunca en min cuydou.
E por esto lazero eu,
porque non poss'eu coyta dar,
a quen mi sempre coyta deu.

Tendo por base o que vimos desenvolvendo, uma leitura ainda que superficial do texto já induz à pergunta: com quem pugna Pero da Ponte? Com a dama que não o aceita? Ou consigo mesmo, que não se rende à humilhação? Onde se passa o conflito? No âmbito da relação amorosa, em que as intenções não conjuminam? Ou no espaço da consciência individual, que recusa a servir? O *se* condicional, primorosamente utilizado ao longo do poema (artifício que fará, mais tarde, as delícias do Barroco), insere a questão no reduto das hipóteses, das probabilidades, das incertezas, adensando o angustiante diálogo em solilóquio. *«Se* eu podesse coitar dar», alternando com *«porque* non posso coita dar» —núcleo significacional da cantiga —bem reflete a dialética do espírito, imerso em paradoxos. A persistência dela («sempre», «nunca») contra a insegurança dele («se»).

Principie-se pelo rebuscamento do arcabouço estrutural, dignificando o velho paralelismo das canções folclóricas peninsulares: são paralelos os versos entre si, pelo recurso ao «mordobre» (desamar/desamou, buscar/buscou, enganar/enganou, etc.), assim como o são cada dois versos, dando à estrofe ritmo binário (desamar, desamou/buscar, buscou; enganar, enganou/desejar, desejou, etc.), que se completa no refrão, revezando uniformemente *se*

e *porque.* E ainda: na primeira e quarta estrofes, a conjunção determinante é *se/vel;* na segunda e terceira, é *mais,* o que diz de um andamento peculiar à cantiga.

Os vinte e oito versos dispõem-se em estrofes uníssonas (que não são as mais comuns em Pero da Ponte), de octossílabos rimados no sistema agudo *(ababc/AC),* confirmando, pela força cadencial, a ação dos verbos, cheios de dinamismo. Estrofes com cinco «palavras» também têm sua explicação: a rima *c,* como que «perduda», liga-se ao refrão, sugerindo a interrelação de motivos, centrados naquela «que sempre coita deu». Se procurarmos as causas de tal «coita», lá estão as rimas *c* para apontá-las: desejo de vingança (v. 5: «Assi me vingaria eu»); perda do sono (v. 12: «E por esto non dôrmio eu» e v. 19: «E logo dormiria eu»); feridas morais (v. 26: «E por esso lazero eu»).

Por esse estratagema, a figura feminina ganha no texto destaque muito superior ao que seria de esperar, considerando-se que é referida apenas pelo pronome indefinido «quen», a distanciá-la do plano comum dos mortais (13). Quando, ao final, recebe roupagem pronominal mais nítida («ela», v. 25), pode-se dizer que o «eu» atingiu o ápice de *seu* processo de autoconhecimento, para o qual a dama atua, na verdade, como pretexto. Não é a toa que a única *atafiinda* do poema privilegie o «coraçon» (v. 9), sede de todos os «enganos» e em feroz litígio com a razão.

O ritmo ascendente produz, na última estrofe, o máximo de tensão, atestando o superior talento de Pero da Ponte: todo o drama decorre de o amante não ser capaz sequer de perguntar à amada o porquê de sua indiferença (V. 22) —que parece mais cruel porquanto volitiva (v. 24: «me fez en si cuidar»). Sendo assim, compreendemos que os projectos de vingança arquitetados nas estrofes anteriores já nasceram falidos, policiados por um espírito crítico que os conhece de antemão inúteis. Solitário, único, assoma então o verbo «lazerar» (v. 26), metáfora do desgaste entre recuar e ferir, dizer e calar, ver e fingir.

Revendo essas considerações à luz do psiquismo de Pero da Ponte, somos levados a repensar o verso «se eu podesse coita dar»: mais que um levante contra a mulher, ele semelha figurar a insatisfação do segrel contra a própria concepção de *coita,* injustamente calcada do lado masculino; contra a obrigatoriedade de *forjar* tal coita para representar um estado de vassalagem de que ele parece discordar por princípio. A reinvidicação subjacente da equivalência de direitos —que vimos metaforicamente enredada por todos os textos— é quando menos significativa da profunda reflexão a que Pero submeteu a sociedade de seu tempo, embora tivesse preferido rir-se dela. Talvez por despeito, talvez por indiferença.

No *Cancioneiro da Ajuda,* Carolina Michaëlis tece um curioso juízo: «Artista de grande talento, maleável e acomodatício, pode ser que, em outro meio,

---

(13) A mulher como «abstração» seria, para E. Jane Burns, mais uma prova de que na lírica trovadoresca está em causa o homem. «The Man behind the Lady in troubadourlyric». *Romance Notes,* vol. XXV, n.º 3, Spring, 1985, pp. 254-270.

Pero da Ponte tivesse produzido só frutos saborosos». Contudo, cônscia do instantâneo deste raciocínio, corrige na linha seguinte: «Mas também pode ser que não» (14). E nós acrescentamos: nem outro meio, nem outro tempo. Ambos compuseram o modo de ser do segrel galego como que por inércia, material bruto resistindo a que lhe cerceassem os movimentos. A sátira doi uma saída inteligente; disseminá-la, contudo, com tamanha sutileza, pelos cantares de amigo e de amor, é criação de mestre.

(14) Op. cit., p. 451.

Eduardo Blanco Amor: viagem à sua vida e à sua obra*

Henrique RABUNHAL

I

É para nós um imenso honor comparecer hoje aqui ocupando um lugar reservado a personalidades e autoridades convocadas sempre pola Associaçom de Amas de Casa da Corunha que com grande eficácia preside D. Begonha Bonet Diez. Felizmente nom é a primeira vez que colaboramos com actividades surgidas no entorno humano e social deste movimento associativo com quem celebramos o passado 11 de Março a feliz jornada do Dia Provincial da Ama da Casa e o Consumo.

II

Como é sabido desde 1963 a Real Academia Galega elege a figura de um escritor falecido para ser homenageado com eventos como este que protagonizamos nesta querida cidade corunhesa. O que começou sendo o Dia ou a Semana das Letras Galegas centrado na figura desse escritor acabou convertendo-se numha interminável seqüência de actos que ao longo do ano desvendam aspectos da biografia e da bibliografia do autor protagonista e que em muitos casos estám consagrados a outras figuras da nossa cultura, mesmo vivas como aconteceu este ano em O Couto (Ponteceso) onde se lhe tributou umha Homenagem ao poeta e amigo Manuel Maria. Neste ano de 1993 esse autor é Eduardo Blanco-Amor, um dos maiores escritores galegos nom só deste século XX que fenece senom de toda a história da nossa expressom literária. Na nossa intervençom pretendemos antes de mais homenagear a vida e obra deste grande autor e aproximar alguns aspectos do seu periplo humano e literário a quem tem a gentileza de ouvir-nos.

---

* Conferência pronunciada para a Associaçom de Amas de Casa da Corunha em A Corunha o 18 de Maio de 1993.

III

Eduardo Blanco-Amor (1897-1979), escritor mui pouco estudado (1), pertence a um grupo literário denominado pola crítica a geraçom de 1925, da vanguarda ou Novecentista. Trata-se de autores nascidos com o século, herdeiros, discípulos e continuadores da geraçom Nós e mui particularmente influídos por Risco, que acedem à actividade literária durante a Ditadura de Primo de Rivera, comprometidos na fundaçom e no labor do Seminário de Estudos Galegos (1923-1936), vinculados às revistas Ronsel (1924) ou Alfar, o jornal El Pueblo Gallego mas também a Nós ou A Nosa Terra, e às organizaçons políticas nacionalistas como o Partido Galeguista (1931). Entre outros devemos citar o poeta Luís Pimentel, Blanco Torres, Eugénio Montes, Manuel António, Luís Amado Carvalho, o polígrafo Fermim Bouça-Brei, Paz-Andrade, Rafael Dieste, Manuel Luís Acunha, Augusto Casas, Jesus Bal y Gay, Ángel Joám, Evaristo Correa Calderom, Maside, Colmeiro, Fole, Álvaro das Casas, Crecente Vega e um longo etcétera. Grupo em definitivo numeroso mas enormemente plural na sua peripécia vital —com mortes prematuras, longos exílios— e na sua oferta estético-literária —com exemplos de longos silêncios editoriais, praxes bilíngües e deserçons definitivas.

IV

Muitos som os problemas que acarreta um achegamento rigoroso a Blanco-Amor —home profundamente conflituoso e difícil de encaixar num esquema ideológico unívoco, progressivo e singelo com o que parece fácil de rastejar noutros escritores— quem produziu os seus textos durante decénios longe da Galiza. Recentemente, Gonzalo Allegue (2), publicou umha meritória biografia do autor de *A esmorga* que nos facilita um conhecimento mais amplo da figura e da obra do nosso escritor. Aurora Amor, mae do escritor e dos seus catro irmaos (Júlia, Castor, Camilo e Marina) logo de enviuvar em 1884 do seu primeiro marido, Ramom Bóveda Guerra, casa com Víctor Blanco, pai de Eduardo —nascido o 13 de Setembro de 1897— e Marina. O escritor lamentou profundamente a ausência do pai sendo ele mui cativo motivo que

---

(1) Até há bem pouco tempo, a figura e a obra de Eduardo Blanco-Amor (1897-1979) eram assuntos da nossa mais recente história literária insuficientemente estudados, divulgados e conseqüentemente conhecidos. Um livro de homenagem publicado por Ediçons Xerais com a colaboraçom do Concelho de Redondela (1980), as mui desconhecidas Teses de Licenciatura de Pilar Yagüe (1978) e Clara Torres Martínez (1980) —autora que dá a conhecer no n.º 88 (1985) de Grial *Os nonnatos*— ou o monográfico n.º 3 de A Nosa Terra (1985), as entrevistas concedidas polo escritor a Casares (1973) e a Freixanes (1976) e alguns poucos trabalhos sobre aspectos particulares —nomeadamente da sua obra narrativa em galego— eram toda a bibliografia passiva disponível. Nem o seu epistolário, nem o seu labor poético, nem a sua actividade jornalística e literária esparejida por um número importante de publicaçons periódicas europeias e americanas tenhem sido devidamente analisados. Outro tanto pode dizer-se do seu teatro (**) deficientemente divulgado, com peças importantes esgotadas e ainda por ser estudado globalmente com rigor. O desinteresse no âmbito da cultura espanhola parece ser ainda maior e mais grave o qual poda explicar que nom se tenham ré-editado alguns dos seus romances mais elogiados pola crítica como *La catedral y el niño* e *Los miedos*.

(**) Blanco Amor e o teatro é o título e o tema da comunicaçom que apresentamos ao VI Congresso Internacional da Língua Galego Portugesa na Galiza e na qual nos ocupamos desta fundamental dimensom da actividade do escritor.

(2) Gonzalo Allegue, *Eduardo Blanco Amor (biografía). Diante dun xuíz ausente,* Ed. Nigra, S.L., Vigo, 1993.

o impulsou a projectar a redacçom finalmente abortada de *A morte de o mi padre.* Resulta sugerente o mundo da tenda e casa maternas («faiado fantástico» em palavras de Allegue) com os bauis que guardam as figuras de Colombina, Polichinela, Arlequim, palhasos, chepudos, e raínha da vendima ou a experiência fabulosa de El teatro de perros y de monos de Pinacho. «Brancaflor» —como lhe chamavam a Eduardo— é penteado e vestido de nena, vive desde criança a sua homosexualidade e entre outras experiências a de apedrejar o Paço Episcopal e o Centro de Obreiros Católicos polos sucessos do Mosteiro de Oseira, e desenvolve os seus trabalhos de «echador» no café La Unión, na imprensa La Popular, na redacçom de El Diario de Orense e como porteiro da Inspecçom de Primeira Ensinança. Já adolescente mantém contactos com Risco e La Centuria, Montes, Losada, Basílio Álvarez —na sua revista La Raza publica um poema em 1918— e lê Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé, Verlaine, D'Annunzio ou Maeterlinck ao tempo que procura ser excluído do contingente militar.

V

Na primeira experiência americana (1919-1928) de Blanco-Amor —inicialmente empregado no Banco Español do Río de la Plata e na tenda de móveis Nordiska— parece imerso já numha actividade cultural intensíssima que vai presidir todo o seu longo periplo americano. Conferências (Curros, Benavente, Cabanilhas, pintura), poemas —já em galego—, cursos, as primeiras publicaçons em El Eco de Galicia, Acción Gallega, Correo de Galicia —onde se responsabiliza das páginas literárias— e umha relaçom epistolar com Risco definem os seus primeiros anos para além de contactos com importantes figuras da cultura argentina e galega (Suárez Picalho, Rey Soto, Ilha Couto). Surpreende com tam pouca bagagem —deixando à margem as suas abundantes leituras— e em tam pouco tempo a frenética actividade e o éxito das suas empresas como a fundaçom de Terra (1923) na qual colaboram os mais importantes escritores galegos da altura, a direcçom de Céltiga (1924-1932) e El despertar gallego, os primeiros artigos em La Nación, as suas colaboraçons enviadas a Nós e à Gaceta Literaria de Madrid ou as suas responsabilidades directivas na Federaçom de Sociedades Galegas (FSG). Também aginha podemos registar a problemática convivência de Blanco-Amor nos meios galegos da emigraçom bonaerense ao ser expulso da F.S.G., demitir como director de El despertar gallego e apoiar a criaçom da Sociedade de Arte Pondal —mais radicalmente nacionalista e impulsora do jornal monolíngüe A Fouce (1926-1936) ré-editado em 1992 em Nova Galicia—. Em 1927 (Céltiga, n.° 58, Buenos Aires, 25-5-1927) edita o relato *Os nonnatos* (3). Nele Deus baixa a escaleira e dialoga com Cronomos acerca da dialéctica home vs. Deus, a filosofia, o livre alvedrio criticando-se também a alguns cristiáns homicidas. Deus anuncia a quatro ánimas ingrávidas, os nonnatos, que em

(3) Recentemente foi editado na Galiza por Anxo Tarrio Varela no seu livro *Primeiras experiencias narrativas de Eduardo Blanco-Amor* (Galáxia, Vigo, 1993, pp. 73-84).

forma de figuras humanas descerám à Terra e concede-lhes o dom da fala e o da «Presciencia» para verem o seu futuro. O primeiro nascerá na Guaiana holandesa e será preto e escravo. O segundo será mineiro de ferro em Lapónia e vai trabalhar meio século a 30° baixo de zero. O terceiro virá ao mundo em Misiones (Argentina), será serranchim de quebracho e morrerá de sede e paludismo. Finalmente o quarto será mulher galega e pobre, jornaleira da terra, o seu home esquecerá-a em terras alheias, viverá umha vida escura, será abandonada polos seus filhos, na sua velhice nom terá o amor das bestas e morrerá na cima de umha serra. Esta etapa culmina com a ediçom do seu poemário *Romance en catro tempos* (Céltiga, Buenos Aires, 1928). Trata-se de um livro vinculado à onda do neopopularismo, também de carimbo modernista e com pegadas hilozoístas e neotrovadóricas.

VI

Numha viagem do escritor à Galiza e Madrid em 1928 e 1929 como correspondente de La Nación mantém contactos com os galeguistas como Paz Andrade e Castelao, conhece Compostela e Asorey e na capital do estado com Diaz-Canedo para voltar a Buenos Aires logo de embarcar num pesqueiro. Ao voltar em 1929, quando se cria a Instituiçom Cultura Galega para apoiar o Seminário de Estudos Galegos, incorpora-se Eduardo à FSG dirigindo o Galicia (1930) —que substitui a El despertar gallego, colabora em Pueblo Gallego, adere à República— chega a formar parte do Comité Fundador da ORGA —e parece próximo aos postulados do PG que o levam também a defender o nosso primeiro Estatuto de Autonomia. Do ponto de vista literário ultima a ediçom de autor do *Poema en catro tempos* que sai em Buenos Aires em 1931, umha Sinfonia em quatro tempos outra vez com matizes hilozoístas e alento vanguardista que aborda a comunhom dos homes e o mar, as faenas nocturnas daqueles e a consumaçom da grande tragédia que inspira a escrita dos textos poéticos.

VII

A segunda viagem à Espanha coincide com a morte da mae e um certo afastamento do galeguismo oficial —com polémica incluída com Castelao—. Entrega à revista Nós três capítulos do seu romance *A escadeira de Xacob* (4) editados no n.° 118. O romance conta a tentativa do judeu alemám residente em Buenos Aires, Jacob —criado no pragmatismo à margem dos sentimentos de amor, sacrifício ou solidariedade— de abandonar a sua actual vida mercantilista —operando na Bolsa para a Martin Sons Ltd, habitando um luxoso apartametno cheio de objectos esquisitos e no qual conta com um criado nipom, conduzindo um Rolls— apesar de odiar a literatura ou inibir-se dian-

(4) Anxo Tarrio Varela é o responsável da ediçom que Galáxia fixo do romance em 1993. Trata-se de um trabalho de reconstruçom do relato a partir dos capítulos da revista Nós e diversos manuscritos e páginas mecanografadas. O que dizemos do romance está baseado na leitura desta ediçom.

te dos problemas dos obreiros—. Formado na Alemanha e em Inglaterra, Jacob parece agora disposto a mudar de vida, padece insónia, rompe com Rina —umha das melhores moças de Buenos Aires— e até se refúgia na soledade limpa das praias de Montevideu. Desenganado do caminho das redençons proletárias logo de assistir a umha jornada de debate da III Internacional, e acusado polo seu criado de levar umha vida falsa de judeu, sem ideais, namora-se de Hirsch —filha de um milhonário judeu— e concerta-se o casamento. Mas o dia em que tem que produzir-se aceita voltar aos negócios para ganhar um bom dinheiro e mesmo quem ia ser seu sogro alegra-se da operaçom. A noiva logo do desmaio e o ataque de coraçom está para morrer mas o noivo nem pensa falar com ela. Em 1934, em Madrid, conhece Lorca assistindo à estreia e leitura de várias das suas obras *(Doña Rosita la soltera* e *Yerma).* Também em Madrid soma-se ao projecto da revista Ciudad (1934-1935) com Víctor de la Serna. Outra vez em Buenos Aires, em 1935, afiliado à Izquierda Republicana de Azaña, defende a legalidade republicana editando em 1936 o seu poemário em espanhol *Horizonte evadido* (Ed. Viau, B. Aires, 1936) cujos textos vincula Allegue com a relaçom do poeta com Ángel Rodríguez a quem conhecera em Madrid.

A seguir venhem os trágicos anos da guerra civil espanhola que também se vive dramaticamente em América. Blanco-Amor assume importantes compromissos na defesa da República no Serviço de Informaçom da República, como Cónsul e Vice-Cónsul da República, e colaborando com a Embaixada de Espanha. Durante a guerra candidata-se vitoriosamente ao Centro Galego, emite «Habla Madrid» em Radio Callao, segue a escrever no Galicia e trabalha incansavelmente na acolhida de exilados, na gestom de visados, etc.

VIII

Liquidada a de Espanha, a II Guerra Mundial preside a década de 40. Blanco-Amor diriga a emissom Arte y Cultura de España, trabalha para Emecé —fundada em 1939— editando *En soledad amena* (Buenos Aires, 1941) e constituindo El Tinglado, Teatro Español de Cámara em 1941 representando peças do teatro clássico espanhol. Coincidindo com a chegada de Perón ao poder, em 1946, logo de 25 anos na Argentina, Blanco-Amor é objecto de umha homenagem que destaca pola ausência de figuras do galeguismo, como Castelao. Dous anos depois, 1948, edita o seu primeiro romance em espanhol *La catedral y el niño* (Ed. Rueda, Buenos Aires) que conheceria duas ediçons mais em 1966 (Ed. Losada, Buenos Aires) e 1976 (Ed. del Centro, Madrid) e no qual já aparece o cenário mítico de Áuria e os anos prévios e coincidentes com a infância do autor. Nos primeiros anos 50 Blanco-Amor viaja por diversos países de América (Chile, Venezuela, Colómbia, Ecuador, Peru) escrevendo em diversos jornais, ensinando literatura em universidades, conferenciando, dirigindo jornais, fazendo emissons de rádio. Fruto da sua experiência chilena será o volume *Chile a la vista* (Ed. del Pacífico, Santiago de Chile, 1951). Os anos 50 som de umha grande actividade literária e cívica. Para além da primeira ediçom das *Farsas* (1953), edita *Las buenas maneras* (1956) e o poemário *Cancioneiro* (1956) —volume diverso por vezes radical-

mente intimista e com pousos neotrovadóricos—, funda o Teatro Popular Galego (1957), cria a Cátedra de Cultura Galega no Centro Lucense de Buenos Aires, participa na AGUEA (1956), é professor da Escola de Teatro, dirige o Galicia (1957) do Centro Galego ao tempo que trabalha para Epasa. Em 1958 fai outra viagem a Europa: Galiza, Madrid, Itália, França e já em 1959 edita *A esmorga.* Logo da «Documentación» que explica o interesse do narrador polo «caso» e desvenda as fontes orais e escritas usadas, o romance organiza-se em cinco capítulos nos que Cibrám Canedo ao tempo que em dous dias declara ao juíz —mudo, estrangeiro, surdo e cruel— a sua intervençom na esmorga vai-se-nos configurando ante nós, leitores, como um ser honrado, irónico e inteligente e bom camarada. O relato tem portanto dous mundos dispares, as 24 horas da esmorga, e o da declaraçom referido a aquele. Cibrám, feitas as pazes com a sua mulher, dirige-se um luns pola manhá ao seu trabalho nas obras de umha estrada quando se encontra com o Bocas —ensimismado, destemido e frustrado— e o Milhomes —delincuente e homossexual— que já cometeram um homicídio. Cibrám, aqueixado de umha terrível doença psíquica —o pensamento— e prevendo que por mor do tempo nom se poderá trabalhar, decide botar uns vasos com os esmorguistas —dos que se diferéncia ao longo do romance— e já nom poderá abandoná-los acompanhando-os a ver a misteriosa mulher do Paço dos Andrada e numha infernal viagem por Áuria durante a qual se consumem muita comida e bebida e polo que transitam prostitutas, arrieiros, decadentes fidalgos, alquitareiros, frequentadores de sórdidas tabernas, tolos, cegos, timadores. Um fortuito incéndio expulsa-os da casa dos senhores do Castelo, logo serám expulsos de um prostíbulo —o da Monfortina— para acabar noutro, no da Nonó, visitam um Mesóm, profanam umha igreja, roubam no Paço dos Andrada —ao qual volvem— onde descobrem que a mítica mulher formosa resulta ser umha boneca e quando se disponhem a fugir num comboio sabem que a guarda-civil os busca. Dirigem-se a um estecoleiro onde o Bocas viola a umha tola, a Socorrito, o Milhomes —homossexual— assassina por ciúmes ao Bocas. Só o Cibrám sobrevive para declarar e no fim desta declaraçom mete-se umha navalhada enquanto a parelha da Benemérita o remata a culatraços.

IX

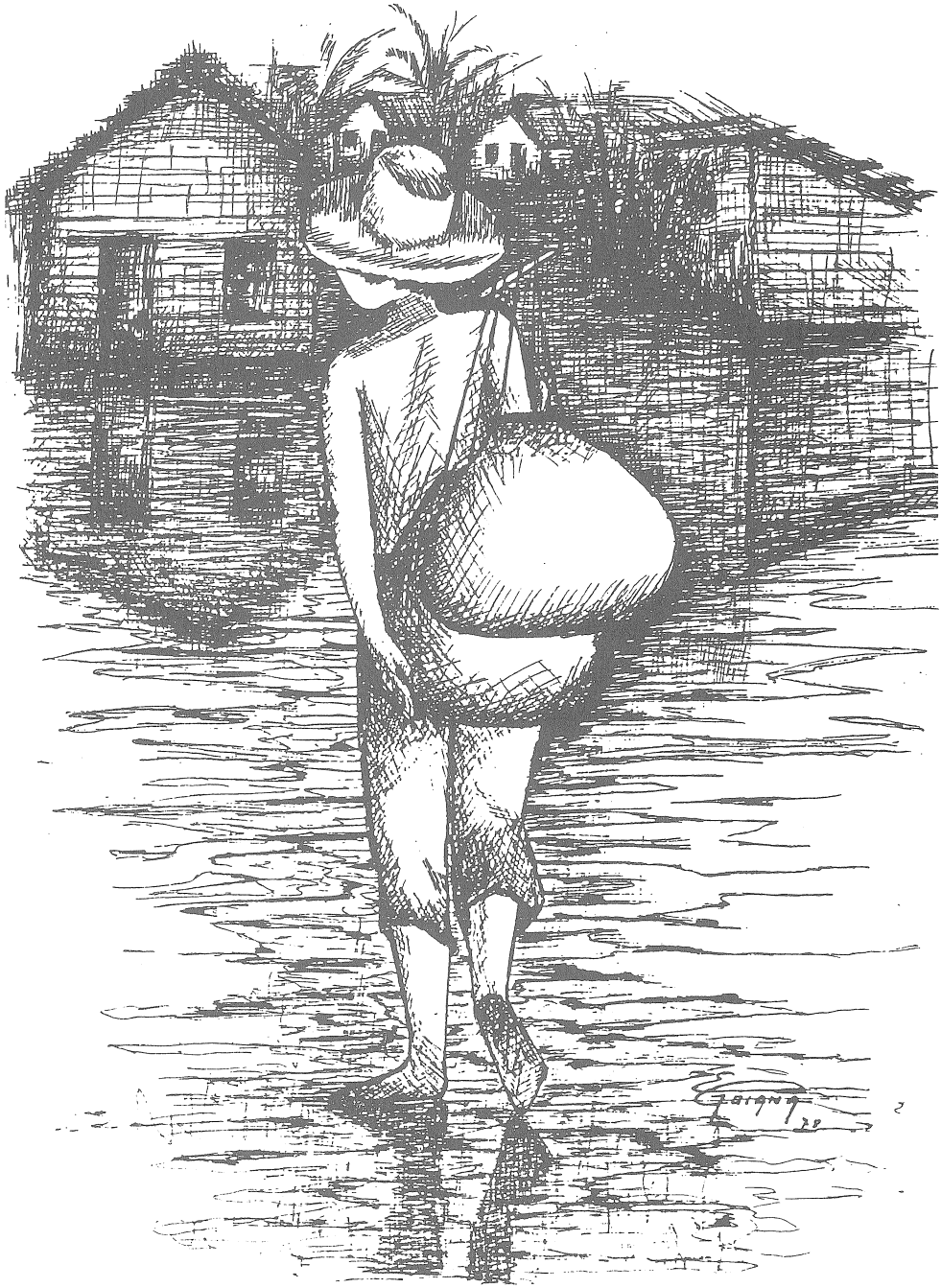
Como o desejado retorno à Pátria nom se pode produzir, Blanco-Amor prossegue a sua frenética actividade em Buenos Aires editando *Los miedos* (1963) —romance escrito originariamente em galego, umha nova ediçom das *Farsas,* fazendo outra viagem a Espanha quando se jubila. Vem de editar *Os biosbardos* (1962), edita a antologia do Padre Feijóo, assiste à homenagem a Celso Emílio em 1966 e prepara o guiom de *A esmorga* para ser levado ao cinema enquanto trabalha de corrector em Santillana. A actividade segue a ser intensa mas há tempo e desejos de redigir *Xente ao lonxe* que nom ganha o 1.000.000 de pesetas do Galicia do Centro Galego mas o livro é editado em 1973 justo quando saem também as *Farsas para títeres.* O romance, narrado por diversas vozes, e polo que transitam umhas 170 figuras, oferece umha panorámica da cidade de Áuria e sobretodo da família Aser nas suas quatro

partes. Na primeira essa panorámica é ampla e conhecemos algumhas das personagens fundamentais: a senhora Andrea, o Elíxio, e a família Aser com o pai, sindicalista, a mae, e os filhos, Alberte, Suso e Evanxelina. A segunda parte analisa a dialéctica escola laica (tolerante) escola religiosa (cruel e repressiva) ao tempo que nos introduz nas juntanças dos obreiros na casa dos Aser. Na terceira parte, os obreiros de A. querem impedir o roubo do baldaquino de Cea, no Mosteiro de Ursaira, promovido polo bispo e o governador. Intervém a força policial e o Aser é detido, Evanxelina tem que esconder-se e o Suso descobre um novo amigo em Pepe Cerdeira. Na última parte assistimos à celebraçom da festa do 1 de Maio e à primeira experiência sexual do Suso num prostíbulo. Também conhecemos o destino final da família Aser: o pai detido em Burgos aonde se traslada a mae com Alberte, Evanxelina em Astúrias com o seu filho, e o Suso instalado em Madrid trabalhando numha boa imprensa. Um par de anos antes trabalha em Barcelona com Salvat na adaptaçom de *El caballero de Olmedo* e desde 1972 é académico de número da Galega. Os últimos anos da sua vida parecem tristíssimos apesar de algumha homenagem, a bolsa da Barrié, tem que sofrer novos atrancos até que morre em Vigo o 1 de Dezembro de 1979. Gonzalo Allegue justifica o nascimento do seu livro no contexto da morte de Eduardo. Umha morte que tal como é referida é também um acto de denúncia: tumba modesta e térrea, ausência dos presidentes do Governo Galego e da Academia, substracçom de objectos (augafortes, debuxos, tintas, láminas, carpetas, retratos, esculturas, correspondência e até a máquina de escrever, umha Addler, Tippa 2). Esta referência à génese da biografia inclui —no livro de Allegue— umha citaçom do próprio Blanco-Amor quem se nos apresenta expulso polo sexo, traumatizado pola guerra e convicto de que na vida humana todo gravita cara a sujidade e o esquecimento.

X

Este acto quixo ser todo o contrário do que a sujidade e o esquecimento. Quixo ser um acto de reconhecimento e de vindicaçom do legado humano e textual de Blanco-Amor. Convidamos energicamente a que se leam os seus livros e fazemos votos pola recuperaçom de um autor que como dizíamos ao começo é ouro fino, de muitos quilates numha literatura tam traumática mas tam esperançada como a nossa.

A Corunha, 18 de Maio de 1993.



ANTOLOGIA

O negro artificial *

Flannery O'CONNOR

Quando acordou, Mr. Head descobriu que o quarto fora invadido polo luar. Incorporou-se e olhou para o soalho de madeira, que era de prata, depois fitou a fronha do travesseiro, que era brocado, e viu assomar por detrás do espelho de fazer a barba, a umha distáncia de cinco pés, a metade da lua —enaltecendo com a carícia do seu brilho os objectos todos da alcova parecia esperar que lhe fosse permitida a entrada. A cadeira rija, de costas contra a parede, emergia obstinada e atenta, como que aguardando umha ordem, e as calças de Mr. Head, penduradas no respaldo, tinham um aspecto quase ilustre, como o trajo que algum homem notável tivesse atirado a um servente. Mas o rosto da lua era grave. O seu olhar alastrava através do quarto e saía pola janela para ir flutuar sobre o curral das bestas. Era como se se contemplasse a si própria com a atençom de um jovem a ver à sua frente os anos de velhice futura.

Mr. Head poderia ter-lhe dito que essa idade é umha graça divina pois com os anos o homem atinge o entendimento calmo da vida que o transforma num guia adequado para o mais novo. Esta, quando menos, tinha sido a sua experiência.

Incorporou-se na cama agarrando-se aos barrotes de ferro dos pés, queria ver os ponteiros do despertador que colocara sobre o fondo dum balde entornado ao pé da cadeira. Eram as duas da madrugada. A alarma do relógio nom funcionava mas ele nom precisava de meio mecánico algum para acordar. Sessenta anos nom conseguiram entorpecer-lhe os reflexos; as suas reacçons físicas, o mesmo que as morais, eram guiadas pola vontade e o carácter, e estes logo se adivinhavam na expressom do rosto. Tinha um rosto enxuito, com umha mandíbula comprida, aberta e arredondada, e um longo nariz abatido. Embora calmos, os olhos permaneciam em alerta constante e à luz milagrosa da lua apareciam velados de serenidade e sabedoria antiga, como se pertencessem a um dos grandes guias da humanidade. Poderia ter sido Virgílio convocado no meio da noite para se encontrar com Dante, ou melhor, Ra-

---

* Traduzido do inglês por Elvira Souto.

fael, acordado por umha lufada de luz celestial para voar ao pé de Tobias. A única mancha negra do quarto era a enxerga em que jazia Nelson baixo a sombra da janela.

Nelson dormia de cócoras sobre o costado, os joelhos apoiados no queixo e os tornozelos apertando as nádegas. O fato e o chapeu novos estavam nas caixas que mandaram vir e que agora descansavam no chao aos pés da enxerga ao alcance da mao para o rapaz os vestir logo que acordar. O penico, fora das sombras e branco de neve sob o luar, parecia guardá-lo como um pequeno anjo pessoal. Mr. Head tornou a deitar-se, sentindo-se inteiramente tranquilo quanto à missom que o esperava esse dia. Tencionava erguer-se antes do que o Nelson e ter o almorço pronto quando este despertar. O rapaz sempre ficava aborrecido quando era Mr. Head o primeiro em levantar-se. Teriam de sair às quatro para estarem no entroncamento do ferrocarril polas cinco e meia. Apanhariam o trem às cinco e quarenta-e-cinco e nom podiam chegar tarde porque o comboio pararia para os recolher exclusivamente a eles.

Seria a primeira viagem do rapaz à cidade embora ele se obstinasse em afirmar que se tratava da segunda porque nascera ali. Mr. Head tentara explicar-lhe que daquela nom tinha a inteligência necessária para determinar o lugar de nascimento mas isto em nada impressionara o rapaz que continuava a insistir em que esta era a sua segunda viagem. De Mr. Head seria a terceira. Nelson dixera-lhe: —Daquí a pouco eu terei 'tado duas vezes e nom tenho mais que dez anos.

Mr. Head levara-lhe a contrária.

—Hai quinze anos que nom voltaches por ali, como podes 'tar seguro de encontrares o caminho —perguntara-lhe Nelson—. Como sabes que nom cambiou nada?

—E ti viches-me a mim —retorquira Mr. Head— perdido algumha vez?

Claro que Nelson nunca o vira mas era um rapaz teimudo que nom ficava satisfeito até dar umha resposta insolente, por isso rispostara: —É que por aqui n'hai onde perder-se.

—Há chegal-o-dia —profetizara Mr. Head— em que te hás dar conta que nom és tam listo como ti crês—. Havia muitos meses que andava a pensar nesta viagem e tinha-a concebido sobretodo em termos morais. Tinha de ser umha liçom que o rapaz nom esquecesse nunca. Era preciso que descobrisse que nom há motivo algum para sentir-se orgulhoso de ter nascido na cidade. Que descobrisse que a cidade nom é um lugar importante. Mr. Head tencionava levá-lo a ver todo o que há na cidade para que logo se sentisse satisfeito de regressar a casa e de permanecer nela o resto da vida. Adormeceu pensando que o rapaz acabaria por descobrir que nom era tam esperto como imaginava.

As três e meia acordou-no o cheiro do touzinho frito e saltou imediatamente do catre. A enxerga estava vazia e as caixas da roupa abertas. Vestiu as calças e foi correndo para o outro quarto. O rapaz cozera a broa e fritara a carne. Estava sentado à mesa quase que às escuras, bebendo café frio de umha lata. Levava posto o fato novo e o novo chapeu gris caía-lhe sobre os olhos. Era grande demais mas tinham-no pedido assim porque a cabeça havia de medrar.Nom dixo nada mas bem se via que respirava satisfaçom polos quatro costados, feliz de se ter levantando antes do que Mr. Head.

Mr. Head chegou-se ao fogom e levou a panela de carne para a mesa. —Nom temos pressa —dixo—. Hás chegar a tempo e tampouco esteas tam seguro de que che vaia gustar—. Sentou-se frente ao rapaz e este puxou para atrás o chapeu deixando à vista um rosto orgulhosamente inexpressivo, de feitio mui similar ao do velho. Eram avô e neto mas pareciam irmaos, e irmaos mui semelhantes, mesmo em idade, pois à luz do dia a expressom de Mr. Head era juvenil, enquanto o olhar do rapaz era o de um anciao, como se já tivesse conhecido todo e apenas desejasse esquecer.

Em tempos Mr. Head tivera mulher e filha. Ao morrer a mulher a filha escapara de casa para voltar mais tarde com Nelson. Depois, umha manhá, sem ter chegado sequer a erguer-se da cama, também ela morrera ficando o bebé de um ano ao cuidado de Mr. Head. E ele tinha cometido o erro de dizer a Nelson que nascera em Atlanta. Se nom lho tivesse dito, Nelson nom se teria obcecado na ideia de esta ser a sua segunda viagem.

—Nom che vai gustar nada —continuou Mr. Head—. Vás ver como está todo cheo de negros.

O rapaz fijo um gesto a indicar que ele bem sabia como tratar um preto.

—Saberás —dixo Mr. Head— mais ver, ti nunca os viches.

—Nom te levantaches moi cedo, eh? —dixo Nelson.

—Nunca viches um negro —repetiu Mr. Head—. Des'que corrimos aquel hai doze anos nunca mais houvo negros por aqui, e isso foi antes de ti teres nascido—. Olhou para o rapaz como que provocando-o a afirmar que tinha visto um preto.

—E ti como sabes que nunca vim um negro se eu vivim antes alô —perguntou Nelson—. Seguro que já vim umha chea deles.

—Se os viches nom sabias que o eram —dixo Mr. Head, já por completo fora de si—. Um neno de seis meses nom sabe destinguir um negro de outro que non é.

—Pois eu suponho que se vejo um negro enseguida o hei conhecer —dixo o rapaz. Levantou-se e endireitou o escorregadio chapeu cinzento já um pouco amarrotado. Saiu da casa para ir ao retrete.

Chegarom ao entroncamente pouco antes da hora e ficarom à espera, a uns dous pés do primeiro indicador da via. Mr. Head levava um saco de papel com algumhas bolachas e umha lata de sardinhas para a comida. Um sol alaranjado e rude assomava por detrás das montanhas que se alinhavam ao Leste toldando de vermelho o céu nas costas deles. Mas à frente a manhá era ainda cinzenta, presidida por umha lua grisalha translúcida, pouco mais intensa do que a impressom de um polegar e por completo carente de luz. Umha pequena caixa de lata com a mudança das agulhas e um tanque negro de fuel era o único sinal do entroncamento; as vias corriam paralelas, nom se encontrando até desaparecerem da vista atrás das curvas que limitavam a clareira. Era como se os comboios surgissem de um túnel de árvores e corressem logo ocultar-se aterrados no bosque outra vez, depois de o céu frio bater neles durante apenas um segundo. Mr. Head tivera de fazer alguns arranjos com o vendedor de bilhetes para conseguir que o comboio parasse ali e agora

tinha o secreto temor de que nom o figesse pois sabia que nesse caso Nelson haveria de dizer: —Nunca pensei que ningum trem fosse parar aqui por ti—. Sob o luar supérfluo do amanhecer as vias apareciam brancas e frágeis. Ambos, o velho e o neno, olhavam à frente como se estivessem à espera de umha apariçom.

E foi daquela que, de repente, antes de Mr. Head ter tempo de pensar em dar volta para casa, ouvirom um profundo silvo de advertência e o comboio apareceu, deslizando vagarosamente, quase que em silêncio, sobre a curva de árvores a umhas duas iardas do carril, umha luz amarela brilhando na fronte. Contodo, Mr. Head nom tinha a certeza de que fosse parar e sentiu que seria ainda mais ridículo se o comboio passasse lentamente ao pé deles. Os dous, ele e o Nelson, prepararom-se para o ignorar se afinal nom se detinha.

A máquina arremeteu, enchendo-lhes o nariz com o odor do metal quente, e o segundo vagom estacou exactamente no lugar em que eles permaneciam imóveis. Um condutor com cara entumescida de bulldog velho apoiava o pé na estribeira como se estivesse à sua espera, embora nom parecesse preocupar-lhe se afinal decidiam a subir ou nom. —A direita —dixo-lhes.

Subirem levou-lhes apenas umha fracçom de segundo e o comboio reanudava já a marcha quando entrarom no compartimento silencioso. A maioria dos viageiros dormia ainda, uns com a cabeça suspendida dos braços do banco, outros estendidos ao longo de dous assentos, alguns espregriçados com os pés no corredor. Mr. Head viu dous lugares vazios e empurrou Nelson para eles.

—Senta aí ond'a janela —dixo-lhe no seu tom habitual, que nestas horas da manhá soava alto demais—. A ninguém lhe importa que sentes aí porque nom hai ninguém. Senta aí.

Já te oim —murmurou o rapaz—. N'hai por quê berrar tanto. Sentou-se e virou a cabeça para a janela. Viu no cristal um rosto carregado, pálido e fantasmagórico baixo a aba de um chapeu pálido e fantasmagórico. O seu avô, dando também umha vista de olhos, viu um fantasma diferente, pálido mas de sorriso sardónico, baixo um chapeu negro.

Mr. Head sentou-se, aconchegou-se, tirou o bilhete e pujo-se a ler em voz alta todo o que nele estava impresso. As pessoas começarom a mover-se. Alguns acordaram e olharom para ele. —Quita o chapeu —dixo a Nelson e tirou o seu acomodando-o sobre os joelhos. Por cima das orelhas conservava uns poucos cabelos de um branco amarelo-tabaco que descaiam para a nuca. A testa era careca e enrugada. Nelson tirou o chapeu e colocou-no sobre os joelhos. Esperarom que vinhesse o revisor pedir-lhes o bilhete.

O homem sentado à frente deles estava estendido sobre dous assentos, os pés apoiados na janela e a cabeça pendendo para o corredor. Vestia um fato celeste e umha camisa amarela que levava desabotoada no pescoço. Acabava de abrir os olhos e Mr. Head estava a ponto de apresentar-se no momento em que chegou o revisor resmungando: —Bilhetes.

Quando marchou, Mr. Head deu a Nelson a outra metade do seu bilhete dizendo-lhe: —Mete isso no peto e n'o perdas ou terás de quedar na cidade.

—Se cadra ainda quedo —dixo Nelson como se se tratasse de umha sugestom razoável.

Mr. Head ignorou as suas palavras. —É a primeira vez que este rapaz vai no trem —explicou ao homem do outro lado do corredor que se sentava agora no extremo do banco com os dous pés apoiados no chao.

Nelson esticou novamente o chapeu e virou-se furioso para a janela.

—Nunca viu nada —continuou Mr. Head. —Inocentinho como o dia que naceu. Espero que se farte de umha vez por todas.

O rapaz fitava à frente, para além do avô e em direcçom ao estranho. —Eu nacim na cidade —dixo. —Nacim alô. Esta é a minha segunda viage—. Dixo isto em voz bem clara mas o homem do outro lado do corredor parecia nom entender. Tinha bolsas pesadas e púrpureas baixo os olhos.

Mr. Head estendeu a mao através do corredor e deu-lhe umha palmada no braço. —O que hai que fazer com este rapaz —dixo com ar sisudo— é mostrar-lhe todo o que hai para ver. Nom lhe hai que esconder nada.

—É —dixo o homem—. Observava atentamente os seus pés inchados levantando o esquerdo umhas dez pulgadas. Passado um minuto pousou-no e levantou o outro. No coche as pessoas começavam a levantar-se, a mexer, a bocejar, a espreguiçar-se. Aqui e ali ouviam-se vozes esparsas elevando-se sobre o fondo do ciciar generalizado. De repente, a expressom serena de Mr. Head mudou. Quase que fechou a boca, nos olhos assomou-lhe umha luz feroz e acautelada. Fitava o extremo do coche. Segurou Nelson polo braço sem virar-se e deu-lhe um empurrom. —Olha —dixo—.

Um homem imenso, da cor do café, aproximava-se andando devagar. Vestia um fato claro e umha garavata de cetim amarelo pressa por um alfinete vermelho. Umha das maos descansava sobre o estómago que boiava majestosamente debaixo do casaco abotoado enquanto com a outra segurava o extremo de umha bengala que levantava e baixava à sua frente com um movimento deliberado cada vez que dava um passo. Andava mui devagar, os grandes olhos castanhos lobrigando por cima das cabeças dos passageiros. Tinha um pequeno bigode branco e branco cabelo crespo. Atrás dele vinham duas mulheres jovens, as duas cor café, umha vestida de amarelo e a outra de verde. O seu passo ajustava-se ao do homem e iam-lhe no encalço a tagarelar em voz baixa e gutural.

A mao de Mr. Head apertava com força o braço de Nelson. Assim que a procissom passou por eles, o brilho do safiro do anel da mao morena que levantava a cana reflectiu-se no olho de Mr. Head, mas nom levantou a vista nem o tremendo home se fixou nele. O grupo continuou ao longo do corredor e saiu do coche. A garra com que Mr. Head apertava o braço de Nelson afrouxou. —O que é aquilo? —perguntou—.

—Um home —dixo o rapaz e dirigiu-lhe um olhar indignado como se estivesse cansado de que se insultasse a sua inteligência.

—¿Que tipo de home? —insistiu Mr. Head, com voz inexpressiva.

—Um home gordo —dixo Nelson—. Estava começando a sentir que melhor lhe seria andar com cuidado.

—Nom sabes de que tipo? —dixo Mr. Head num tom de voz conclusivo.

—Um home velho —dixo o rapaz e tivo de súbito o palpite de que nom ia desfrutrar da jornada.

—Era um negro —dixo Mr. Head sentando-se outra vez.

Nelson saltou no banco e ficou a olhar para o extremo posterior do coche mas o negro tinha desaparecido.

—Eu pensava que ti conhecerias logo um negro já que viches tantos quando estiveches na cidade na tua primeira visita —continuou Mr. Head—. É o seu primeiro negro —dixo para o homem do outro lado do corredor.

O rapaz escorregou no assento. —Ti dixeches que eram pretos —exclamou com voz furiosa—. Nunca dixeches que foram castanhos. Como queres que eu conheça as cousas se ti nom mas sabes explicar?

—Ti és um ignorante e acabou —dixo Mr. Head levantando-se e instalando-se no lugar vazio junto do home sentado no outro lado do corredor.

Nelson virou-se outra vez e olhou para onde o negro tinha desaparecido. Imaginou que o negro atravessara a propósito o corredor para ele ser posto em ridículo e odiou-no com toda a ferocidade e inexperiência do odio infantil; também compreendeu por quê o seu avô nom gostava deles. Fitava através da janela e o rosto que ali via reflectido parecia sugerir que nom culminaria com êxito os rigores do dia. Perguntava-se se realmente poderia reconhecer a cidade quando chegarem.

Depois de contar numerosas histórias, Mr. Head percebeu que o homem a quem estivera falando tinha adormecido. Levantou-se e propujo a Nelson irem percorrer o comboio para examinar todos os compartimentos. Como o que mais lhe interessava era que o rapaz visse os quartos de banho, o primeiro que figerom foi ir espreitar os sanitários nos retretes dos homens. Mr. Head mostrou-lhe o refrigerador da água como se o tivesse inventado ele próprio e a bacia com umha bilha onde os passageiros limpavam os dentes. Atravessarom numerosos coches e chegarom ao vagom-comedor.

Era o coche mais elegante do trem. Estava pintado num rico amarelo ovo e o chao coberto por um tapete vinho tinto. Sobre as mesas havia grandes janelas e as cafeteiras e copos reproduziam em miniatura os amplos espaços que se viam através dos cristais. Três pretos mui pretos debruados em trajos e aventais brancos corriam de um lado para outro balançando bandejas e inclinando-se continuamente sobre os passageiros que tomavam o almorço. Um deles precipitou-se sobre Mr. Head e Nelson exclamando ao mesmo tempo que levantava dous dedos: —Lugar para dous!—. Mas Mr. Head rispostou em voz alta: —Já comimos antes de vir!

O empregado levava grandes lentes escuras que lhe desorbitavam o branco dos olhos. —Daquela ponham-se a um lado, por favor— dixo com um ondear airoso dos braços como se estivesse espantando moscas.

Nem Nelson nem Mr. Head se moverom um milímetro. —Olha!— dixo Mr. Head.

O canto do comedor, com duas mesas, estava separado do resto por

umha cortina amarelo açafrám. Umha das mesas estava desocupada mas na outra, de cara a eles, as costas contra a tapeçaria, estava o imenso negro. Falava com voz suave às duas mulheres enquanto barrava de manteiga umha fatia de pam. Tinha um rosto triste e pesado, o pescoço colgando a cada lado sobre a gola branca. —Encurralaram-nos —explicou Mr. Head. Depois dixo: —imos ve-la cozinha—. Atravessarom o comedor mas o empregado preto veu atrás deles a correr.

—Nom é permitido òs passageiros entrar na cozinha! —dixo com voz insolente—. NOM é permitido òs passageiros entrar na cozinha!—.

Mr. Head estacou e voltou-se. —E razom nom vos falta —gritou para o peito do negro— porque as cascudas haveriam-nos botar fora dali!

Todos os passageiros rirom a graça de Mr. Head enquanto ele e Nelson saíam gesticulando burlonamente. Mr. Head era conhecido na aldeia polo engenho rápido e Nelson sentiu de repente um intenso orgulho do avô. Percebeu que o velho seria o seu único suporte no lugar estranho a que se aproximavam. Se algum dia o perdese ficaria completamente só no mundo. Apoderou-se dele umha terrível angústia e tivo vontade de agarrar-se ao casaco de Mr. Head como se fosse um neno.

No caminho de volta aos seus lugares virom através das janelas que o campo aparecia agora esmaltado de casinhas e choupanas. Ao lado da via férrea corría umha estrada pola qual circulavam automóveis mui pequenos e rápidos. Nelson sentiu que a atmosfera estava mais pesada do que meia hora antes. O homem do outro lado do corredor marchara e como nom havia com quem conversar Mr. Head espreitou pola janela através do seu próprio reflexo. Pujo-se a ler em voz alta os nomes dos prédios que iam deixando atrás. —The Dixie Chemical Corp! —anunciou—. Southern Maid Flour! Dixie Door! Southern Belle Cotton Products! Patti's Peanut Butter! Southern Mammy Cane Syrup!

—Cala! —ciciou Nelson.

Em todo o coche as pessoas começaram a levantar-se e retirar as bagagens das redes. As mulheres vestiam os casacos e os chapeus. O condutor assomou a cabeça no coche e resfolgou, «Prrrrrrimeiro destinooooo». Nelson saltou do assento a tremer. Mr. Head sentou-no outra vez de um empurrom no ombro.

—Está sentado —dixo-lhe com dignidade—. A primeira parada é a dos arrabaldes. A segunda é a principal. Apreendera-o naquela sua primeira viagem quando por baixar nos subúrbios tivera que pagar quinze centavos a um homem para que o levasse ao centro da cidade. Nelson voltou sentar-se, mui pálido. Por primeira vez na sua vida entendeu que o avô lhe era indispensável.

O comboio parou e depois de descerem uns poucos passageiros continuou a deslizar-se como se nunca tivesse deixado de estar em movimento. Fora, além das fileiras de escuras casas em ruinas, via-se umha linha de prédios azuis. Por detrás deles esmorecia um céu pálido rosa cinzento. O comboio entrou na estaçom. Nelson baixou os olhos e viu linhas e linhas de vias prateadas que se multiplicavam entrecruzando-se. Ia começar a contá-las quando o so-

bressaltou o rosto cinzento mas nítido que viu na janela. Desviou a vista. O comboio estava na estaçom. Baixarom rapidamente e correrom para a porta. Ninguem deles se lembrou do saco de papel com a comida, que ficou esquecido sobre o banco.

Atravessarom mui empertigados a pequena estaçom, saírom por umha porta pesada e mergulharom na azáfama do exterior. As multitudes corriam ao trabalho. Nelson nom sabia para onde é que havia que olhar. Mr. Head apoiou-se no muro do edifício e enxergou com ferocidade à sua frente.

Finalmente Nelson dixo: —Oi, e como fai um p'ra ver todo o que hai que ver?

Mr. Head nom contestou. Depois, como se a vista da gente que passava lhe tivesse proporcionado a chave, exclamou: —Andando —e começou a baixar a rua. Nelson foi atrás dele, segurando o chapeu. Sentia-se invadido por tantos ruídos e imagens que ao princípio nom alcançava a perceber o que via. Na segunda esquina, Mr. Head virou-se e olhou para a estaçom que acabavam de deixar, umha terminal que argamassa com umha cúpula de betóm no cimo. Pensou que se nom perdia de vista a cúpula poderiam regressar sem problemas à tarde para apanhar o comboio de volta.

A medida que avançavam, Nelson começou a distinguir pormenores e tomou boa nota do que via nas montras repletas de todo tipo de trebelhos —ferragens, tecidos, comida para as galinhas, licores. Mr. Head fijo-lhe reparar mui especialmente numha onde a gente entrava, sentava-se numha cadeira e, apoiando os pés em dous suportes, deixava que um negro lhe limpasse os sapatos. Andavam devagar e paravam nas portas para Nelson poder espreitar o que havia dentro de cada loja, mas nom entravam em nengumha. Mr. Head tomara a decisom de nom entrar nos armazéns da cidade porque na sua primeira excursom perdera-se num mui grande e só conseguira sair depois de ser insultado por muita gente.

Na metade do seguinte quarteirom de casas havia um armazém que tinha umha balança fora. Subirom por turno, meterom um penique na ranhura e recolherom o ticket. O de Mr. Head dizia, «Pesas 120 libras. És um homem justo e valente e os teus amigos admiram-te». Meteu o ticket no bolso surpreendido por a máquina ter acertado tam bem no carácter e tam mal no peso, pois na báscula do grau ele nom passava das 110 libras. O ticket de Nelson dizia, «Pesas 98 libras. Tés um grande destino à frente mas deves ter cuidado com as mulheres escuras». Nelson nom conhecia nengumha mulher escura e pesava apenas 68 libras mas Mr. Head apontou-lhe que provavelmente a máquina tinha impresso número ao contrário, o 9 havia de ser 6.

Continuarom a andar e quando levavam percorrido cinco quarteirons a cúpula da terminal desapareceu da vista e Mr. Head virou à esquerda. Nelson teria gostado de parar umha hora frente a cada montra se nom fosse que sempre havia outra ainda mais interessante mesmo ao lado. De repente dixo: —E pensar que eu nacim acó— Mr. Head voltou-se para ele e fitou-no cheio de horror. Tinha um brilho amargo no rosto —Pensar que eu som daqui! —dixo.

Mr. Head sentia-se arrepiado. Viu que chegara o momento de tomar medidas drásticas. —Deixa que che mostre umha cousa que ainda nom viches —dixo levando-o ao cano dos esgotos que havia na esquina—. Baixa-te —ordenou— e mete a cabeça aí—. Segurou-no polas costas do casaco enquanto o rapaz se acocorava e metia a cabeça no sumidoiro. Ao ouvir o burburinho nas profundas debaixo do passeio levantou-se imediatamente. Mr. Head explicou-lhe entom o sistema de canalizaçom dos esgotos, explicou-lhe que a cidade inteira estava alicerçada sobre eles, que continha todo o sistema de drenagem, que estava cheio de ratas e que um homem podia resvalar dentro e ser engolido por túneis de breu intermináveis. O homem da cidade vivia sob a ameaça constante de vir a ser engolido polos esgotos e nunca mais se ouvir falar nele. Descreveu-no tam bem que durante uns segundos Nelson sentiu-se abalado. Relacionou os sumidouros com a entrada do inferno e percebeu por primeira vez a confusom do mundo subterráneo. Afastou-se da borda do passeio.

Depois readarguiu: —Si, mais ti podes afastar-te do burato e já está —o rosto recuperou aquele ar obstinado que tanto exasperava o avô. —Pensar que eu som daqui! —dixo.

Mr. Head sentiu-se desalentado mas limitou-se a murmurar: —Verás como acabas farto!—. Reanudarom a marcha. Passados outros dous quarteirons virou à esquerda, com a certeza de estarem a dar voltas em torno à cúpula. Nom se enganava porque meia hora mais tarde passarom outra vez diante da estaçom. Ao princípio Nelson nom notou que estava a ver os mesmos armazéns por segunda vez mas quando chegarom ao local em que as pessoas punham os pés nos suportes enquanto o negro lhes limpava os sapatos, percebeu que andaram à roda.

—Por aqui já passamos! —berrou—. Parece-me que nom sabes onde estás!

—Perdim o rumo por um momento —dixo Mr. Head e dirigirom-se a outra rua. Nom tinha intençom de deixar que a cúpula se afastasse demasiado de modo que, depois de percorrerem dous quarteirons seguindo o novo rumo, voltou virar à esquerda. Entrarom numha rua com prédios de madeira de dous e três andares. Desde o passeio podia ver-se o interior das casas. Espreitando através de umha janela, Mr. Head viu umha mulher deitada numha cama de ferro e coberta apenas por um lençol. Surpreendeu-no a expressom astuciosa com que a mulher olhava para a rua. Nesse momento, surgindo de quem sabe onde, apareceu um rapaz de aspecto feroz montado unha bicicleta e Mr. Head tivo que afastar-se para evitar ser golpeado. —Pouco lhes importa se dam contigo no chao —exclamou—. É melhor que andes junto a mim.

Continuarom a caminhar polas ruas durante algum tempo antes de Mr. Head se lembrar de dar volta outra vez. As casas por que passavam agora estavam despintadas e a madeira da construçom apodrecera; a rua estreitara-se. Nelson viu um homem de cor. Depois outro. Depois outro. —Nestas casas vivem os negros —observou.

—Assi é. Vem, imos a outro sítio —dixo Mr. Head. —Nós nom vinhe-

mos para ver negros—. Entrarom noutra rua mas continuarom a ver pretos por toda a parte. Nelson notou que se lhe punha a pele de galinha e os dous apressarom o passo com intençom de abandonar o bairro o mais rapidamente possível. Apoiados nas portas havia homens em camiseta, todos de raça negra, e nos porches decrépitos mulheres pretas a balouçarem nas cadeiras. Os nenos negros que brincavam nos charcos da rua paravam para observá-los. Nom tardarom em passar diante de fileiras de armazéns cheios de fregueses negros, mas agora nom se detinham na porta a espiar dentro como figeram antes. Olhos negros em rostos negros examinavam-nos de todos os lados. —Ei —dixo Mr. Head— este é o lugar onde ti naciches —aqui mesmo, com todos estes negros.

Nelson rosnou: —O que a mim me parece é que conseguiches que nos perdéramos —dixo.

Mr. Head voltou-se dissimuladamente buscando a cúpula. Nom se via por negumha parte. —Nom nos perdimos —dixo—. O que che passa a ti é que 'tás canso de andar.

—Que vou 'tar canso! O que passa é que tenho fame —dixo Nelson—. Dá-me pam.

Foi nesse momento que descobrirom que perderam o jantar.

—Eras ti o que levava o saco —dixo Nelson—. Eu teria-o gardado bem.

Se queres dirigir ti a viage, eu marcho pola minha conta e ti vás pola tua —dixo Mr. Head sentindo-se feliz de ver como o rapaz palidecia. No entanto, dava-se conta que estavam perdidos e que cada vez se afastavam mais da estaçom. Também ele estava com fame e começava a ter sede. Do momento em que entraram no bairro negro, tanto um como o outro tinham começado a suar. Nelson levava calçados os sapatos e nom estava afeito a eles. O betom do passeio era mui duro. Os dous queriam encontrar um sítio onde poder sentar-se mas aqui era impossível e continuarom a andar, o rapaz murmurando para si: —Primeiro pérde-lo saco e logo pérde-lo caminho— e Mr. Head resmungando de vez em quando: —Todos os que queiram ser deste paraíso negro por mim que o sejam!

O sol estava agora mui alto no céu. Até eles chegava o cheiro das cozinhas. Os negros saíam à porta para vê-los passar. —Por quê nom pregunta-lo caminho òs negros —dixo Nelson— já que conseguiches que nos perdéramos?

—Este é o lugar onde ti naciches —dixo Mr. Head—. Assi que se queres pregunta-o ti.

A Nelson os homens de raça negra davam-lhe medo e nom queria que os nenos pretos se burlassem dele. Um pouco mais adiante viu umha preta imensa recostada no umbral que dava ao passeio. Levava o cabelo, de umhas quatro pulgadas de altura, todo encrespado à volta da cabeça e apoiava-se nos pés morenos descalços que eram cor-de-rosa nos lados. O vestido, também cor-de-rosa, deixava ver generosamente as formas do corpo. Quando se aproximarom, ela levou umha mao à cabeça com gesto preguiçoso fazendo desaparecer os dedos por entre o cabelo.

Nelson estacou. Sentiu que os olhos escuros da mulher lhe tiravam o alento.

—Como se volve pr'à cidade?— perguntou com umha voz que nem ele mesmo reconheceu.

Passado um minuto ela dixo: —Já 'tás na cidade— num tom de voz baixo e modulado que fijo com que Nelson se sentisse como se lhe tivesse caído um jorro de água fria em riba.

—Como se volve pr'o trem? —dixo na mesma voz vermelha.

—Pode apanhá o autocarro —contestou ela.

Compreendeu que estava a fazer burla de ele mas paralisado como se sentia nem sequer era capaz de zangar-se. Os seus olhos navegarom dos grandes joelhos da mulher até à fronte e logo, numha travessia triangular, descendo polo brilhante suor do pescoço, atravessarom os peitos imensos e subirom polos braços nus até ao lugar em que os dedos dela se perdiam na mata de pelo. De repente desejou que o colhesse e o levantasse, que o estreitasse contra ela, queria sentir-lhe o alento no rosto. Queria olhar fondo, mui fondo, nos seus olhos e que ela o apertasse mais e mais. Nunca antes experimentara nada semelhante. Sentia-se como se baixasse cambaleando até às profundas de um negro túnel de breu.

—Pode ir a aquela rua acolá em baixo e apanhá o autocarro que leva à estaçom do ferro-carril, meu amô —dixo ela.

Nelson teria caído colapsado aos seus pés se Mr. Head nom o tivesse empurrado bruscamente para a frente. —Nom tés sentidinho ningum! —rosnou o velho.

Baixarom depressa a rua e Nelson nom voltou olhar para a mulher. Baixou discretamente o chapeu sobre o rosto que lhe ardia com a vergonha. O fantasma burlom que vira na janela do comboio e todos os pressentimentos que tivera no caminho tornarom a fazer-se presentes no seu espírito. Recordou que o ticket da balança já o advertira contra as mulheres escuras e que do seu avô dixera ser um homem justo e valente. Aferrou-se à mao do velho, sinal de dependência que poucas vezes mostrava.

Descerom a rua em direcçom ao carril por onde se aproximava bamboleante um longo trólei amarelo. Mr. Head, que nunca subira a um trem eléctrico, deixou-no passar. Nelson continuava em silêncio. De vez em quando tremia-lhe ligeiramente a boca mas o avô, ocupado como estava com os seus próprios problemas, no lhe prestava atençom. Detiverom-se na esquina sem olhar sequer para os negros que passavam absorvidos polos seus próprios assuntos, andavam como se fossem brancos nom sendo que muitos paravam estranhados a observar a Mr. Head e Nelson. A Mr. Head ocorreu-lhe que, como o trem eléctrico andava sobre as vias, bem poderiam eles fazer o mesmo percorrido. Deu um suave empurrom a Nelson e explicou-lhe que iriam à estaçom andando junto aos carris. Pugerom-se em marcha.

Sentiu-se aliviado quando notou que começavam a aparecer outra vez pessoas brancas. A certa altura, Nelson sentou-se na borda do passeio encostando-se à parede de um prédio. —Tenho que descansar um pedaço — dixo—. Perdiche-lo saco e o caminho. Agora bem podes esperar que eu descanse um pouco.

—Todo o que temos que fazer —dixo Mr. Head— é segui-las vias sem as perder de vista e ademais ti puideches lembrar-te do saco tanto coma mim. Aqui é onde ti naciches. Esta é a tua antiga casa. Esta é a tua segunda viage. Deverias sabe-lo que hai que fazer—. Acocorou-se e continuou ainda a bater na mesma tecla durante um momento, mas o rapaz, ocupado em livrar os pés dos sapatos ardentes, nom contestou.

—E ali pasmado a rangel-os-dentes coma um chimpazé esperando que umha negra che dixesse o caminho. Minha naizinha! —dixo Mr. Head.

—Eu o único que dixem foi que nacera aqui —dixo o rapaz com voz hesitante—, nunca dixem se me havia de gustar ou se nom. Nim sequera dixem que queria vir. O único que dixem foi que nacera aquí e non lhe hai quê dar mais voltas. Quero ir pr'à casa. Nom fum eu quem quijo vir acô. Foi idea tua. Como sabes que nom andas polas vias pr'ò lado contrário.?

—Antes nom passámos por aqui —afirmou Nelson. Era um bairro de edifícios de tijolo que tanto podia 'tar habitado como nom. Havia uns poucos automóveis vazios estacionados na borda do passeio e de vez em quando via-se algum transeunte ocasional. O calor do pavimento subia polo delgado fato de Nelson. Pesavam-lhe as pálpebras e nom tardou em sentir vergar a cabeça. Abalou os ombros umha ou duas vezes, depois caiu sobre o lado mergulhando repentinamente num sono exausto.

Mr. Head fitava-o em silêncio. Também ele estava mui cansado mas nom podiam dormir os dous à vez, aliás, ele em nengum caso poderia dormir porque nom sabia onde estava. Nelsom haveria de acordar logo, recuperado e insolente, e começaria a resmungar que ele perdera o saco e o caminho. Havias 'tar bem apanhado se eu nom 'tivesse aqui, pensou Mr. Head. Foi nesse momento que lhe veu outra ideia à cabeça. Durante uns minutos olhou para o rapaz deitado e depois pujo-se de pé. Justificava o que ia fazer porque às vezes é necessário dar aos novos umha liçom que nom lhes esqueça facilmente, mais ainda quando se trata de um rapaz como este que está sempre tentando afirmar-se com impertinências. Andou uns vinte pés até à esquina afastando-se sem fazer ruído e sentou-se sobre o tampo de um caixote de lixo que estava no beco. Desde ali podia ver a rua e observar Nelson quando acordar sozinho.

O rapaz dormitava intranquilo, semi-consciente dos vagos ruídos e das formas negras que assomavam nalgum escuro canto de si próprio procurando sair à luz. Tinha o queixo apoiado nos joelhos e gesticulava em sonhos. O sol deitava umha seca luz mate sobre a rua estreita; cada cousa aparecia exactamente como era. Passado um tempo Mr. Head, encolhido como um macaco velho sobre o tampo do caixote do lixo, decidiu que se Nelson nom acordasse logo, começaria a fazer ruído batendo com os pés contra a lata. Olhou para o relógio e viu que eram as duas. O comboio partia às seis e a possibilidade de perdê-lo era demasiado horrível para ele poder pensar nisso. Deu um pontapé no caldeiro e um estalhardaço cavo reverberou no beco.

Nelson levantou-se de um salto dando um grito. Olhou para onde devia estar o avô e ficou pasmado. Deu várias voltas e depois, levantando os pés e botando a cabeça para atrás, lançou-se rua abaixo como um poldro arreba-

tado. Mr. Head saltou do caixote e galopou atrás dele mas quase nom conseguia distinguir o rapaz. Umha rua mais abaixo viu desaparecer em diagonal umha mancha cinzenta. Correu todo o que lhe permitiam as pernas parando em cada encruzilhada a olhar a ambos os lados, mas nom havia rasto do rapaz. Ao chegar à terceira, já por completo sem fôlego, avistou no meio da rua umha cena que o deixou paralisado. Acocorou-se atrás de umha lata de lixo para observar o que passava e recuperar a compostura.

Nelson estava sentado com as duas pernas estendidas à frente e ao seu lado jazia umha mulher velha que nom parava de berrar. Também se viam algumhas vitualhas esparegidas no meio do passeio. Já se juntara um grupo de mulheres que reclamavam justiça e Mr. Head ouviu berrar claramente a velha: —Partiches-me o nozelho e o teu pai vai ter que pagá-lo! Centavo a centavo! Polícia! Polícia!—. Eram muitas as mulheres que agarravam Nelson polo ombro mas o rapaz parecia demasiado confuso para pensar em levantar-se.

Empurrado por algumha misteriosa razom Mr. Head saiu de detrás da caixa de lixo e avançou em direcçom ao grupo, lentamente, arrastando os pés. Nunca tinha sido abordado por um polícia. As mulheres apinhavam-se em torno a Nelson como se fossem lançar-se sobre ele para entre todas o despedaçar, enquanto a velha continuava berrando que tinha o tornozelo roto e que chamassem um oficial. Mr. Head avançava tam devagar que por cada passo que dava à frente parecia recuar outro, mas quando apenas faltavam uns dez pés, Nelson o viu e deu um salto. Agarrou-no polas cadeiras e encostou-se a ele a arquejar.

As mulheres voltarom-se para Mr. Head. A injuriada sentou-se e gritou —Ei, senhor! Vai ter que pagar até o último centavo da factura do médico polo que fijo o seu rapaz. É un delinquente juvenil! Onde hai um oficial? Alguém que colha o nome e o endereço deste homem!

Mr. Head tratava de desembaraçar-se dos dedos com que Nelson se aferrava às suas coxas. O velho escondia a cabeça no colarinho como umha tartaruga; os olhos vidrados de medo e cautela.

—O seu rapaz partiu-me o nozelho! —berrava a velha. —Polícia!

Mr. Head sentiu aproximar-se o polícia por detrás. Olhou à frente, na sua fúria as mulheres amontoavam-se como um muro sólido para impedi-lo fugir. —Este rapaz nom é meu —dixo—. É a primeira vez que o vejo.

Sentiu afrouxarem-se os dedos de Nelson.

As mulheres recuarom olhando-o com horror, como se a visom de um homem a negar a sua própria imagem e semelhança lhes resultasse tam repugnante que nom pudessem suportar a ideia de lhe pôr as maos em cima. Mr. Head botou a andar através do vazio que elas figerom abandonando Nelson detrás de si. Diante apenas se via um túnel vazio que fora rua algumha vez.

O rapaz ficou de pé onde estava, o pescoço esticado e as maos pendendo aos lados. O chapeu estava tam amarrotado que já nom tinha rugas. A mulher injuriada levantou-se e brandiu o punho diante dele enquanto as outras

o olhavam com lástima. Nom lhes prestou atençom. Nom havia nengum polícia à vista.

Daí a um momento começou a mover-se com gestos mecánicos, sem fazer qualquer esforço por alcançar o avô, botou a andar simplesmente. Assim, separados por uns trinta passos, percorrerom cinco quarteirons. Mr. Head curvava os ombros e inclinava o pescoço para a frente de tal forma que era impossível ver-lhe a cabeça por detrás. Tinha medo de voltar-se. Afinal deu num relance esperançado sobre o ombro. Vinte pés mais atrás, viu dous pequenos olhos furando-lhe as costas como os dentes de um garfo.

A índole do rapaz nom o inclinava ao perdom mas esta era a primeira vez que tinha algo que perdoar. Nunca antes Mr. Head se desonrara. Dous quarteirons mais adiante, voltou-se e exclamou sobre o ombro com umha voz desesperadamente alegre: —Imos beber umha Co' Cola àlgum sítio.

Nelson, com umha dignidade até esse momento oculta, virou as costas ao avô.

Mr. Head começou a sentir a fondura da sua negativa. A medida que avançavam o rosto ia transformando-se-lhe num campo de sulcos vazios e desnudos. Embora nom visse nada do que havia ao seu redor percebeu que tinham perdido o carril do trem eléctrico. Nom havia cúpula algumha à vista e a tarde declinava. Soubo que se a noite os apanhava na cidade, seriam espancados e roubados. A única cousa que esperava para si era a justiça de Deus. A ideia de os seus pecados irem recair sobre Nelson resultava-lhe insuportável e no entanto sentia que estava levando o rapaz à perdiçom.

Continuarom a andar quarteirom após quarteirom atravessando um arrabalde infinito de pequenas casas de tijolo até Mr. Head quase cair sobre umha bilha de água que sobressaía umhas seis pulgadas no extremo de um campo relvado. Nom bebera nada desde mui cedo pola manhá e nom obstante sentiu que agora nom o merecia. Depois pensou que Nelson teria sede e que ambos poderiam beber e reconciliar-se. Acocorou-se, pujo a boca no cano e botou um jorro de água fria na garganta. Logo chamou em voz alta e desesperada: —Vem beber água!

Desta vez o rapaz fitou-no durante quase sessenta segundos. Mr. Head levantou-se e andou como se acabasse de tragar veneno. Nelson, embora nom tivesse bebido mas água que aquela pouca do copo de papel no comboio, passou por diante da bilha desdenhando beber onde bebera o avô. Quando Mr. Head se deu conta disso, perdeu toda a esperança. Na luz extenuada da tarde o seu rosto aparecia abandonado e em ruínas. Podia sentir o ódio obstinado do rapaz que o seguia com passo uniforme e soubo que (se por algum milagre se livrava de ser assassinado na cidade) esse ódio o acompanharia o resto da vida. Soubo que se extraviara num estranho lugar negro onde nada voltaria ser o que antes fora, que o esperava umha longa velhice sem respeito e um final que seria bem-vindo porque era o fim.

Quanto a Nelson, o seu pensamento congelara-se na deslealdade do avô como se estivesse tentando preservá-la intacta para a apresentar o dia do juízo final. Caminhava sem olhar para os lados, mas cada tanto a sua boca

crispava-se e isso acontecia quando ele notava que, de algum lugar remoto da sua intimidade, emergia umha misteriosa forma negra que ameaçava derreter a visom gélida em cálido abraço.

O sol escondia-se atrás de umha ringleira de casas e, sem quase darem por isso, entrarom num elegante bairro suburbano onde os chalets estavam separados da estrada por relvados com pequenas piscinas. Aqui todo estava deserto. Eram muitas as ruas em que nom passava nem um cam. Vistas de longe, as grandes casas brancas pareciam icebergs semi-submersos. Nom havia passeios, apenas avenidas girando em ridículos círculos intermináveis. Nelson nom fijo ademám de aproximar-se de Mr. Head. O velho pensou que se via um sumidouro havia deixar-se cair dentro para ser arrastado longe de ali. Imaginava o rapaz parando a observar sem demasiado interesse como desaparecia.

Um forte ladrido fijo-o volver a si. Levantou a vista e viu um homem gordo que se aproximava com dous bulldogs. Agitou os braços como um náufrago numha ilha deserta: —'Tou perdido! —exclamou—. 'Tou perdido e nom som capaz de encontra-lo caminho. Temos que colhê-lo trem, eu e este rapaz, e nom som quem de encontra-la estaçom! Santo Deus, 'tou perdido! Ajude-me por Deus, que 'tou perdido!

O homem, que era careca e vestia calçons de golf, perguntou-lhe que comboio era esse que tinha que apanhar. Mr. Head mostrou-lhe os bilhetes, tremendo tam violentamente que apenas si podia segurá-los. Nelso tinha-se aproximado a umha distáncia de quinze pés e observava com atençom.

—Já vejo —dixo o homem gordo, devolvendo-lhe os bilhetes—, nom lhe vai dar tempo de regressar à cidade mas podem apanhá-lo na paragem suburbana. Está a três quarteirons de aqui —e começou a explicar-lhe como chegar a ela.

Mr. Head olhava como se retornasse lentamente da morte. Quando o homem acabou e marchou com os cans saltando-lhe nos calcanhares, voltou-se para Nelson e dixo-lhe sem alento:

—Havemos chegar a casa!

O neno seguia parado quinze pés mais atrás, o rosto sem sangue baixo o chapeu cinzento. Os olhos triunfalmente frios. Nom havia luz neles, nem sentimento, nem interesse. Apenas si era umha pequena figura, esperando. O lar nada era para ele.

Mr. Head voltou-se lentamente. Sentiu que agora apreendera como seria o tempo sem estaçons, como seria o calor sem luz e como seria um homem sem salvaçom. Já nom o preocupava a ideia de nom conseguir apanhar nunca o comboio. Se nom fosse porque aquilo tam inesperado o sobressaltou como se tivesse reventado um grito na densidade do crepúsculo, poderia ter esquecido até que havia um comboio que apanhar.

Ainda nom levava andado quinhentas iardas pola avenida quando viu, ao alcance da sua mao, a figura em gesso de um negro sentado sobre a cerca baixa de tijolos amarelos que rodeava um amplo relvado. O negro era da altura de Nelson aproximadamente e pendia bambaleante num ángulo porque

partira a argamassa que o segurava à parede. Um dos olhos era inteiramente branco e numha das maos tinha umha talhada de melancia.

Mr. Head parou a olhar para ele em silêncio até Nelson se deter também a pouco distáncia. Daquela, quando os dous estiverom juntos, Mr. Head tomou alento: —Um negro artificial!

Nom era possível saber se se tinha pretendido que o negro artificial parecesse jovem ou velho; via-se mui infeliz tanto para umha cousa como para a outra. O que sim se tinha pretendido sem dúvida algumha era que parecesse contento porque a boca estava levantada nos extremos, mas o olho estilhaçado e a forma em que se empertigava davam-lhe aspecto de alguém extraordinariamente desgraçado.

—Um negro artificial! —repetiu Nelson exactamente no mesmo tom que Mr. Head.

Os dous permanecerom sem mover-se com os pescoços esticados quase no mesmo ángulo, os ombros curvados quase exactamente do mesmo jeito e as maos tremendo da mesma forma nos bolsos. Mr. Head parecia um neno velho e Nelson como que a miniatura de um anciao. Fitavam o negro artificial como se encarassem um mistério imenso, um monumento à vitória de alguém que os reunira ambos na derrota comum. Os dous podiam senti-lo a disolver as suas diferenças num gesto de misericórdia. Mr. Head nunca antes soubera o que era experimentar a graça porque sempre fora bom demais para precisar dela, mas agora sentiu que sabia. Olhou para Nelson e entendeu que devia dizer algumha cousa para mostrar ao rapaz que conservava a sua sabedoria, e no olhar que o rapaz lhe devolveu percebeu que ele necessitava também urgentemente recuperar essa certeza. Os olhos de Nelson pareciam implorar-lhe que explicasse de umha vez e para sempre o mistério da existência.

Mr. Head abriu os lábios para fazer umha declaraçom solene e ouviu-se a si próprio dizendo: —Aqui nom tinham negros verdadeiros avondo. Assi que tiverom que fazer um negro artificial.

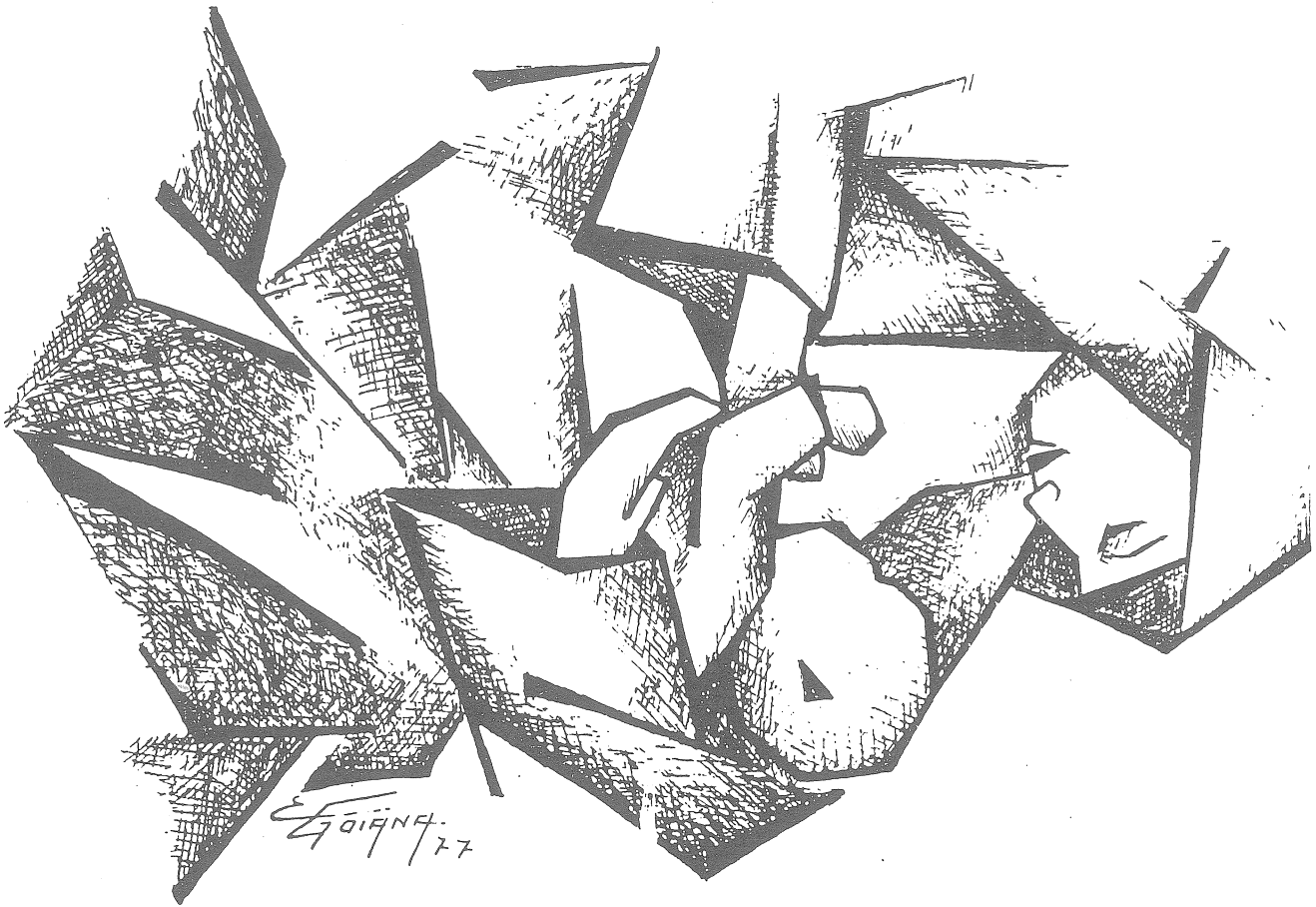
Passado um segundo, o rapaz inclinou a cabeça ao mesmo tempo que um estranho arrepio lhe estremecia a boca, depois exclamou: —Imos para casa antes que nos perdamos outra vez.

Entrarom na estaçom quando já o comboio se deslizara na paragem suburbana. Subirom os dous juntos. Exactamente dez minutos antes de chegar ao entroncamento situarom-se na porta, prontos para saltar à terra se acaso o trem nom parasse. Mas parou. E nesse momento a lua, recuperado todo o esplendor, rebentou de umha nuvem inundando de luz a clareira. A salva tremeu suavemente em tonalidades argentinas e o tinido reverberou baixo os seus pés numha cintilaçom nova de negro fulgor. As copas das árvores, cercando o entroncamento como muros protectores de um jardim, escureciam o céu. E ali, dependuradas no alto, brancas nuves gigantes imitavam lanternas acessas.

Mr. Head permaneceu em silêncio sentindo-se outra vez atingido pola graça, mas sabendo agora que no mundo nom há palavras que podam exprimi-la. Compreendeu que o estado de graça nasce da agonia, que a nengum

homem é negada e que chega aos nenos polos mais insólitos caminhos. Compreendeu que isso era todo o que um homem podia levar consigo à morte para entregar ao Criador e sentiu-se subitamente abrasado pola vergonha de ter tam pouco que oferecer. Ficou paralisado de terror, julgando-se a si próprio desde a perfeiçom divina, enquanto a graça cobria o seu orgulho consumindo-o como umha chama. Nunca antes tinha pensado que fosse um grande pecador mas agora viu que a verdadeira dimensom da su imoralidade tinha-lhe sido oculta para que nom desesperasse. Entendeu que fora perdoado polos seus pecados do início dos tempos, quando concebera no seu próprio coraçom o pecado de Adam, até ao presente, quando negara o pobre de Nelson. Viu que nengum pecado era monstroso demais para ele o reclamar como seu, e já que o amor de Deus era proporcional ao seu perdom, sentiu-se pronto ao instante para entrar no Paraíso.

Nelson, compondo a expressom baixo a sombra da aba do seu chapeu, observava-o com umha mistura de fadiga e suspeita, mas quando o comboio passou deslizando-se ao lado deles para ir ocultar-se no bosque como umha serpente assustada, também ele iluminou o rosto e murmurou: —'Tou contento de ter ido umha vez, mas nunca mais quero voltar alô.


E Goigng 77

DOCUMENTAÇOM E INFORMAÇOM

MONUMENTO A MURGUIA

Ainda é tempo de noticiar o erguemento, na paróquia do seu nascimento, de um monolito em lembrança do precursor do nosso nacionalismo, Manuel Martínez Murguia.

Com efeito. Em Maio passado (e justamente o 17 da sua onomástica, data que, como é sabido, foi eligida como Dia das Letras por ser a escolhida por Rosalia Castro para assinar a dedicatória dos *Cantares Galegos* a Fernán Caballero), a empreendedora Associaçom de Vizinhos *Manuel Murguia,* da urbanizaçom Sol e Mar, na paróquia arteixana de Osseiro, com a colaboraçom de entidades e pessoas da cultura, culminou a série de actos culturais e recriativos em homenagem do «seu filho mais ilustre», nascido no lugar de Froxel, na mesma freguesia, aquel dia de 1833.

O monolito, de original factura, que porta um medalhom com a efígie de Murguia, e a seguinte lenda: «O 17 de Maio de 1833, no lugar de Froxel, Oseiro, naceu Manuel Murguia, impulsor do rexurdimento de Galicia. A.VV. 'Manuel Murguia'. 17.Maio.1993», foi situado numha pracinha que cai ao pé da estrada velha (C-552) A Corunha-Arteixo.

É umha antiga déveda que se saldou por parte dos vizinhos dando umha liçom de civismo a instituiçons que, como a Academia, já a deveram ter saldado tempo há, situando no seu preciso lugar de preferência a figura e a obra do prócer. Redondea-se assim o ciclo comemorativo e vital do egrégio casal Murguia-Castro, no atingente ao historiador e político do binómio, quem já contava, entre outras, com a placa madrilenha da sua voda e a placa corunhesa na casa do seu passamento.

PRÉMIO DOS LIVREIROS CORUNHESES A UM MEMBRO DA *AGAL*

José-Maria Monterroso Devesa recebeu, o 4 de Agosto passado, o prémio Feira do Livro da Corunha na sua duodécima ediçom, em atençom ao «conjunto da sua obra poética e o seu importante trabalho de animador cultural», durante os muitos anos que estivo vinculado à Agrupaçom Cultural O Facho.

GENTE

Xosé María Monterroso Devesa

La Agrupación de Libreros de La Coruña hizo entrega, en una cena celebrada en la noche del martes, del Premio Literario Feria del Libro, en su duodécima edición, a Xosé María Monterroso Devesa,

El Ideal Gallego, 12-8-93

Este galardom, que anteriormente fora outorgado a escritores como X. Alcalá, Barreiro Fz., Glz. Garcés, Mz. Oca, M. Rivas ou Neira Vilas, foi instituido em 1982 pola Agrupaçom de Livreiros da Corunha e entregou-se no decurso de umha ceia na que o galardoado expressou a gratitude polo reconhecimento do labor desempenhado por um pequeno-escritor (ou *publicista,* como gosta de autoqualificar-se), ao cumprirem-se os vinte anos do seu primeiro livro, e vindo de um colectivo da sua cidade, onde nunca um prémio recebera.

À parte salientou o facto da imparcialidade com que os livreiros actuaram, ao reparar num autor adscripto à escola reintegracionista, e aproveitou para solicitar o pronunciamento do grémio a respeito da supressom da carreira de Filologia Galego-Portuguesa na Universidade da Corunha e para lembrar o esquecido editor e livreiro «de a cavalo», o patriota Ângelo Casal.

□ □ □

A *AGAL* NO DIA DA GALIZA MÁRTIR

Mais umha volta a AGAL acudiu ao cemitério de Santo Amaro, em Ponte-Vedra, render homenagem de lembrança ao patriota Alexandre Bóveda, com o ensejo de se cumprir, o passado 17 de Agosto, um novo aniversário do seu fusilamento em 1936.

A AGAL estima que, depois da manipulaçom de Castelao, o facto mais deplorável da política oficial galega é o silenciamento sistemático da figura do máximo impulsor do reconhecimento dos direitos históricos do nosso país, que, tam acertadamente, foi eligido como símbolo da Galiza mártir, da Galiza encadeada e/ou assassinada no seu próprio território, como o rianxeiro o é da Galiza exilada.

Por isso é que achamos muito necessário reflectir na signifacaçom profunda do ourensano: como agente colectivo, pola sua trajectória decissiva em pró do país, como indivíduo, pola entrega exemplar da sua própria vida, atitude ética de umha coerência hoje tam inabitual, com a que rubricou tragicamente o seu compromisso com este mesmo país.

APRESENTAÇOM DAS *ACTAS* DO *CONGRESSO Á. CUNQUEIRO*

Num acto celeberado na vila de Mondonhedo, tivo lugar a apresentaçom das *Actas do Congresso Á. Cunqueiro,* que com tanto sucesso se tinha celebrado no ano dedicado a lembrar a obra do escritor mindoniense. Figérom a apresentaçom das *Actas* os professores Xavier Cordal e Ramom Reimunde, quem além de apresentar os conteúdos do livro, elaborou umha reflexom sobre a situaçom da língua da Galiza e circunstancias em que se está a construir e difundir a cultura galega. Polo seu interesse reproduzimos a seguir, literalmente, as palabras do Prof. Ramom Reimunde:

«Minhas Sras. e meus Sres.: (Vam-me permitir que lhes lea umhas linhas que lhes escrevim para este acto, durante vinte minutos).

Tenho poucas ocasions de falar em público sobre temas culturais, fora das aulas do ensino em que trabalho, porque a um tamém o pilhou este mundo actual que nos obriga a ocupaçons mais materialistas e profanas. Ultimamente dedico o meu tempo aos filhos, à casa, às aulas e a actividades empresariais no ámbito florestal, de modo que como nom tenho pensado no futuro imediato dedicar-me a escrever nem a falar de literatura, isto de hoje tem algo de despedida.

Por outra parte, os meus queridos amigos coordenadores deste *Congresso Á. Cunqueiro,* deixárom-me só na palestra, coa honrosa excepçom de Xavier Cordal, ínclito e carinhoso poeta. Mas nom foi por desavenências internas, senom porque os professores Herrero e Penabade estám mui felizmente viajando cos seus consortes, dado que tinham projectos anteriores para este tempo de férias. Falaremos entom destes ilustres ausentes, para louvá-los, naturalmente. Começarem pola senhora, a Profa. Doutora Aracéli Herrero Figueroa, Profa. titular da Universidade de Santiago na Escola de Magistério de Lugo, discípula amada do nosso comum mestre D. Ricardo Carvalho Calero, distinguida reintegracionista desde os primeiros tempos da AGAL, muito entendida em teatro, e toda umha senhora de Lugo coas virtudes e defeitos que isto acarreta, vinculada por apelido com umha das famílias de mais relevo social na cidade das muralhas. A sua ajuda para a realizaçom deste congresso foi decisiva pola sua grande experiência nestes eventos, pola sua gestom persoal ante a Deputaçom e a su meticulosidade no desenho do programa e a discussom de pequenos detalhes protocolários. Ademais deixou-nos para sempre como agasalho a sua ponência erudita sobre o teatro de Cunqueiro, de que só criticaríamos agarimosamente a sua dificuldade para nom doutos, com um louvor académico: é demasiado elevada, demasiado universitária e abundante em citaçons de livros teóricos aplicados ao caso e ao autor que nos ocupava.

Do nosso amigo e colega o Prof. D. Bernardo Penabade Rei salientaríamos a sua maravilhosa capacidade de trabalho na sombra, o mecanografado das ponências em disquete de computador, o seu labor como tesoureiro e o seu magnífico carácter bondadoso, e ainda a sua raposaria de paisano galego prudente e diplomático, renunciando a umha participaçom directa no congresso para a qual está sobradamente capacitado em benefício de umha colaboraçom menos visível mas mais efectiva e útil.

Do senhor Cordal, um personage cunqueirano, e de mim mesmo, obviamente é melhor nom falar, por estar presente. Só direi, por elementar sentido da justiça, que nem el «passa» tanto como parece co seu especial sentido do humor e seriedade, nem eu som o máximo responsável deste congresso, como corresponderia à minha idade e experiência e como poderia parecer a um observador pouco agudo, porque todo isto foi feito por todos nós e sem protagonismos. Sempre digo que já é hora de que alguém fale em plural, que reconheçamos que as cousas nom as pode fazer um só, e que o singular nom conduz mais que a presunçons e egoísmos inconfessáveis, neste país de capelinhas e trepadores persoeiros. Um país onde nom triunfam os melhores.

Umha vez aclarado isto, falemos destas *Actas* que hoje temos a grande alegria de ver materializadas num livro. Um livro que ficará para sempre como umha prova real de que é possível luitar por algo em que se crê com ilusom e sem meios económicos. Um livro que

no futuro será de obrigada consulta para os especialistas em Cunqueiro e para os amantes da leitura das suas obras. Um livro para Mondonhedo, porque hai que fazer finca-pé em que se fixo desde Mondonhedo, centrado no mindoniense mais universal de todos os tempos, que leva na sua capa umha fotografia de pedras da Fonte Velha e na contra-capa a definiçom da cidade polo próprio escritor, escrita sobre pedra de Vila-Mor para que fique constáncia anónima e popular de que durante três dias do mês de Abril de 1991 quatro ilusos e modestos professores reunírom nesta cidade bispal a um grupo de conhecedores e admiradores de Cunqueiro e falárom sem pretensons nem academicismos estéreis sobre a sua obra. Na Apresentaçom que figura no encabeçamento das *Actas* indicamos brevemente e sem triunfalismos que atingimos os objectivos iniciais: assumir as diferentes facetas literárias e humanas do autor e da sua terra mindoniense estruturadas em precisas ponências, que resultárom de umha grande riqueza científica, sobretodo polo que tenhem de leitura plural e completa da obra de Cunqueiro e desde distintos ángulos e aspectos. Nom dizemos ali que o melhor lingüista do país, Joám Carlos Rábade, ajudou a corrigir a língua reintegrada e o desenho da capa.

Houvo entom diferentes actos para-congressuais que nos unírom aqueles felizes dias em actividades culturais enriquecedoras: o passeio pola cidade cunqueirana nada menos que com Xé Freire como guia e cicerone, o concerto de órgao na catedral de D. Jaime Cabot, a velada literária com recital de Ronseltz, a exposiçom de livros de Cunqueiro cedidos polas maos amigas de António Meilám e baixo a tutela da sempre amável Alicita Villamarim, o vinho galego como convite do Concelho e da sua alcaidesa, um baile no Casino, umha viage de autocarro pola rota cunqueirana das terras de Miranda e as covas do rei Centolo, a visita ao cemitério velho e as flores naturais para os poetas, o almorço de fraternidade final, a inauguraçom da inscriçom que figura na contra-capa destas *Actas* picada em pedra mindoniense polo Licho de Vila-Mor, os pratos e canecas modeladas por Patrulha, e o cantar do Orfeom de Obreiros durante a Missa galega que celebrou o nosso bispo demissionário mas ainda sempre nosso pastor Monsenhor Araújo, que fixo abalar de emoçom as pedras do nosso coraçom nacional.

Nom quero parecer-lhes adulador cando lhes digo que fôrom muitos os mindonienses que nos ajudárom, mesmo co seu silêncio tolerante e secular. Dalgumha maneira a gente desta cidade foi consciente de que fazíamos isto por Mondonhedo e por Cunqueiro, sem pretender umha catapulta pessoal com o nosso protagonismo. Seria agora o momento oportuno de lembrar que a senhora alcaidesa nos emprestou a sua prudente ajuda, e também o reitor do Seminário, Dom Félix, coa diplomática neutralidade que caracteriza à instituiçom eclesiástica, e Rubém Leivas coa sua informaçom generosa e precisa, e Pepe Cunqueiro (q.e.p.d.) e Carminha co seu apoio, assi como outras empresas mindonienses (ECAR, a Estaçom de Serviço ou O Rei das Tartas q.e.p.d.) que nos ajudárom no tríptico do programa, e alguns mais que provavelmente esquecerei agora. Para todos o nosso agradecimento.

Fagamos agora, se lhes parecer bem, um rápido reconto das ponências que encontrarám os leitores destas *Actas,* e algumha observaçom breve.

Começam as *Actas* com umha reflexom religiosa e cultural de Monsenhor Miguel Ángelo Araújo sobre Cunqueiro. D. Germán Palacios relaciona a literatura francesa, de que é excelente conhecedor, coa obra de Cunqueiro, com muitas citaçons provatórias daquela amorosa relaçom. Dom José Trapero Pardo lembra velhas amizades e fala-nos coa amenidade de sempre dos tempos do jornal Vallíbria. D. Xosé Díaz Jácome fai umha sentida lembrança de Cunqueiro, que nos enviara numha carta, e Dom Francisco Mayán, mindoniense por mérito próprio de muitos anos à frente do Instituto e de pulcra investigaçom histórica, disserta sobre alguns momentos da história em que deixa sentada a sua última opiniom sobre feitos e dados do passado coa sua loquacidade proverbial. Manuel Maria, poeta da Terra Chá e poeta nacional da Galiza, fai umha excelente análise da poesia de Dom Álvaro, fornecendo textos inéditos e o seu impressionante arquivo mental de prodigiosa memória, de que também fixo gala numhas palavras que nos dirigiu ao final do jantar, com categoria humana de bardo. Continua a meu modesto contributo sobre a dimensom mindoniense e universal do escritor Cunqueiro, que abre caminho a excelentes estudos científicos reintegracionistas de membros da AGAL, onde Xaquin López, Jose-Martinho Montero Santalha, César-Carlos Morám Fraga, Aurora Marco e Aracéli Herrero analisam de forma impecável

a narrativa irónica, a língua mindoniense de Cunqueiro, o espaço, o discurso oral e o teatro. Despois da curiosa visom da dramaturgia cunqueirana que oferece Paz Gago, fácil alvo para um franco-atirador crítico, e das consideraçons de González Reboredo sobre temas lendários e etnográficos no autor, Maria do Carmo Cozinha apresenta agora um estudo sobre a personalidade galega em *Os outros feirantes,* seguida polo breve mas péssimo contributo do jornalista Armesto Faginas que nom está à altura da sua benévola biografia sobre Cunqueiro em que alardea dumha amizade que tampouco está em consonáncia coa sua generosidade à hora de contar o muito que ao parecer sabe sobre el. Xoán Marin Escudero filosofa profundamente sobre Dom Hamlet e o seu autor, e para finalizar, a última ponência é umha transcriçom literal da intervençom do filho do escritor, também agora el escritor, César, que dá fé notarial das leituras de seu senhor pai, ainda que tivemos que ser nós os encarregados de fazer chegar aos leitores tam importante informaçom porque o próprio filho do autor é home muito ocupado em labores de mais alta índole que a divulgaçom da obra paterna, amostrando certa reticência na impressom da sua ponência, cousa que nom estivemos dispostos a permitir que se perdesse. As comunicaçons juvenis de Gema Lombó, Sónia Feijoo, e Pilar Freire contribuem para a análise do estudantado, assi como a madura confissom de Iánhez Basanta sobre como foi descobrindo a Cunqueiro. Observarám que hai três geraçons (maiores, maduros e novos) e também três formas de escrever o galego: por livre, seguindo pautas isolacionistas e reintegradas. Vocês julgarám isto.

Naturalmente nom pretendo inculcar que se trate na lista precedente dos melhores especialistas do mundo em Cunqueiro. Nom se trata aqui de ser especialistas em nada (polo que a mim respeita me contento com ser um apaixonado leitor de Cunqueiro). Mas acrescentarei que nom conheço outros doutores mais doutos em matéria cunqueirana. Ainda engadirei, sem ánimo de desprezar a ninguém, que tenho polo mais profundo analista da narrativa de Cunqueiro ao nosso amigo César-Carlos Morám. E digo isto agora porque em outro Congressso dedicado a Cunqueiro no mês de Setembro em Mondonhedo, César Morám só tivo espaço para umha breve comunicaçom, enquanto outros pretendidos conhecedores de Cunqueiro dispuxérom de longa exposiçom, se bem muito ligeira e superficial. É inevitável a comparaçom dos dous congressos: este nosso, todo o modesto que se quixer em medios, heterodoxo na normativa, tolerante na ideologia diversa e respeitoso coas crenças religiosas, plural na visom, e com excelente resultado científico, como poderá constatar quem lea as *Actas;* e aqueloutro, com um enorme orçamento económico que todos os contribuintes pagamos, muitas açafatas, um local adecentado para o caso, despesas de organizadores e participantes por conta da casa, congressistas na procura de pontos e horas, ortodoxo na normativa do «Instituto da Lingua Galega» e excluinte de tendências contrárias, nom tolerante, exclusivista, e o que é pior de todo, com muito protocolo e fasto congressual, mas com pobreza científica em ponências e comunicaçons, muito superficiais cara à galeria. Houvo dous congressos cunqueiranos e um dia haverá duas Actas dos mesmos. Vam-me permitir um blufe, como se di no jogo, com toda imodéstia e orgulho: Algum dia comprovarám que foi melhor o nosso, apesar da desproporçom de meios. Leam ambas as Actas e comparem. Eu estivem nos dous. Ademais o nosso foi primeiro. Eles copiárom cousas.

Quero finalizar esta já longa apresentaçom, em que estarei abusando da sua provada paciência e esquisita atençom dispensada, com umha opiniom pessoal sobre um tema que vocês, consciente ou inconscientemente querem que lhes aclare: por que os organizadores e os mais jovens ponentes somos reintegracionistas? Por que escrevemos em galego-português dessa forma tam «singular»: Mondonhedo? Alguns perdoam-nos este pecadinho venial de juventude porque somos bons rapazes e nos preocupamos pola cultura, por Mondonhedo, por Cunqueiro, e somos inofensivos ao fim e ao cabo. Olhem, eu levo mais de dez anos tratando de explicar isto nas aulas, nos jornais e nos livros, e asseguro-lhes que estou canso de repetir verdades evidentes que ninguém se molesta em crer: o galego acabará por reintegrar-se na sua área lingüística e por escrever-se igual que o português, já que som a mesma língua. Alguns já levamos dez anos de dianteira (e que nos tirem o bailado...). Outros já o escreviam assi a princípio de século. Ou no século XIII. Assi de fácil, porque é mais difícil ocultar a fachada da catedral com um lenço que acabará caindo algum dia. E algum dia (que os mais jovens lembrem o que agora digo!), o mesmo galego que estou a falar escreverá-se com grafia portuguesa, como o farám douscentos milhons de personas no planeta, e nom se escreverá com ortografia espanhola, se é que está de Deus

que esta amada língua nossa dure as mil primaveras que nos prometeu Cunqueiro. E nom será por motivos históricos e culturais, ou nom só por isso, senom por causas económicas e políticas na nova organizaçom da Europa e Ocidente, onde Galiza e o Norte de Portugal serám umha única zona económica. Sejam, portanto, tolerantes, com os que escrevemos o galego dumha forma que lhes parece «rara». Aos brasileiros e portugueses nom lhes parece nada rara, como aos argentinos nom lhes parece nada raro o espanhol de Madrid. E concedam-me que nestas *Actas* de hoje participam nove ponentes reintegracionistas, que nom vinhérom a Mondonhedo a ensinar-lhes como se fala em galego, cousa que aqui já sabem desde hai oitocentos anos, senom a amostrar polas boas como eles escrevem esse mesmo galego, convencidos de que é a forma mais correcta e, aliás, a verdadeira.

Seria de justiça lembrar neste assunto a tolerância de que fixo gala Dom Francisco Cacharro, político esperto e mui poderosso nesta pronvíncia, que pode permitir-se esse singular luxo de ser tolerante com professores heterodoxos pertencentes a AGAL e ser generoso para editar por conta da Deputaçom de Lugo estas *Actas do Congresso Á. Cunqueiro,* que agora graças a isso tenhem na mao, e que espero lhes sejam de muito proveito e gratificante leitura. Fico ao seu dispor para as aclaraçons e as perguntas que desejarem fazer, agradecendo-lhes a atençom com que me escuitárom. Muito obrigado por isto e mais nada».

Ramom Reimunde
Mondonhedo, 11 de Setembro de 1993

O diário EL PROGRESO recolheu informaçom do acto, no seu número do dia 14 de Setembro de 1993, em página 13.

El Progreso, martes, 14 de septiembre de 1993

Reimunde dijo que el libro sobre Cunqueiro pertenece a la ciudad

Mondoñedo
Rubén Leivas

La primera Feira do Libro que se celebró en la ciudad se clausuró ayer. Uno de los actos que más destacaron fue la presentación de las Actas del Congreso de Alvaro Cunqueiro al que asistieron dos de sus autores, Ramón Reimunde Noreña y Xabier Cordal. El primero de ellos destacó que "é un libro de toda a ciudade e hai que facer fincapé en que se fixo desde Mondoñedo, centrado no mindoniense máis universal de todos os tempos".

Según Reimunde, "este é un libro que quedará para sempre como unha proba real de que é posíbel loitar por algo no que se cre con ilusión e sen medios económicos", asegurando asimismo que era un libro que "no futuro será de obrigada consulta para os especialistas en Cunqueiro e para os amantes da leitura das súas obras".

El congreso sobre Cunqueiro se celebró en abril del año 91, organizado por la Asociación Galega da Lingua.

El libro lleva en su portada una fotografía de las piedras de A Fonte Vella y en su contraportada la definición de la ciudad por el propio autor, escrita sobre piedra de Vilamor "para que quedase constancia anónima y popular de que durante tres días la sede episcopal reunió a profesores y a un numeroso grupo de conocedores y admiradores de Cunqueiro para hablar sobre su obra".

□ □ □

CONFERÊNCIA NA CORUNHA DO PROFESSOR LEODEGÁRIO A. DE AZEVEDO FILHO

O passado dia 28 de Outubro tivo lugar na Sala Fonseca da Corunha umha interessante conferência do Professor Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho sobre o grande escritor brasileiro Mário de Andrade, de cujo nascimento se cumprem cem anos.

O acto, que terá um mais amplo tratamento em futuras páginas desta mesma revista, foi apresentado por César-Carlos Morám Fraga, quem trás umha breve exposiçom do meritório currículo do ilustre professor, contextualizou a conferência e a reuniom na problemática em que se acha a cidade da Corunha, recentemente privada da licenciatura em Filologia Galego-Portuguesa na sua Universidade.

O Professor Leodegário, fazendo gala da sua magistral oratória, desenvolveu o tema anunciado no título, *No centenário de Mário de Andrade (1893-1945),* mas tendo sempre presente o público galego a quem conscientemente se dirigia, e inserindo o tema num contexto comum a galegos e brasileiros.

Nom foi a conferência umha dissertaçom sobre a estética literária do autor referido, mas umha lúzida abordagem à concepçom da língua que tinha Mário de Andrade, desde umha primeira época influída polas teorias românticas de Alencar até o momento em que subscreve e defende a fundamental unidade de umha língua falada e escrita em diferentes estados de um e outro lado do oceano.

O tom elegante e rico em conteúdo e expressom, o humor e a amenidade com que o professor soubo transmitir a palavra precisa a um auditório expectante, provocou em conseqüência um animado colóquio.

Apesar da distáncia que o mar estabelece, e a julgar polo público, a agrupaçom cultural *O Facho* que organizou o acto com a máxima perfeiçom e também polo próprio conferencista, que ficou encantado, pode-se quase dizer com certeza: nom será a última vez.

□ □ □

IV CONGRESSO INTERNACIONAL DA LÍNGUA GALEGO-PORTUGUESA NA GALIZA. HOMENAGEM A FERDINAND DE SAUSSURE

No auditório do Centro Cultural CAIXAVIGO, con um número de participantes de por volta de 350 pessoas, os dias 28 de outubro a 1 de novembro de 1993, celebrou-se o *IV Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza. Homenagem a Ferdinand de Saussure.* Nesta ediçom o número de congressistas procedentes de universidades portuguesas e do Brasil ultrapassou ao dos três anteriores congressos.

Contando com os únicos subsídios da «Dirección General de Cooperación Cultural del Ministerio de Cultura» que concedeu um milhom de pesetas e da Vice-Reitoria de Investigaçom da Universidade de Vigo que ajudou com quatrocentas mil, o Congresso decorreu com a mesma dignidade e categoria dos anteriores, mercé à alta participaçom de estudantes da Universidade de Vigo e de professores procedentes de toda a geografia galega e de universidades do Norte de Portugal. Nesta ocasiom nom concedeu subsídios a «Fundação Gulbenkian», nem o Ministério de Universidades, nem negumha das Conselharias da Junta de Galiza, apesar de tê-los solicitado em tempo e forma. A AGAL nem tam sequer recebeu resposta do Concelho de Vigo, especialmente convidado à sessom de abertura e o Reitor da Universidade de Vigo, apesar de ser umha actividade organizada conjuntamente polo Departamento de «Filología Española, Teoría de la Literatura y Lingüística General» de dita Universidade e a Associaçom Galega da Língua, desculpou a sua ausência, aduzindo razons de viagem, quando é público que no mesmo dia em que se abria o Congresso estava presente na cidade de Vigo.

A *ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA* realizou o *IV Congresso,* na seqüência das conclusons aprovadas no *I Congresso* (Setembro, 1984 - *Actas,* 1986), a norma estabelecida no *II Congresso* (Setembro, 1987 - *Actas,* 1989) e *III Congresso* (Setembro-Outubro, 1990 - *Actas,* 1993), com o ánimo convencido de que encontros desta natureza som foros de debate e intercámbio de ideias sobre a problemática actual e o futuro da nossa língua e de outras línguas da Europa em situaçom de minorizaçom.

Diario 16 de Galicia
Xoves, 28 de outubro-93

IV Congreso Internacional da Língua Galego-Portuguesa

DIARIO 16 / *VIGO*

El departamento de Filología Española, Teoría de la Literatura y Lingüística General de la Universidad de Vigo ha organizado el IV Congreso Internacional da Língua Galego-Portuguesa en Galicia, que comienza hoy y será clausurado el próximo 1 de noviembre en esta ciudad. El congreso servirá también como homenaje al lingüista Ferdinand de Saussure.

Los objetivos que se han planteado los organizadores de este congreso consisten en impulsar todos los trabajos encaminados a analizar, clarificar y cuestionar la situación lingüística de Galicia. Asimismo, servira de foro para la presentación de proyectos globales o concretos que den respuesta efectiva a la planificación lingüística.

No menos importante que los anteriores es el objetivo de concienciar a todos los ciudadanos gallegos para que colaboren activamente en la dignificación y la normalización de los usos del idioma gallego-portugués «en este segmento de la comunidad lingüística galego-portuguesa que conocemos con el nombre de Galicia».

Por otra parte, el congreso será una ocasión para que los expertos analicen y debatan todos los factores extralingüísticos que impiden que el gallego sea una lengua normalizada y desarrollada en todos los ambientes.

El Correo Gallego. Martes, 26 de octubre de 1993

Oitenta especialistas asistirán ó IV Congreso da Lingua da Agal

VIGO. Delegación

Unha manchea de especialistas europeos e americanos tomarán parte no IV Congreso Internacional da Lingoa Galego-Portuguesa na Galicia que se desenvolverá no Centro Cultural de Caixavigo desde o día 28 do mes que andamos ate o primeiro de novembro, e que este ano está adicado o autor do *Cours de Lingüístique*, Saussure.

Oitenta especialistas teñen sido convivados por AGAL (Associacom Galega da Lingua) a este feita, entre os que se atopan: Sílvio Elía, Leodegario A. Azabedo (fillo), Glandstone Chaves de Melo e María Toribio do Brasil; Guy Heraud de Francia; Silvio Salvi e Andra Chitti Bateli, de Italia; María Filomena Gonzálves, María Joao Marcalo e José Fernandes, de Portugal; José Luis Alvarez Enparantza, de Euskadi; Jaume Corbera, de Catalunya; Heltmut Lüdtke, Dieter Woll, Rof Kemmler e Cosireu, de Alemania; Rudolf Engler, de Suiza, e Yvo JD Peeters, dos Países Baíxos. O congreso conta co patrocinio do Departamento de Filoloxía Española da Universidade de Vigo.

Na liña dos tres congresos anteriores, esta nova reunión científica tenta establecer a confluencia comunicativa, científica e académica, segundo os seus organizadores, entre o galego e outros co-dialectos da mesma familia lingüistica; en concreto, a conclusión de que o galego pertenece ao diasistema lingüistico galego-portugués.

O congreso pretende ser unha homenaxe ó traballo dos cientistas no eido lingüístico que non raras veces trata de ser condicionado por presións políticas, que interfiren os obxectivos da ciencia e a sua independencia, de aí a homanaxe desde o noso país o pai desta ciencia, Saussure.

O primeiro obxectivo do congreso é impulsar tódolos traballos encamiñados a analizar, clarificar e cuestionar a situación lingüística de Galicia.

Además, proponse a presentación de proxectos globais e puntuais que den resposta efectiva á planificación lingüística de Galicia, así como interesar á ciudadanía en orde a normalización do uso do galego-portugués neste segemento da comunidade galego portuguesa, segundo os criterios de Agal.

El Correo Gallego. Lunes, 25 de octubre de 1993

O 'IV Congresso Internacional da Língua Galego Portuguesa' vaise celebrar en Vigo

SANTIAGO. Redacción

A Associaçom Galega da Língua (AGAL), coa colaboración do vicerrectorado de Investigación da Universidade de Vigo e o patrocinio da Dirección Xeral de Cooperación Cultural do Ministerio de Cultura organiza o *IV Congresso Internacional da Língua Galego Portuguesa na Galiza*, que terá lugar no Auditorio do Centro Cultural Caixavigo do 28 de outubro ó 1 de novembro.

O congreso, no que se renderá unha homenaxe á figura do filólogo suizo e pai da moderna lingüística Ferdinand de Saussure, continúa o labor encetado en 1984 coa realización do *I Congresso*, ó que seguiu os celebrados en 1987 e 1990.

Na presentación do mesmo, a AGAL sinala que os encontros desta natureza "som foros de debate e intercámbio de ideias sobre a problemática actual e o futuro da nossa língua", o que é aplicábel a outros idiomas minoritarios de Europa.

Como obxectivos deste congreso, a devandita organización propón como fundamentais o dar pulo á análise e á posta en cuestión da situación actual do galego; a presentación de proxectos cara a unha axeitada planificación lingüística, e facer un labor de concenciación dos galegos para que colaboren de xeito activo na "dignificaçom e normalizaçom dos usos do idioma".

Tamén serán tarefas do congreso o analizar os factores extralingüísticos que impiden ó galego ser una lingua normalizada, e establecer formas de intercambio e cooperación coa comunidade científica internacional.

Fôrom objectivos deste *Congresso:*

a) Impulsar todos os trabalhos encaminhados a analisar, clarificar e questionar a situaçom lingüística na Galiza.

b) Apresentar projectos globais ou pontuais que dem resposta efectiva à planificaçom lingüística.

c) Consciencializar e interessar de todos os cidadaos deste País que colaborem activamente na dignificaçom e na normalizaçom dos usos do idioma galego-português neste segmento da Comunidade Lingüística galego-portuguesa que conhecemos polo nome de GALIZA.

d) Analisar todos os factores extra-lingüísticos que impedem que o galego seja umha língua normalizada e desenvolvida em todos os ambientes.

e) Estabelecer formas de intercámbio e cooperaçom no ámbito da investigaçom científica, cultural e pedagógica com a comunidade científica internacional —com preferência os países de expressom galego-portuguesa— e também com aquelas comunidades onde existir conflito lingüístico, como Euskal Herria e Catalunha (Países Cataláns).

f) Render homenagem a Ferdinand de Saussure.

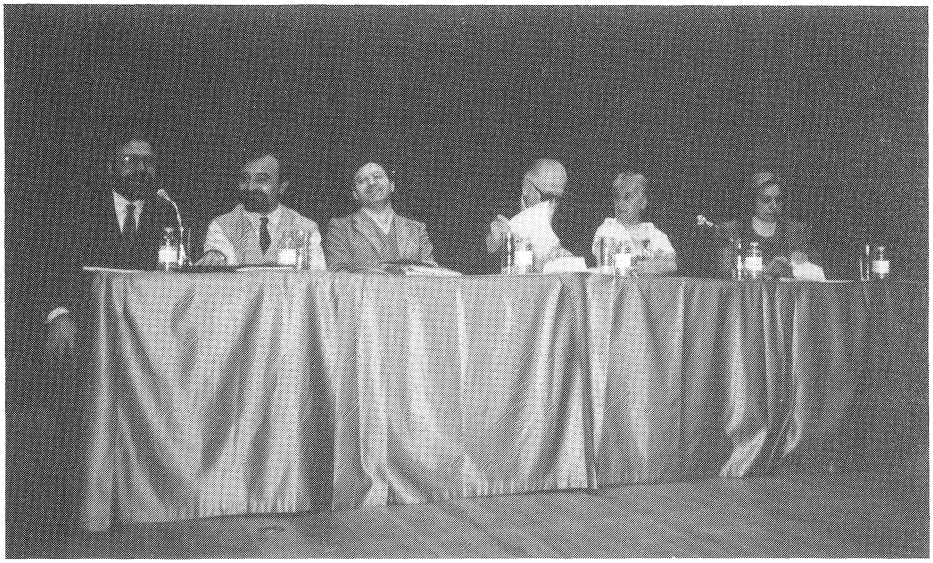
O *IV Congresso* estruturou-se em três grandes blocos:

I. *Ciências da linguagem,* em que se abordárom temas de Lingüística, Sociolingüística, Psicolingüística, Iuslingüística, Didáctica da Língua, Glotopolítica e Filologia, e temas tocantes à teoría e prática da elaboraçom do léxico e terminologia, da elaboraçom gramatical, filológica, dialectológica, grafemática, fonologia, etc.

II. *Língua e texto literário,* dedicado à abordagem de temas referidos à teoria e prática da língua literária numha perspectiva histórica e actual, aos problemas gerais ou pontuais que levanta a elaboraçom da língua literária do galego-português e a análise comparativa com situaçons semelhantes noutras áreas lingüísticas próximas da nossa.

1.ª sessom. De esq. a direita: Profa. Doutora Miorita Ulrich (em representaçom do Prof. Doutor Eugénio Coseriu), Profa. Doutora Henríquez Salido, Prof. Doutor Aguiar e Silva e Prof. Doutor Sílvio Elia.

3.ª sessom: De esq. a direita: Profa. D. Manuela Rivera, Profa. Doutora Aracéli Herrero, Profa. Doutora Ria Lemaire, Profa. Doutora Aurora Marco e Sr. D. Joel Gómez.



4.ª sessom. De esq. a direita: Prof. D. Ramom Reimunde, Prof. D. Henrique Rabunhal, D. José Martinho Montero, Prof. Doutor Evanildo Bechara, Profa. Doutora Edna Maria dos Santos e Profa. Doutora Luisa Blanco.

III. *Estudos dedicados a Ferdinand de Saussure,* como homenagem dedicada à análise e estudo da sua obra e contributos na lingüística do século XX.

A Comissom Organizadora do *IV Congresso,* estivo constituída por:

Isaac Alonso Estravis
José Manuel Barbosa Álvarez
Nemésio Barxa Álvarez
Maurício Castro Lôpez
Pedro Fernández-Velho
Júlio Garcia Santiago
Gonçalo Grandal Crespo
Xavier Paz Garça
Henrique M. Rabunhal Corgo
Felisindo Rodríguez Vilarinho
José Antonio Souto Cabo

Presidenta da Comissom
Maria do Carmo Henríquez Salido

O *Comité Científico* estivo integrado polos Professores e polas Professoras:

Eugénio Coseriu (Univ. Tübingem, Alemanha)
Sílvio Elia (Univ. Federal Fluminense, Rio de Janeiro)
Maria do Carmo Henríquez Salido (Univ. de Vigo)
Ria Lemaire (Univ. de Poitiers)
José Luís Rodriguez (Univ. de Santiago)

Os conferencistas, ponentes e comunicantes nos três blocos em que se estruturou o Congresso fôrom:

I. *LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA.*

ISAAC ALONSO ESTRAVIS (Univ. de Vigo): *Modalidades do galego nos concelhos de Tramiras e Qualedro (Ourense).*

JOSÉ LUÍS ÁLVAREZ ENPARANTZA (Univ. País Basco): *La Sociolingüística matemática y su aplicación en el diagnóstico de las sociedades bilingües. Teoría.*

MIQUEL NICOLÁS AMORÓS (Univ. de Valéncia): *Paral.lelismes en la periodització de la historiografia lingüística gallego-portuguesa i catalana.*

JOSEP MARIA ARTIGAL (Investigador. Fundació Jaume Bofill. Barcelona): *Requisits psicolingüístics d'un programa d'inmersió lingüística: l'exemple català.*

ALEXANDRE BANHOS CAMPO (Membro da AGAL, Vigo): *Presença do galego nas organizaçons sindicais da Galiza.*

JOSE MANUEL BARBOSA ÁLVAREZ (Membro da AGAL, Ourense): *Unidade e variedade da língua galego-portuguesa.*

MARIA EMILIA BARCELLOS DA SILVA (Univ. Federal do Rio de Janeiro): *A estruturação de vocabulários de línguas especiais.*

NEMÉSIO BARXA ÁLVAREZ (Membro da AGAL, Advogado): *Contributos para a análise da situaçom legal do galego em sentenças do Tribunal de Justiça da Galiza e Sala do Contencioso Administrativo.*

LUISA BLANCO RODRÍGUEZ (Univ. de Vigo): *A parasíntese.*

REGINA CELIA CABRAL ANGELIM (Univ. Federal do Rio de Janeiro): *A participação do adjetivo no processo da progressão textual.*

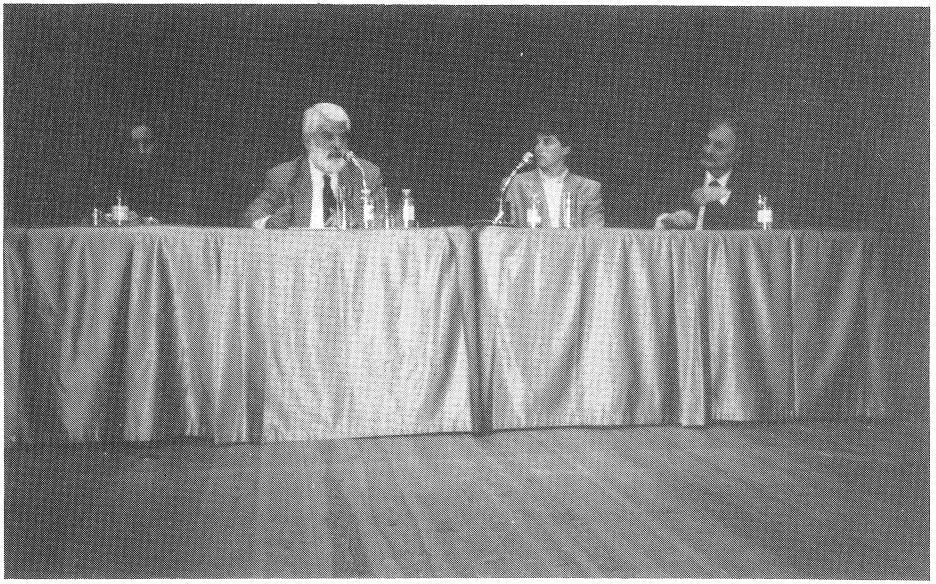
GUILLEM CALAFORRA (Univ. de Valéncia): *Algunes observacions sobre les actituds interdialectals, la planificació lingüística i l'àmbit educatiu.*

MAURÍCIO CASTRO LÔPEZ e XAVIER PAZ GARÇA (Membros da AGAL): *Dinámica popular de normalizaçom lingüística.*

ANDREA CHITI-BATELLI (Roma): *Parlers minoritaires, Langue internationale et Structuralisme.*

MANUEL DEANHO DEANHO (Univ. de Vigo): *Joám Vicente Viqueira e a Psicologia infantil na Galiza.*

6.ª sessom. De esq. a direita: Profa. Doutora Ria Lemaire, D. José Manuel Barbosa, Profa. Doutora Aurora Marco, Profa Doutora Luciana Stegagno e Profa. Doutora F. Vieira.



9.ª sessom. De esq. a direita: Profa. Doutora Miorita Ulrich, Doutor Sérgio Salvi, Prof. D. José A. Souto e Doutor Andrea Chitti-Batelli.

PEDRO FERNÁNDEZ-VELHO (Membro da AGAL. Ourense): *Afinal, que modelo normalizador para a Galiza de 2000?*

ANTONI FERRANDO (Univ. de Valéncia): *Pardo Bazán i Llorente: una mateixa perspectiva.*

JOSÉ ENRIQUE GARGALLO GIL (Univ. de Barcelona): *Sobre las hablas gallego-portuguesas fronterizas.*

JAVIER GÓMEZ GUINOVART (Univ. de Vigo): *Aspectes de enginyeria lingüística.*

MANUEL GONÇÁLEZ PINHEIRO (Univ. de Vigo): *A pragmática e a normalizaçom do galego.*

MARIA FILOMENA GONÇALVES: *Aspectos da gramaticografia portuguesa do século XVIII.*

BRIAN F. HEAD (Albany Univ. - NY. U.S.A.): *Geografia lingüística e relações históricas no domínio do galego-português.*

GUY HERAUD (Univ. Pau, França): *Une organisation politique de l'Europe capable de sauvegarder ses richesses linguistiques.*

XAVIER ISASI (Univ. do País Basco): *La Sociolingüística matemática y su aplicación en el diagnóstico de las sociedades bilingües. Práctica*

ROLF KEMMLER (Gomaringen, Alemanha): *Mais sobre ortografia.*

HELMUT LÜDTKE (Univ. Kiel, Alemanha): *Do latim ao galaigo-português: problemas, etapas e camadas.*

ANTÓNIA LUNA DE KUPERMAN (Buenos Aires): *Vocábulos de Buenos Aires de origem galego-portuguêrs.*

HIGINO MARTÍNEZ ESTÊVEZ (Membro da AGAL, Buenos Aires): *Mais vozes a resgate dos galegos.*

JOSÉ MARTINHO MONTERO SANTALHA (Membro da AGAL. Ferrol): *História da grafias **lh, nh** e **-m** na Galiza.*

MARIA LLUÏSA PAZOS (Presidenta Associació Llengua Nacional): *Una llengua sense ordre ni concert.*

YVO JD PEETERS (Instituto de Direitos Lingüísticos, Bruxelas): *Cooperaçom transfronteiriça e Política lingüística.*

JOSÉ POSADA GONÇÁLEZ (Deputado no Parlamento Europeu): *O português, língua oficial do Parlamento Europeu. Análise de experiências.*

BERNARD POTTIER (Univ. de Paris, Sorbonne): *La terminología lingüística.*

CARLOS QUIROGA DIAZ (Univ. de Santiago): *Aspectos do léxico no obra de Fernando Pessoa.*

STEPHEN RECKERT (Univ. de Londres e Gabinete de Estudos Simbologia, Lisboa): *O português reentra nos eixos. Tragicomédia sociolingüística em dois actos e um epílogo.*

MANUELA RIVERA CASCUDO (Inst. Otero Pedraio, Ourense): *A sufixaçom em Eduardo Pondal.*

JOSÉ LUÍS RODRÍGUEZ (Univ. de Santiago): *Fórmulas conjuntivas em textos galegos medievais.*

SERGIO SALVI (Firenze): *La situazione italiana dal punto de vista della etnolinguistica e della glopolìtica.*

JOSÉ ANTÓNIO SOUTO CABO (Univ. de Santiago): *Os dias da semana: de onte a hoje.*

LUCIANA STEGAGNO PICCHIO (Univ. «La Sapienza», Roma): *A filosofia da saudade. Saudades de Ramón Piñeiro.*

LUIS EDMUNDO TAVARES (Univ. do Estado do Rio de Janeiro): *A presença galega no Rio de Janeiro.*

M.ª TERESA TORÍBIO BRITTES LEMOS (Univ. do Estado do Rio de Janeiro): *Notas sobre história e literatura da Galiza medieval —uma contribuição para o estudo da cultura galega.*

XAVIER VILHAR TRILHO (Univ. de Santiago): *Linhagem genealógica da «Lei de Normalización lingüísitica galega» e a proposição de Lei de modificação apresentada pola BNG.*

O Congreso da AGAL homenaxea a Saussure

O Congreso Internacional da língua galego-portuguesa na Galiza, vai celebrar as suas sesións no Centro Cultural Caixa Vigo, co patrocínio da Dirección General de Cooperación Cultural do Ministério de Cultura e a colaboración da Universidade de Vigo. Apesar do seu alto nível científico, o ostracismo a que está sometida a AGAL polo seu ideário lingüístico fai que non conte con apoio nengun de organismo da Xunta de Galiza.

A AGAL celebra o congreso —por segunda vez consecutiva en Vigo— co ánimo "de que os encontros desta natureza sexan foros de debate e intercámbio de ideas sobre a problemática actual e o futuro da nosa língua e doutras línguas da Europa en situación de minorización".

Esta edición divídese en tres blocos temáticos: lingüística e filoloxia; língua e texto literário e estudos dedicados a Ferdinand de Saussure. A nómina de poñentes inclue unha ampla representación internacional: José Luis Álvarez Emparantza, Josep Maria Artigal ("Requisits psicolingüístics d'un programa d'inmersió lingüística: l'exemple catalá"), Andre Chiti-Batelli ("Parlers minoritaires, Langue internationale et Structuralisme"), Maria Filomena Gonçalves ("Aspectos da gramaticografia portuguesa do século XVIII"), Guy Heraud ("Une organisation politique de l'Europe capable de sauvegarder ses richesses linguistiques") ou Yvo Jd Peeters ("Cooperaçom transfronteiriça e Política lingüística"), interveñenen na área de lingüística e filoloxia, xunto aos galegos Alexandre Banhos, Luísa Blanco ou Isaac Alonso Estravis.

Na sección de "Língua e texto literário" intervirá Leodegário de Azevedo Filho ("A lírica de Camões e a crítica textual"), que tamén participa este Xoves 28 nunha conferéncia na Aula Fonseca da Coruña, en homenaxe a Mário de Andrade. Gladstone Chaves de Melo, Araceli Herrero, Lénia Márcia Mongelli, Henrique Rabunhal ou Edna Maria dos Santos son tamén poñentes nesta sección.

No que atinxe á homenaxe a Saussure, dedicada ao estudo da sua obra e os seus contributos á lingüística do século XX, teñen anunciado a sua intervención Vítor Manuel de Aguiar ("A lingüística saussuriana e a constituição da Teoria da Literatura"), Inmaculada Baez ("A divisão do signo linguístico e os pré-requisitos para a adquisição da linguagem"), Evanildo Bechara ("Primeiros ecos do *Cours de linguistique* nas gramáticas do portugués escritas por brasileiros"); Jaume Corbera ("Dialecte i llengua: la distinció saussureana i la realitat sociopolítica"); Eugenio Coseriu ("O meu Saussure"), Sílvio Elia ("O saussurianismo está ultrapassado?") e Maria do Carmo Henríquez Salido ("A força do *intercourse*, o *espírito de capelinha* e a língua da Galiza", entre outros ponentes.

O prazo de inscrición está aberto até a própria inauguración do Congreso e entregaranse diplomas con validez oficial expedidos pola Universidade de Vigo.♦

La situación lingüística en Galicia, a debate en un congreso internacional

VIGO
Redacción

Hoy comienza, en el Centro Cultural Caixavigo, el cuarto Congreso Internacional da Lingua Galego–Portuguesa na Galiza, que en esta edición está dedicado al lingüísta Ferdinand de Saussure. La reunión ha sido organizada por la Associaçom Galega da Língua (AGAL), que ha contado con el patrocinio del departamento de Filología Española de la Universidad de Vigo, pretende y la Dirección General de Cooperación Cultural del Ministerio de Cultura.

El congreso de este año pretende ser una continuación de los desarrollados en anteriores ediciones. Como objetivos los organizadores se han marcado impulsar todos los trabajos encaminados a analizar, clarificar y cuestionar la situación lingüística en Galicia, a la vez que presentar proyectos globales o puntuales que den respuesta efectiva a la planificación lingüística y analizar todos los factores extra–lingüísticos que impiden que el gallego sea una lengua normalizada y desarrollada en todos los ambientes. También tratará de concienciar e interesar a todos los ciudadanos para que colaboren activamente en la dignificación y normalización de los usos del idioma galego–portugués.

Las jornadas, que se prolongarán hasta el próximo lunes, se estructurarán en tres grandes bloques: *Ciências da linguagem, Língua e texto literário, Estudos dedicados a Ferdinand de Saussure*. En este cuarto congreso estarán presentes profesores de países como Alemania, Italia, Francia, Inglaterra, Brasil, Portugal o Estados Unidos, hasta un total de 80 participantes.

Jueves 28 de octubre de 1993

II. *LÍNGUA E TEXTO LITERÁRIO.*

LEODEGÁRIO A. DE AZEVEDO FILHO (Univ. Federal do Rio de Janeiro): *A lírica de Camões e a crítica textual.*

GLADSTONE CHAVES DE MELO (Univ. Federal Fluminense do Rio de Janeiro): *A língua poética de Ernesto Guerra da Cal.*

HENRIQUE DA COSTA LÔPEZ (Membro da AGAL, Ferrol): *Contributos para a análise da poesia de Ernesto Guerra da Cal.*

MARILUCI DA CUNHA GUBERMAN (Univ. Federal do Rio de Janeiro): *A resistência indígena na voz de Guaman Poma.*

JOSÉ ANTÓNIO FERNANDES CAMELO (Univ. Antónoma de Lisboa): *Fialho de Almeida (1857-1911) em Vigo.*

JOEL GÓMEZ (Membro da AGAL, Santiago de Compostela): *Teatro português representado na Galiza».*

ERNESTO GUERRA DA CAL (The City Univ. of New York): *Estudo do conto de Valle Inclán «Mi hermana Antonia».*

ARACÉLI HERRERO FIGUEROA (Univ. de Santiago): *Literatura comparada: traduçons e adaptaçons.*

RIA LEMAIRE (Univ. de Poitiers): *A transformação da mulher-personagem nas cantigas paralelísticas galego-portuguesas.*

AURORA MARCO (Univ. de Santiago): *Exploraçom didáctica sobre um texto de Rafael Dieste.*

JENARO MARINHAS DEL VALLE (Membro de Honra da AGAL, Corunha): Assunto a precisar.

CARLOS MORÁM FRAGA (Membro da AGAL, Corunha): *Criaçom e produçom literária na Galiza.*

LÊNIA MÁRCIA MONGELLI (Univ. de São Paulo, Brasil): *Pero da Ponte: a autonomia do lirismo galego-português.*

HENRIQUE RABUNHAL CORGO (Membro da AGAL, Corunha): *O teatro de Eduardo Blanco Amor.*

RAMOM REIMUNDE NORENHA (Membro da AGAL, Alfoz, Lugo): *Os anos em Lugo do Professor Carvalho Calero.*

EDNA MARIA DOS SANTOS (Univ. do Rio de Janeiro): *O grito «herético» da Galiza.*

CARMEN LUCIA TINDÓ SECCO (Univ. Federal do Rio de Janeiro): *Nélida Piñón: a viagem pela língua e a alquimia rebelde do verbo criador.*

YARA F. VIEIRA (Univ. Estadual de Campinas, Brasil): *Cantigas de amigo: sua infiltração no lirismo medieval galego-português.*

III. *ESTUDOS DEDICADOS A FERDINAND DE SAUSSURE.*

VÍTOR MANUEL DE AGUIAR E SILVA (Univ. do Minho): *A lingüística saussuriana e a constituição da Teoria da Literatura.*

INMACULADA BÁEZ (Univ. de Vigo): *A divisão do signo lingüístico e os pré-requisitos para a adquisição da linguagem.*

EVANILDO BECHARA (Univ. Federal do Rio de Janeiro): *Primeiros ecos do «Cours de linguistique» nas gramáticas do português escritas por brasileiros.*

JAUME CORBERA (Univ. das Illas Baleares): *Dialecte i llengua: la distinción saussureana i la realitat sociopolítica.*

EUGÉNIO COSERIU (Univ. Tübingen, Alemanha): *O meu Saussure.*

SÍLVIO ELIA (Univ. Fluminense do Rio de Janeiro): *O saussurianismo estará ultrapassado?».*

RUDOLF ENGLER (Univ. Berna, Suíça): *Les termes de «nature» et «natural» dans le CLG de Ferdinand de Saussure.*

JOSÉ M.ª GARCÍA-MIGUEL (Univ. de Vigo): *O princípio de arbitrariedade e a lingüística actual.*

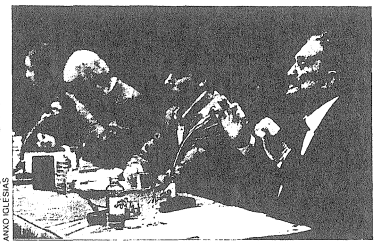
O Congreso da AGAL reclama o investimento dos cartos da Unión Europea para mellorar as relacións Galiza-Portugal

O congreso da Associaçom Galega da Língua, celebrado o pasado fin de semana en Vigo, reclamou nas suas conclusións que os governos español, galego e portugués, apresenten proxectos para aproveitar os investimentos previstos pola Unión Europea para harmonizar territórios fronteirizos.

Segundo Yvo Jd Peeters, do Instituto de Direitos Lingüísticos de Bruxelas, as previsións da Unión Europea contemplan un importante fondo de investimentos no 1994 para esta harmonización. Os congresistas da AGAL reclaman que se efectivice ese acordo no referido ao fomento do espazo mediático comun, a mellora das comunicacións, o fomento da cultura e a unificación da língua.

Por outra banda acordouse veicular, através do parlamentário europeu José Posada, a denúncia en Estrasburgo das discriminacións polo uso do galego, en modalida des ortográficas diferentes da oficial.

Os debates do Congreso, como xa informámos en números anteriores, centraron boa parte das sesións na homenaxe a Ferdinand de Saussure. ♦



ANXO IGLESIAS

Unha das sesións do congreso da AGAL.

Maria Lluïsa Pazos, preside a asociación *Llengua Nacional*

'O modelo de língua é moi difícil de resolver sen uso e en Cataluña hai unha imersión social en español'

■ XAN CARBALLA

Maria Lluïsa Pazos preside a asociación *Llengua Nacional* nacida para contrarrestar a presenza dunha língua rebaixada e dialectalizada nos Países Catalán. Profesora no ICE da Universitat de Barcelona, a profesora catalana ven de participar nos debates do Congreso Internacional organizado pola AGAL.

"A nosa asociación naceu para contrarrestar o denominado catalán *light*, pero o asunto vai máis alá dun modelo de língua, porque pensamos que estamos a falar dun modelo de nación. Un catalán interferido leva á substitución lingüística. O catalán *light* non é unha cuestión lingüística, senón unha manobra política sustentadada nunha ideoloxia que aceita a subordinación actual como normal. Oculta os seus intereses políticos dicindo que a língua que hai na rua é froito da evolución normal e isto é absurdo: é producto franquista dun povo analfeto. Non se pode admitir que un modelo degradado sexa o modelo de língua. Non se trata de facilidade senón de facer política subordinante ou nacionalizadora."

Cando fala de língua rebaixada refírese ao usado nos meios de comunicación, na escola...?

O catalán como toda língua románica ten o seu próprio código, e se o vas interferindo coa língua que se fala na rua esta língua nunca será nacional, autónoma, e estará supeditada á língua da nación grande, a España. Convertirase o catalán *light* nunha espécie de español con fonética diferente. Non se trata de meterse có que fala a xente senón coa ideoloxia ocultadora que esa é a língua posíbel e a estandarizar. Non se pode querer facer pasar pór progresista o que non é sinón imperialismo español. Desde o momento que o catalán está no ensino hai moitas posibilidades de remontarse porque se ensina e se debe ensinar ben.

Normativa e estandarización non son a mesma cousa porque esta última o que precisa é uso e máis uso. En Cataluña o emprego do catalán é moi probe, ainda que desde aquí non se aprécie. Quizais sexa bon en vilas pequenas, pero estás nas ruas de Barcelona e non hai vídeos, non hai cine en catalán, os comércios venden en español,... hai unha inmersión social española. O modelo de língua é moi difícil de resolver se non hai uso.

A manobra do catalán *light*, propiciada desde o PSOE, é disolver unha língua na outra, e foise introducindo fundamentalmente nos meios: TV3, Catalunya Ràdio, a Universitat Pompeu i Fabra, o xornal *Avui*...

Cal, é a posición de *CiU* nesta cuestión?

> 'O *ABC* atacou o mergullamento e titulou: *Como con Franco pero al revés*. Eles non esquecen a importáncia da língua".

CiU ten a obsesión, no que atinxe á língua, de chegar a consensos. Cando houbo que promulgar a Lei de Autoritat Lingüística ao Institut de Estudis Cataláns, os do *light* asustáronse, e no Parlamento o PSOE impuxo, e CiU aceitou, que só ratificaba esa autoridade baixo a aceitación do catalán *light*. Politizouse de feito o que era unha decisión científica sobre o modelo. A formulación por escrito dese pacto falaba da autonomia do catalán nos meios de comunicación.

A atitude dos escritores ou dos ensinantes tamén é importante á hora de estabelecer o modelo.

En princípio vendéronno moi ben. O PSUC criara unha ideoloxía de progresismo internacionalista, e moitos intelectuais esqueceron que non podiamos ser internacionais sen sermos nós mesmos. Moita xente que ensina catalán partillaba esta ideoloxía. Pero as cousas foron mudando. O intelectual catalán estaba desconcertado e verdíase o catalán *light* como progresista e o normativo, o *heavy*, como carca. O modelo normativo é unitário para Valéncia, Baleares e o Principado e non temos porque tomar o modelo interferido do gueto españolizante de Hospitalet, de Santa Coloma,... isto non é catalán senón un híbrido en proceso de integración nunha língua. Por que non se vai a Girona ou a tantas outras comarcas? A nosa asociación naceu no ano 87 coa intención de agrupar a xente que pensábamos igual pero non nos coñeciamos. É un movemento popular a favor da língua, en defensa dun modelo de nación monolíngue. É unha militáncia máis que de rua, que tamén a hai, de ensinanza, de ideoloxía e teoría lingüística.

E cal é a influéncia desta posicion en ensinantes e xornalistas?

Son dous sectores moi desmobilizados e no caso dos xornalistas non teñen práctica porque non hai un modelo de língua recoñecido. Dentro do bon xornalista que segue o normativo, hai unha ideoloxía nacionalista, porque senón escolle o castellano. En definitiva exércese como membro dunha nación e iso é unha toma de postura política. É curioso que a desconexión de TV2 é mellor que TV3, a nível lingüístico, e tamén teñen un conceito de nación catalana. Nos diários pasa igual: é mellor a língua de *Punt Diari* ca do *Avui*, que está influído pola sección máis españolizante de CiU. En Cataluña a língua é moi importante. Non hai que esquecer a portada de ABC cando comezou a campaña contra o mergullamento no ensino: "Igual que Franco pero al revés". Eles non esquecen a importáncia da língua. O estado centralista ódianos tanto precisamente porque falamos diferente.

Cal é a situación do proceso de mergullamento?

É moi cativo e moi integrador. A un alumno que ten na casa maioritariamente o catalán élle máis fácil e para o que ten o español axúdao moito, nunha fase tan importante como a da adquisición da leito-escritura, porque lle serve para formarse nunha fonética nova. Non hai *perigo* porque a língua forte tena na casa. O mergullamento trata de integrar aos nenos que non teñen o catalán como primeira língua. Isto dura até os 6 anos, nos que empeza a xurxir o español como segunda língua e despois un terceiro idioma.

O mergullamento teria que ser de máis alcance e ademais social, pero está moi ben porque eses nenos están mellor preparados para o ensino en catalán. No ensino secundário hai obriga de ter duas asignaturas a maiores en catalán, pero non se fai e non se segue pola Inspección. Agora estamos intentando, na selectividade, que o comentário de texto sexa repartido en catalán, ainda que non se conteste na nosa língua. Pero a Universidade é o pior dos tres sectores do ensino en canto a catalanización. ♦

G. L. GUITARTE (Boston, College, U.S.A.): *Los papeles de Ferdinand de Saussure conservados en la Houghton Library.* (Harvard University).

MARIA DO CARMO HENRÍQUEZ SALIDO (Univ. de Vigo): *A força de «intercourse» e o «espírito de capelinha» e a língua da Galiza.*

CLÁUDIA T.G. DE LEMOS (Univ. Estadual de Campinas, Brasil): *A questão da unidade linguística na obra de F. de Saussure.*

MARIA JOÃO MARÇALO (Univ. de Évora): *Sincronia saussuriana versus sincronia dinâmica.*

MIORITA ULRICH (Univ. de Bamberg, Alemanha): *El sistema fonético universal de Ferdinand de Saussure.*

O Congresso constou de quinze sessons únicas, as simultáneas fôrom simplificadas numha atendendo ao parecer dos congressistas interessados em poder escuitar os textos dos comunicantes, distribuidas de acordo com este horário:

Às 12 horas do dia 28 de Outubro *sessom de abertura* em que pronunciárom umhas palabras a Presidenta da Associaçom Galega da Língua e Directora do Departamento de «Filologia Española, Teoría de la Literatura y Lingüística General» da Universidade de Vigo, Professora Doutora Maria do Carmo Henríquez Salido; o Professor Doutor Sílvio Elia em nome dos professores do Brasil; o Professor Doutor Vítor Manuel Aguiar e Silva, Vice-Reitor da Universidade do Minho e a Professora Doutora Miorita Ulrich da Universidade de Bamberg (Alemanha), quem transmitiu a saudaçom especial do Professor Doutor Eugénio Coseriu, quem além de enviar o seu texto, mostrava a sua adesom à figura de Ferdinand de Saussure e ao IV Congresso.

Às 16,30 celebrava-se a *1.ª sessom* presidida polo Prof. Doutor José Luís Rodríguez, da Universidade de Santiago com as palavras do Prof. Doutor Eugénio Coseriu, lidas pola Profa. Doutora Miorita Ulrich e as conferências do Prof. Doutor Bernard Pottier e do Prof. Doutor Vítor M. Aguiar e Silva. Actuou como Secretário o Prof. D. José Henrique da Costa.

A *2.ª sessom,* presidida polo Prof. Doutor Sílvio Elia e na qual era o Secretário D. Maurício Castro Lôpez, tinha lugar as 18,30 e pronunciárom as suas conferéncias o Prof. Doutor Helmut Lüdke e Prof. Doutor Sílvio Elia.

Às 20 horas celebrava-se a *3.ª sessom,* da qual foi presidenta a Profa. Doutora Ria Lemaire e secretária D. Manuela Rivera Cascudo. As ponentes e os ponentes forom D. Joel Gómez, a Profa. Doutora Aracéli Herrero Figueroa, a Profa. Doutora Aurora Marco, o Prof. Doutor Ramom Reimunde Norenha e o Prof. D. Henrique Rabunhal.

O dia 29 de Outubro, às 9 horas da manhá decorria a *4.ª sessom* presidida polo Prof. Doutor Evanildo Bechara, com a intervençom do Prof. D. Isaac Alonso Estravis, D. José Martinho Montero Santalha, Profa. Doutora Luisa Blanco, Profa. D. Edna Maria dos Santos, Prof. D. José Henrique da Costa e a Profa. D. Lucia Tindó Secco.

Às 11,30, presidida polo Prof. Doutor Bernard Pottier, celebrava-se a *5.ª sessom,* com as conferências do Prof. Doutor Rudolf Engñer e da Profa. Doutora Miorita Ulrich.

Às 16,30 tinha lugar a *6.ª sessom,* presidida pola Profa. Doutora Aurora Marco Lôpez e na qual pronunciárom as suas conferências as Professoras Doutora Ria Lemaire, Doutora Luciana Stegagno Picchio e a Doutora F. Vieira. Às 18,30 transcorria a *7.ª sessom,* presidida polo Professor Doutor Leodegário A. de Azevedo Filho, e na qual lérom as suas conferências os Professores Doutor Sílvio Stephen Reckert e o Doutor Gladstone Chaves de Melo.

Às 20 horas celebrava-se uma *Mesa-Redonda* sob o título «Traços caracterizadores de umha língua desde a perspectiva da Planificaçom lingüística», presidida polo Prof. Doutor Antoni Ferrando e que contou com a participaçom do Prof. D. Luís Gonçálex Blasco, Vice-Presidente da AGAL; o Prof. Doutor D. Xavier Isasi; o Doutor Sérgio Salvi e D. Josep Maria Artigal. No decorrer da mesma salientárom-se os problemas comuns que apresentam as línguas minorizadas e a grave situaçom em que se encontram apesar do 'discurso de boa vontade' dos governos respectivos.

O dia 30 de Outubro às 9 horas celebrava-se a *8.ª sessom,* presidida polo Prof. Doutor Jaume Corbera e em que participavam D. Nemésio Barxa Álvarez, D. José Manuel Barbosa, D. Pedro Fernández-Velho, D. Rolf Kemmler, o Prof. Doutor José Luís Rodrigues, o Prof. D. José A. Souto e a Profa. Doutora M.ª Teresa Toríbio Birttes.

Unas 300 personas asisten en Vigo al Congreso de Língua Galego-Portuguesa

VIGO
Redacción

Más de 300 congresistas se inscribieron en el cuarto Congreso Internacional da Língua Galego Portuguesa na Galiza, inaugurado ayer en el Centro Cultural Caixavigo. Abrió la sesión la presidenta de la asociación Agal, organizadora del congreso, María do Carmo Henríquez Salido, quien agradeció a los asistentes su interés por la reunión.

A continuación intervino Miorita Ulrich, de la Universidad de Bemberg, en Alemnia, que se congratuló por la numerosa asistencia. Por su parte, Manuel Aguiar e Silva afirmó que este congreso era decisivo para el porvenir de la lengua, patrimonio común, en Galicia, Brasil y Portugal. «É un capital simbólico que nos une das diferencias provocadas polas circunstancias históricas e políticas», dijo. Aguira hizo votos para un trabajo común entre la Universidad de Vigo y la de Minho (Portugal).

El profesor brasileño Silvio Elia, de la Universidad Fluminense de Río de Janeiro, afirmó que era un momento de aproximación de los pueblos: «todos somos partícipes da mesma cidadanía lusogalega, pois todos somos lusogalegos falantes», dijo.

Entre los asistentes se encuentran lingüístas tan famosos como Dieter Woll, de la universidad alemana de Marburg; Eugenio Coseriu o Bernard Pottier de la Sorbona.

El congreso se ha planteado como un foro de debate e intercambio de ideas sobre los problemas actuales y el futuro lingüístico.

Viernes 29 de octubre de 1993

Escritor y especialista en sociología política

Sergio Salvi: "El proyecto de Unión Europea está destinado al fracaso"

El escritor y especialista en sociología política Sergio Salvi, de 61 años, es autor de numerosos trabajos sobre las minorías lingüísticas —o como él prefiere denominarlas "naciones sin Estado"— de Europa. Salvi participa en Vigo en el "IV Congreso Internacional da Lingua Galego-Portuguesa que estos días reúne en el auditorio del Centro Cultural Caixavigo a prestigiosos lingüistas europeos.

JULIO BERNARDO
VIGO

Los derechos de las minorías lingüísticas de los pueblos sin Estado son una constante en la producción de este sociólogo y escritor nacido en Florencia en 1932. "Las naciones prohibidas" (1973) —una descripción de llamada "Europa de los pueblos—; "Las lenguas cercenadas" (1975) —que detalla la situación de las minorías lingüísticas en Italia— o el más reciente "La Desunión Soviética" (1990) —que aborda el problema de las nacionalidades no rusas de la URSS— son algunas de sus obras más conocidas.

—Cómo se defienden las lenguas minoritarias de las agresiones de las llamadas lenguas oficiales?

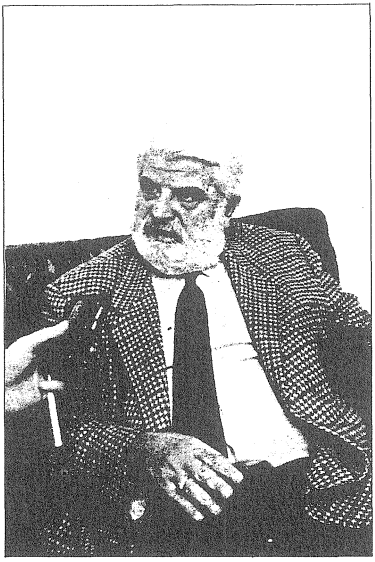
—El término lengua minoritaria está anticuado ya que se refiere a un concepto de mayoría y minonria que no es correcto ni democrático, por lo que yo prefiero denominarlas lenguas de naciones sin Estado. Una vez aclarado esto, debo decir la mejor defensa que pueden tener estas lenguas es convertirse en lenguas de Estado. Esto puede conseguirse de dos formas: o bien que la nación sin Estado se independice o que estas lenguas adquieran un rango de cooficialidad en el Estado en el que están integradas. Esta cooficialidad debe ser en igualdad de condiciones.

—Cree que las políticas de normalización lingüística se vienen desarrollando son satisfactorias o bien se podría hacer mucho más de lo que se está haciendo en la actualidad

—Yo creo que son muy poco satisfactorias. Le pondré un ejemplo de España. Una misma lengua como es el catalán tiene tres políticas lingüísticas diferentes: una en Cataluña otra en Valencia y otra en Baleares. Esta diversificación de políticas lingüísticas no puede ser en ningún caso beneficiosa. Como este le podría poner otros ejemplos con otros tantos idiomas.

—¿Qué futuro les espera a estas lenguas en un Estado multinacional europeo si es que alguna vez se consigue la unión política de los países que integran hoy la CE?

—Estoy convencido de que el actual proyecto de conseguir una unión o federación europea está avocado al fracaso. El Tratado de Maastrich ha fracasado completamente. La enorme crisis económica y la crisis política impedirán al menos a corto plazo la Unión Europea. Por otra parte, yo creo que el retorno al primer plano de los nacionalismos, tras la desintegración del imperio soviético y la conquista de la independencia de las repúblicas no rusas de la URSS, la división de Checoslovaquia en la República Checa y Eslovaquia, la cruenta partición de Yugoslavia en tres Estados étnicos y otros factores como federalización del Estado belga suponen una redefinición del mapa de Europa suponen una involución que redistribuirá el mapa de Euoropa agudizando aún más las fronteras. Y cuando hablo de fronteras me refiero no sólo a las fronteras externas sino también las fronteras internas ya que las divisiones de las regiones de los Estados son generalmente divisiones arbitrarias y basada en criterios de tipo histórico y dinástico que, por norma general, no reconocen las diferencias de las nacionalildades.



MAGAR

Sergio Salvi.

Às 11,30 tinha lugar a *9.ª sessom,* presidida polo prof. D. José A. Souto, e na qual apresentárom as suas ponências os Doutores Andrea Chiti-Batelli e Sérgio Salvi. Foi umha das sessons que mais colóquio levantou. Às 16,30 celebrava-se a *10.ª sessom,* presidida polo Prof. Doutor Gladstone Chaves de Melo e na qual oferecerom as suas ponências o Prof. Doutor Stephen Reckert e a Profa. D. M.ª Joao Marçalo.

Às 18,30 horas celebrava-se a *11.ª sessom,* presidida polo Prof. Doutor Briand Head, com as ponências dos Professores Doutor José L. Álvarez Enparantza, o Prof. D. Josep Maria Artigall e a leitura da comunicaçom do Prof. D. Xavier Vilhar Trilho.

Às 20 horas celebrava-se a segunda *Mesa-Redonda,* em que colaborava a «Academie Internationale de Droits Llinguistiques», sob o título «Os direitos lingüísticos». Presidia o Doutor Yvo JD Peeters e contou com a participaçom do Prof. Doutor José Luís Álvarez Enparantza, o Prof. Doutor Jaume Corbera, a Profa. Maria Lluïsa Pazos, D. Nemésio Barxa e a colaboraçom para esclarecer traços lingüísticos do Prof. Doutor Stephen Reckert. Foi, talvez, umha das sessons que mais debate suscitou. Todos os participantes na mesa e os membros do numeroso público coincidírom nas dificuldades existentes em diversas comunidades e em pôr de releve como se estám a agredir os direitos lingüísticos dos cidadaos europeus, sem que se veja actuaçom por parte dos governos dos Estados e mesmo de governos autonómicos por defender, nem tam sequer, o que se contempla na legislaçom.

O dia 31 de Outubro celebrava-se a *12.ª sessom,* às 9 da manhá, presidida polo Prof. Doutor Manuel Gonçález Pinheiro, com a participaçom da Profa. D. Inmaculada Báez, o Prof. Doutor Jaume Corbera, o Prof. Doutor Garcia Miguel, o Prof. D. Xavier Gómez Guinovart e a Profa. Doutora Maria do Carmo Henríquez. Às 11,30 tinha lugar a *13.ª sessom,* presidida polo Doutor Sérgio Salvi e a participaçom do Prof. Doutor Antoni Ferrando, a Profa. M.ª Lluïsa Pazos e o Doutor Yvo JD Peeters.

Às 16,30, presidida pola Professora Doutora Maria do Carmo Henríquez, celebrava-se a *14.ª sessom,* na qual intervinham o Prof. Doutor Evanildo Bechara e a Profa. D. Cláudia T.G. Lemos. Às 18,30 celebrava-se a *15.ª sessom* em que apresentárom as suas ponências o Prof. Doutor Xavier Isasi e o eurodeputado D. José Posada.

O dia 1 de Novembro procedeia-se a encerrar o IV Congresso com a entrega de diplomas.

Nas Actas, em que já estám a trabalhar umha equipa de pessoas, os leitores da revista *Agália* poderám conhecer mais temas e informaçom deste *IV Congresso* que em cada ocasiom acrescenta o éxito científico, académico e de convívio entre estudiosos, professores, investigadores e estudantes procedentes de países europeus e da América.

PUBLICAÇONS RECEBIDAS E DE INTERESSE

Pedro Baptista. *Sporá.* Edições Afrontamento, Porto, 1993, 216 páginas. Romance ilustrado por Ariosto Madureira.

Conselho Regulador «Orujo de Galicia». *Actas da Jornada Técnica sobre a Aguardente,* (Ourense, 28-11-92), Ourense, 1993, 138 páginas. Volume que recolhe as comunicaçons do caso (quatro em total, duas em espanhol, umha em italiano, umha em português) e a mesa redonda celebrada com esse ensejo, sendo de salientar o galego-português (norma AGAL) utilizado nos textos gerais.

Alessandro dell'Aira. *O Macho e o Mago.* Ed. Afrontamento, Porto, 1993, 100 páginas. Qualificado polo seu autor italiano de «folhetim em cinco episódios, que procura evocar o espírito do método científico».

Gustavo Luca de Tena. *Noticias de América,* Nigra, Vigo, 1993, 125 páginas. É o relato da grande emigraçom americana na imprensa da Galiza de além-mar.

José Martinho Montero Santalha. *Carvalho Calero e sua obra.* Ed. Laiovento, Compostela, 1993, 312 páginas mais um apêndice gráfico. Obra premiada no II Concurso Carvalho Calero do Concelho de Ferrol, na modalidade de investigaçom lingüístico-literaria, estruturada em duas partes: a vida e a obra.

Zora Neale Hurston. *O seu olhar posto em Deus.* Ed. Laiovento, Compostela, 1993, 202 páginas. Elvira Souto traduz o que alguém considerou «o melhor romance negro da sua época» desta autora ianque.

VV.AA. *Antologia de poesía obscena dos trobadores galegos-portugueses.* Edicións Positivas, Compostela, 1993, 199 páginas. Ediçom, comentários e glossário de Xosé Bieito Arias Freixedo.

VV.AA. *Cancioneiro da Ajuda.* Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1990, 2 volumes. Reimpressom da ediçom de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, de Halle, 1904, belamente apresentada e acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do glossário das cantigas (Revista Lusitana, XXIII).

VV.AA. *Floriram cravos vermelhos.* Espiral Marior, A Corunha, 1993, 165 páginas. Antologia poética de expressom portuguesa em África e Ásia, do maior interesse, realizada por Xosé Luis Garcia (Ver *Agália,* núm. 34).

VV.AA. *VII Xornadas de Historia de Galicia,* Ourense, 1993, 223 páginas. Dirigidas por De Juan & Castro, focárom a «novas fontes: renovadas histórias».

VV.AA. *Congresso Álvaro Cunqueiro. Actas.* Deputaçom de Lugo, 1993, 233 páginas. Actas deste evento, desenvolvido em Modonhedo do 19 ao 21-4-91 e coordenado polos professores A. Herrero, B. Penabade, J. Cordal e R. Raimunde; queremos salientar as comunicaçons em galego-português de Manuel Maria, Raimunde, Xaquín Lôpez, Montero Santalha, Morám, Marco, Cozinha, César Cunqueiro e Yáñez Basanta.

VV.AA. *Simposio Internacional Muller e Cultura.* (Compostela, 27/29-2-92), Universidade de Santiago, 1993, 807 páginas. Baixo a coordenaçom da Profa. Aurora Marco, forom celebradas e recolhidas as comunicaçons de muitíssimo participante, entre o qual nomeamos a Souto Cabo, J. L. Rodríguez, Alvaredo, Reimunde, Joel Gómez, E. Souto, Gil, Rz. Aldrei, Brea, Mz. Espada, Soares Pereira, Dores Rei, Fontenla, Manuel Vidal, Cozinha, Vidal Bouçâo, Mário Herrero, Cabral, Rocha Valente, Lindeza, Carita, Henríquez, Salinas e Quiroga.

VV.AA. *Val de Lemos, colección de poesía galega.* Espiral Maior, A Corunha, 1993, 267 páginas. Compreende os 12 tomos de tida colecçom editada entre 1968 e 1975, de 10 dalguns dos melhores poetas do momento: Manuel Maria (2), Ledo (2), Diêguez, Neira Vilar, Ferreiro, Cabana, Áz. Pousa, Vergara, X. L. García e Graña.

REVISTAS

Mercator. Butlletí del Centre Mercator: Dret i legislació lingüístics. Núms. 6, 7, 8, 9 e 10 (Abril, Junho, Setembro, Outubro e Dezembro/93), recolhendo importante matéria sobre a pro-

blemática legal das línguas em conflito na Europa Ocidental, sendo de salientar, no último número, a sentença do nosso TSJG, de 4-5-93, que *Agália* também recolheu no número anterior.

Xo! A voz que para as bestas. nascida com o outono, esta publicaçom semanal tamanho tabloide, sucesora de *Can sen dono,* aborda o tam necessário como comprometido labor humorístico, tendo como atractivo suplementar o uso freqüente do galego correcto.

Constantinopla. Boletim de língua. Núm. 0, Compostela, Outono-93. Outra publicaçom periódica que nasce com a estaçom e que vem cumprir umha funçom importante na divulgaçom do reintegracionismo 'fora do ghetto' ao se distribuir, gratuitamente, nos meio universitários.

Canhel.R.A. Núm. 1, A Corunha, 1993. Fanzine em português que a equipa *Edral* dirige nomeadamente à mocidade rocheira, tendo um contido marcadamente musical, sem faltar a poesia.

□ □ □

CORREIO

Sucre, Bolivia, 20.12.93

Sr.
J. M. Monterroso D.
A Corunha

Distinguido Sr.:

Tanto su carta del 26 de noviembre como el paquete con el libro de Carvalho Calero *Letras Galegas* han llegado sin tropiezos. Y se las agradezco muy sinceramente, ambas amabilidades...

Aunque había leído este año en Viena (!), hojeando la *Enciclopedia Gallega,* algo del 'cisma' ortográfico en que están metidos ustedes, últimamente he podido leer muchas páginas sobre Carvalho y tengo una idea bastante exacta de lo que anda en juego. Me parece evidente y fuera de discusión que el gallego, como lengua de cultura, sólo tiene algún futuro integrándose en el área lusófona. Y llevando las cosas más allá (probablemente, hoy por hoy, todavía imprudente), cabría preguntarse si Galicia tiene futuro separada de Portugal...

Una pregunta: ¿hasta dónde el galleguismo histórico milita en las filas 'reintegracionistas'? Me refiero, claro está, a Piñeiro, Lorenzana, Fz. del Riego, Paz Andrade, etc.

Le deseo los mejores éxitos en sus investigaciones. Un cordial saludo,

Josep M. Barnadas

* * *

Palavras de compreensom procedentes de um catalám, actual Subdirector do *Archivo y Biblioteca Nacionales* de Bolívia.

Baladas Francesas

DE PAUL FORT

O VENTO EMPURRA-NOS

Morte! o vento ao reder do mundo. Vida! ao redor do mundo rí—Amemo-nos depresa, amemo-nos todos, despidamo-nos, o vento empurra-nos.

Logo, se te arrasta o vento, Morte! e que que as suas franjas varren-te, Vida!—Amemo-nos de presa, amemo-nos todos, despidamo-nos, o vento empurra-nos.

Vida! ti empurra-nos cara a morte. Morte! ti empurra-nos cara a vida--Amemo-nos pois, amemo-nos todos, se e necesario sempre que voltemo nos a ver.

A FOLLA MORTA

¿Lembras-te, amada? Vimos esmorecer-se o día do noso amor en un parque fechado.

Ti, tiñas-me dito adeus con a cabeça apenas, e eu respondin-te con un sorriso.

Uma folla morte, entón voava sobre as nosas almas. Sobre os mouros terros roidos da grade eu tocaba a lyra.

E iso foi todo... Era a hora do crepúsculo, quando o amor vai-se, e vanse as estatuas.

O VENTO DEU A VOLTA AO MUNDO

O vento deu a volta ao mundo, colleo todas as flores da China, as rosas, as malvas, as loiras, a grizes.

O día, a noite—hei aquí o vento por todo o mundo.

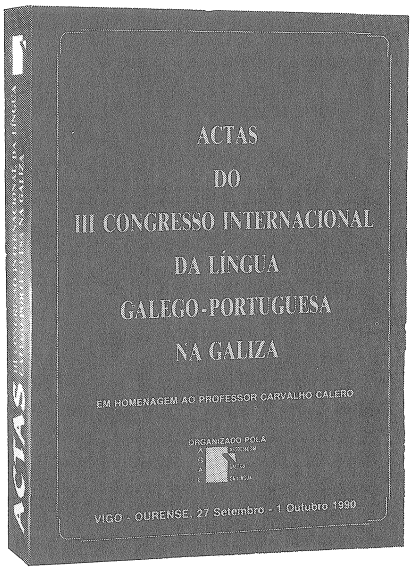
O vento deu a volta ao mundo, colleu todas as follas na França, as secas, as verdes, as amarelas, as brancas. A noite, o día—hei aquí o vento por todo o mundo,

O vento deu a volta ao mundo, colleo todos os fructos de aquí, os rotos, os d'ouro, os mouros tamén.—Nen o día nen a noite—hei é a treboada para os de aquí.

CEBREIRO (traduziu).

Outra volta trazemos um texto desta revista récem-reeditada para mostrar um raro exemplo do desenhador Cebreiro-literato traduzindo do francês para um galego culto ao poeta P. Fort.

NOVIDADES


ACTAS
DO
III CONGRESSO INTERNACIONAL
DA LÍNGUA
GALEGO-PORTUGUESA
NA GALIZA
EM HOMENAGEM AO PROFESSOR CARVALHO CALERO
ORGANIZADO POLA
VIGO - OURENSE, 27 Setembro - 1 Outubro 1990

ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA
O uso das línguas
na perspectiva
da Europa Comunitária
Hizkuntzen erabilera
Europar batasunari begira
L'ús de les llengües
en la perspectiva
de l'Europa Comunitària

Ernesto Guerra da Cal
LUA
DE ALÉM-MAR
RIO DE SONHO
E TEMPO

RECENSONS

RELATÓRIOS DE EMIGRANTES, VELHOS E SAÚDE

Joám M. ARAÚJO

É um lugar comum o concordar na carência de estudos e dados a respeito da nossa realidade. Em numerosas ocasions fala-se e aventura-se sobre assuntos de enorme transcedência para a nossa História baseando-se em informes pouco fiavéis ou com referências nom exactas, repetidas umha e outra vez. Mas nota-se a ausência de trabalhos bem alicerçados, cujas interpretaçons assentem em questons concretas, com fontes claras e comprovaçons fidedignas, sem dados a entender nem suposiçons.

Na Galiza actual algo se tem avançado e vamos vendo publicaçons de ensaios que ajudam a dessentranhar esse passado para podermos entender o presente e pormo-nos o futuro com mais claridade. Nom som tantos como seria de almejar, mas suponhem um início, sempre bom, e já se sabe que o caminho se confirma ao andar.

Três dessas ediçons, com abundantes dados, som o objectivo desta recensom. Trata-se de umha tríada de volumes, aparecidos nos últimos meses, nos quais se mergulha sobre questons em verdade bem interessantes e actuais: a emigraçom, os mais velhos e a saúde.

«A EMIGRAÇOM»

Os quatro autores do informe sobre a emigraçom (1) som funcionários da Administraçom Autonómica e advertem no princípio que «O presente documento ten carácter de informe técnico baseado en datos secundarios que, a pesar da ampla bibliografia consultada, non se referían máis que tanxencialmente á problemática na que se centra o mesmo. En ocasións a ausencia total ou a precariedade de datos facíase insuperable e houbo que recorrer a estimación aproximativas. Faise necesario, en calquera caso, un estudio rigoroso en determinados países, especialmente aqueles, americanos, onde o deterioro social conducíu ó empobrecimento de importantes grupos de emigrantes de idades avanzadas, de xeito que se poida delimitar e cuantifica-lo grao e diversidade da necesidade social das comunidades galegas no exterior».

Eis, pois, un reconhecimento iniciático do que nom se trata no volume. Num cento de páginas, parte das quais se destinam a dar conta de normativas internacionais, das Comunidades Europeias e do Estado que atingem os emigrantes, elabora-se umha visom bastante epidérmica. Aliás, nas questons mais complexas e conflitivas, os autores escudam-se em outros estudiosos, polo que os seus contributos novidosos, de os houver, estám mais que dissimulados.

Como amostra, à análise das causas da emigraçom galega, o texto dedica duas únicas páginas (a 11 e a 12), a citaçons de trabalhos de Vicente Risco, Carlos Sixirei Paredes,

(1) GONZÁLEZ TORRES, Manuel, et alli: *A emigración galega*. Ed. Xunta de Galicia. Compostela, 1992.

José R. Barreiro Fernández e Joaquim Rodríguez Campos. Ainda bem que, na visom desta tragédia histórica da nossa naçom, os autores mantenhem, isso sim «sin pretender ningún reduccionismo», que «os factores determinantes de éxodos masivos, do volume acadado en Galicia nos tres últimos séculos só se poden explicar desde a perspectiva das categorías socio-estructurais como a necesidade, a miseria ou desequilibrios e, en xeral, o conxunto de factores que integran o 'push' e que provocan a expulsión da propia terra».

No segundo dos capítulos dedicam-se dez páginas a «A evolución histórica da emigración galega. Fases e ciclos». Talvez seja esta a parte mais interessante deste trabalho introdutório. Inclui dados do número de emigrantes de cada província desde 1887 a 1970 e compara com o volume de emigrantes do total de Espanha. Aí estám pormenorizados quase 1.350.000 galegos emigrados em menos de um século. Os autores advertem que som dados oficiais e que «a emigración clandestina restará validez ás cifras da estatística oficial que comeza no ano 1882». E tais dados, som, pois, «referencia á baixa nas estimacións realizadas en calquera aproximación histórica ó fenómeno que nos ocupa».

Complementam-se as citadas cifras com os 325.000 emigrados dentre 1853 e 1882, segundo as estimaçons de López Taboada; os 80.000 estabelecidos em diferentes localidades de Portugal a fins do XVIII segundo os cálculos de Meijide Pardo, e outros centos de milhares, até superar os dous milhons de galegos afectados por esse exílio económico-social que é a emigraçom.

Acham-se nas páginas deste volume hipóteses, informaçons e interpretaçons exentos de originalidade e, em certas passagens, parece que a emigraçom fosse «algo natural». Há referências ao impacto demográfico no país, à solidariedade dos desterrados em favor da construçom e dignificaçom nacional galega, e dedicam-se quatro páginas (45-49) para falar da «problemática especial do emigrante americano na actualidade». Nas «Conclusións» proponhem instar ao «Goberno Central» (o Autonómico, já se sabe, nom tem a culpa de nada e muito menos meios para intervir!) de que tome medidas para solucionar problemas dos emigrantes. Também se citam iniciativas sociais embora, isso sim, nom se mencione para nada a necessidade de políticas de emprego e criaçom de riqueza que possibilitem a quem ainda estám no estrangeiro o poder regressar dignamente.

Isso, a actuaçom da Junta nos últimos anos assim o demonstra, nom interessa para nada. O emigrante é objecto desde a Administraçon galega de um tratamento paternalista, folclórico e no melhor dos casos de resignaçom, cujo maior interesse é que podam votar, em especial ao poder. Os seus problemas, dificuldades e misérias historicamente nom interessárom. E hoje menos.

Claro que, para um informe oficial, a abordagem dessas questons seria talvez demasiado.

«VELHOS CENTENÁRIOS»

O psiquiatra compostelano Fraiz Calvo realiza um exaustivo estudo dos centenários galegos (2). Trata-se de um trabalho em verdade original, e nom só desde o ponto de vista galego. Como se nos adverte, até o presente «en España non se levou a cabo unha investigación sobre este grupo de poboación», por mais que noutros Estados, como França, os EUA, Hungria, Suécia ou Japom si indaguem sobre o assunto. Trás pesquisar entre 1986 e 1991 detectou 398 (89 varons e 309 mulheres) residentes na Galiza que superárom os cem anos, e deles estudou 386, com 157 entrevistados vivos. Nas páginas 144-149 do volume inclui umha tabela com o nome e idades destas personagens, quem oscilam entre os 100 e 110 anos.

O autor fez umha introduçom e relata mitos, lendas e consideraçons em redor dos centenários. Do resultado das suas pesquisas conclui que de cada cem mil galegos vivos, um promédio de 15,5 atingem o século de vida. A distribuiçom geográfica por províncias, comarcas e concelhos, assim como por núcleos rurais e urbanos (o 86% nascerom no rural), estado civil (o 76% som viúvos), nível de estudos (um 47% de analfabetos); empregos que desempenhárom (o 67%, agricultores), tempo trabalhado (o 76% começarom antes dos 10

(2) FRAIZ CALVO, Xesús: *A poboación centenaria de Galicia.* Ed. Xunta de Galicia-Universidade de Santiago de Compostela. Compostela, 1993.

anos), idade do retiro laboral (só o 10% o fizo aos 65 anos), convivência (o 92% moravam com a família e o 98% declarárom sentirem-se aceptados e integrados nela), condiçons da vivenda, alimentaçom, matrimónio, número de filhos, lugar que ocupam entre os irmaos, emigraçom, viagens, idioma, hábitos vitais, tempo de lazer, crenças religiosas, sono, constituiçom física, estado sensorial, intervençons cirúrgicas a que fôrom submetidos, estado neuro-psicológico (atençom e memória, deterioro cognitivo, demências, autonomia pessoal e outras informaçons, entre as quais se conclui que o 55% nom apresentam deterioro psíquico)... som dados que se fornecem, pormenorizados e com conclusons.

No referente à língua, assinala-se que das entrevistas realizadas no rural, absolutamente todas se responderom em galego; e só 48 de 386 centenários utilizavam o espanhol.

Na parte final do volume dedicam-se um centenar de páginas a biografias e anedotas destas singulares personagens. Quase cinqüenta relatam vivências, lembram cantigas e praticamente todos saen fotografados. Este trabalho foi coordenado pola psicóloga Maria Balsa Mansilla. É umha parte desigual, pois ao pé de histórias bem trabalhadas e apresentadas com enorme atractivo, outras aparecem mais frouxas.

Em definitivo, um volume de interesse, que se lê com curiosidade e do qual se agradece o bom e generoso trabalho dos autores.

«A SAÚDE»

Em Dezembro de 1991 apareceu este volume (3), no qual se avalia o estado de saúde dos galegos a respeito dos objectivos «Saúde para todos no ano 2000» promovidos pola Organizaçom Mundial da Saúde (OMS).

O primeiro que há de ser dito é que nom resulta precisamente habitual que se editem trabalhos deste estilo fóra da Galiza.

Os objectivos da OMS para o ano 2000 redactárom-se na reuniom de Alma Ata de 1978. O principal que se persegue com eles é lograr o máximo estado de saúde possível para todos os cidadaos.

As discapacidades, acidentes laborais, doenças de declaraçom obrigatória (tuberculose, hepatite vírica, tosferina, sífiles, infeçons gonocócicas e SIDA), trastornos crónicos tratados en centros hospitálarios, carie dental, esperança de vida, causas de mortalidade e de mais anos de vida potencialmente perdidos, mortalidade infantil, cancro, acidentes de tránsito, traumatismos, dotaçom de serviços (infantário, trabalhadores sociais, níveis de instruçom), tabaquismo, alcoolismo, nutriçom, homicídios, drogodepedências, serviços da vivendas (água, etc,), modernizaçom da assistência primária, quadros de pessoal de trabalhadores sanitários, freqüentaçom das consultas médicas, gasto e equipamentos assitenciais (camas hospitalárias e demais recursos), vacinçons, maternidade precoce... som questons que se analisam, con dados, estatísticas, comparaçons por províncias e com o resto do Estado.

Afinal, conclusons e cinco importantes propostas: mudar políticas de saúde que na Galiza demonstrárom ser até agora «insuficientes e ineficaces»; reorientar e melhorar a política de investigaçom, pois os recursos dedicados até agora forom «insignificantes»; melhorar os níveis administrativos e gestores do sistema, pois as decisons tomárom-se fóra da Galiza «sin tener en cuenta las peculiaridades poblacionales, geográficas o socioeconómicas de nuestra población y la mayoría de los cuadros administrativos carecen del nivel de cualificación imprescindible»; modernizar e actualizar os sistemas de informaçom sanitária; e, finalmente, indicam que «es necesaria una política de desarrollo del personal sanitario, actualmente inexistente».

Importante trabalho, em definitivo, para conhecer a nossa realidade de assistência sanitária e necessidades, embora haja que criticar que alguns dos dados fornecidos som mais velhos do que seria de desejar e cumpria actualizá-los. A maioria das estatísticas estám baseadas na década de 80. Ainda que, todo o há que dizer, nom há muito mais actual na maior parte dos temas indagados. Talvez porque a investigaçom desde aqui até agora seja mui escassa.

---

(3) MARTIN GARCIA, Manuel, et alli: *Evaluación del desarrollo en Galicia de la estrategia «Salud para todos en el año 2000»*. Ed. Federación de Asociaciones para la Defensa de la Sanidad Pública. Madrid, 1991.

«DIALECTOLOXÍA DA LINGUA GALEGA», UM CONTRIBUTO ISOLACIONISTA AO REINTEGRACIONISMO LINGÜÍSTICO

José Manuel BARBOSA

Desde o ano 1990, na sua primeira ediçom, e do 1991 na segunda «Edicións Xerais de Galicia» tem publicado o livro de Francisco Fernández Rei, auto-qualificado como «un dos máis serios e documentados estudiosos do noso idioma», intitulado *Dialectoloxía da lingua galega,* dentro da colecçom «Universitaria».

O livro divide-se em duas grandes secçons: «Caracterización dialectal da lingua galega» e «Dous fenómenos dialectais característicos. Gheada e seseo». Dentro da primeira secçom podemos distinguir quatro pontos: 1) «Límites do galego co leonés e co portugués»; 2) «Historia das variantes diatópicas»; 3) «Fenómenos lingüísticos caracterizadores de falas galegas» e 4) «Mapa dialectal do galego actual». Dentro da segunda secçom distinguimos outros dous pontos: 1) «Gheada» e 2) «Seseo».

A primeira secçom começa com umha pequena introduçom na qual o autor afirma categoricamente:

«Na actualidade, desde o punto de vista estrictamente lingüístico, ás dúas marxes do Miño *fálase un mesmo idioma* (a cursiva é nossa), pois os dialectos miñotos e transmontanos son unha continuación dos falares galegos, cos que comparten trazos comúns que os diferencian do Centro e Sur de Portugal; pero no plano da lingua común, e desde unha perspectiva sociolingüística, hai no Occidente peninsular dúas linguas modernas, con diferencias fonéticas, morfosintácticas e léxicas, que poden non impedi-la intercomprensión ó existir un bilingüismo inherente entre o galego e o português, semellante ó existente entre o catalán e o occitano, o danés e o noruegués, o eslovaco e o checo, o feroés e o islandés».

Continua esta secçom marcando o autor os «límites do galego co leonés e co portugués», tentando buscar algumha issoglosa polo Minho da mesma categoria do que a do Návia, julgamos que com pouco acerto e pouca credibilidade.

O segundo ponto dentro da primeira secçom, «Historia das variedades diatópicas» apresenta a divisom em dialectos e subdialectos, áreas, blocos e modalidades do galego, salientando as características próprias de cada um deles.

O terceiro ponto, «Fenómenos lingüísticos caracterizadores de falas galegas» salienta os traços relevantes como a palatalizaçom, timbre, nasalizaçom, rotacismo, resultados de determinadas formas latinas, alternáncias, distribuiçom de umhas ou outras formas lexicais, etc.

O quarto ponto oferece, segundo o posicionamento do autor, o «Mapa dialectal do galego actual» com cada umha das zonas, blocos e áreas, com o seu nome, limites e issoglosas.

A segunda secçom intitulada «Dous fenómenos dialectais característicos: Gheada e seseo», centra-se fundamentalmente nos dous assuntos citados no título. No primeiro reflexiona sobre a geografia da gheada fazendo a seguir umhas consideraçons sobre a mesma, relativas a incultura ou nom relativas ao seu uso e finaliza tentando enumerar teorias sobre a origem do fenómeno. Cumpre comentar que os livros de texto das escolas, aconselham o uso da gheada como fenómeno próprio do galego, chegando a comparar o autor do livro este fenómeno com a «gorgia» toscana.

A respeito do «Seseo» o autor expom o conceito deste fenómeno, as diferentes classes de sesseio, a geografia do mesmo, a lexicografia e a gramática em relaçom ao sesseio, o sesseio na literatura e finalmente tenta dar-lhe umha explicaçom à origem dos actuais sistemas de sesseio.

Entrando já numha valorizaçom do livro, do ponto de vista crítico, parece-nos próprio de sofistas o facto de manifestar que nas duas ribeiras do Minho se fala um mesmo idioma «desde o punto estrictamente lingüístico», e dizer, a seguir que «hai no actual occidente

peninsular dúas linguas modernas» embora seja «no plano da lingua común (sic)» e desde «unha perspectiva sociolingüística» pois é sabido que a língua comum e a situaçom sociolingüística vam para onde as levam os dirigentes políticos e sociais do país em questom. A separaçom ou reintegraçom dependem unicamente da vontade bem intencionada ou nom dos guias desta Terra. Independentemente da consideraçom positiva ou negativa de umha ou outra opçom nom se pode considerar o caso galego-português parecido ou semelhante aos dos exemplos citados polo autor, pois em nengum deles tem influenciado a contaminaçom de umha língua estrangeira. Segundo tem manifestado Yvo JD Peeters, o caso galego poderia ter a sua similitude com o caso sardo e a sua soluçom com o caso flamengo que curiosamente silencia ou intencionalmente nom menciona Francisco Fernández Rei.

A respeito dos limites do galego com as outras falas, o autor nom tem em conta os contributos da Dialectologia portuguesa, nem os pressupostos de A. Zamora Vicente ou R. Menéndez Pidal ou as teses de E. Coseriu quando diz que a única issoglosa existente entre os falares galegos e portugueses é o das sibilantes.

Nom deixa de ser surpreendente que o autor tire conclusons como as citadas, máxime quando em todo o segundo e terceiro ponto da primeira secçom nos fai ver a unidade lingüística real entre a Galiza e Portugal enquanto fenómenos lingüísticos próprios de certas áreas ou blocos que nom som contemplados dentro da «Normativa», sacrificados, sendo genuinamente galegos, em benefício de formas autenticamente espanholas e de fácil demonstraçom como tais.

Finalizemos dizendo que o presente livro é de grande ajuda para a reafirmaçom dos postulados defendidos polo reintegracionismo e da invalidez de umha filosofia errada, pseudocientífica, inviável e letal para a língua nacional dos galegos.

POESIA DE REI: TRÊS NOTAS DIONISINAS (*)

Sílvio ELIA

1. As três notas dionisinas, isto é, referentes a cantigas de el-rei D. Dinis, são as seguintes: *Tradição manuscrita e isometria, A mula de Joan Bolo* e *Praga por praga. Tradição manuscrita e isometria* traz o subtítulo «Notas problemáticas acerca da cantiga *Non sei como me salv'a mia senhor»; A mula de Joan Bolo* consta da análise de três cantigas: *Joan Bolo jouv'en a pousada, De Joan Bol'and'eu maravilhado* e *Joan Bol'anda mal desbaratado; Praga por praga* estuda a cantiga *Disse-m'oj'un cavaleiro.*

Precede as *Três notas dionisinas* uma Apresentação, Siglas e citações abreviadas, e Critérios de edição e de transcrição gráfica. Na parte final, vem um Índice das palavras e expressões comentadas nas notas (que acompanham os textos de cada cantiga).

2. *Non sei como me salv'a mia senhor* é uma cantiga de amor, com refrão, composta de três cobras e uma finda, em decassílabos agudos. Há dois versos hipométricos, dos quais um pertence à finda. A Profa. Elsa Gonçalves (EG) preferiu manter a hipometria, realmente a melhor opção. Assim justifica a sua decisão para o primeiro verso, linha 15 («Se mha sa grã ventura nõ val»):

> Conjetura por conjetura [as conjeturas a que se refere são as de Lang e Nunes], preferimos conjeturar que a lição originária fosse a que transmitem os três códices e que as nove sílabas contadas se tornassem dez quando o verso fosse interpretado musicalmente. (32)

O verso da finda é o seguinte: «Se o juízo passar assi». Lang, seguido por Nunes, propôs a leitura «E se o juízo». Pondera, contudo, a Profa. EG:

> A semântica do texto também não exige a restituição da copulativa: o teor conclusivo da finda, que, aliás, apresenta uma certa autonomia em relação à última cobla, e o tom exclamativo do último verso resultam até mais fortes, se a oração condicional for introduzida pela conjunção subordinativa. (33)

O esquema rimático é o seguinte: abbacc. A finda, **cc,** apresenta rima de vogal oral com vogal nasal: **assi-mi.**

Conheciam-se da cantiga dois mss.: o da Biblioteca Nacional (B) e o da Vaticana (V). A esses ajunta-se agora um terceiro, descoberto em Julho de 1990 pelo Prof. Harvey L. Sharrer, da Universidade de Califórnia. Encontrou o professor ao consultar alguns documentos guardados no Arquivo da Torre do Tombo (daí a letra T escolhida pela profa. Elsa Gonçalves). Envolvia, como capa, um conjunto de documentos notariais, o que explica o seu péssimo estado de conservação: buracos, mutilações, apagamentos (22). A editora escolheu a cantiga «Non sei como me salv'a mia senhor», dentre as sete que se encontram no fólio pergaminháceo, por ser a conservada em melhor estado (7). Dos três mss. julga a Profa. E. Gonçalves T o mais antigo. E a razão no-la dá na p. 19:

> A consulta que dele fizemos em Julho-Agosto de 1991, com a finalidade imediata de fixar criticamente o texto da cantiga **Non sei como me salv'a mia senhor,** e as informações verbais que o Professor Sharrer teve a amabilidade de nos antecipar, não deixam dúvidas de que estamos perante um testemunho antigo, provavelmente contemporâneo de D. Denis.

Esta primeira cantiga teve, pois, o seu texto crítico estabelecido na base do confronto de seus três manuscritos. T poderia ter sido o texto-base, não fora o estado precário em que se encontra. Sobre o texto fixado pela Profa. Gonçalves, pequenas observações.

---

* GONÇALVES, Elsa (1991). *Poesia de Rei: três notas dionisinas,* Lisboa, Cosmos, 79 p.

1 — V. 3. **ca par deus non ei como massalvar**

Leitura de Lang: **ca par deus non ei como m'a salvar.** Leitura de D. Carolina Michaëlis: **m'assalvar.** Nunes acompanhou a correção a Lang de D. Carolina, mas leu **[s]ey** por **ei,** o que a professora EG não aceita, e com razão, pois alteraria o verdadeiro sentido do verso. Leitura da Profa. E. Gonçalves: **ca, par Deus, non ei como m'assalvar.**

O verbo **salvar-se** tem o sentido jurídico de «justificar-se», «inocentar-se», e então o verso quereria dizer: «porque, por Deus, não tenho como me justificar [perante a mia senhor]». Fica, entretanto, a dificuldade de admitir a existência de um verbo **assalvar,** pelo modelo de outros, como **aguisar, acomendar, amesurar.**

Submeto, por isso, à competência da Profa. Elsa Gonçalves uma terceira leitura: **ca par deus non ei como m'a salvar.** Interpretaria nesse caso **a** como **ha,** verbo **haver,** e **a salvar** equivaleria **salvará.** O sujeito passaria a ser a «mia senhor» ofendida e o sentido se tornaria «não hei (não imagino) como a mia senhor me salvará (poderá justificar-me)».

Teríamos de admitir a colocação do auxiliar **haver** antes do verbo principal. Sabemos que o nosso futuro imperfeito é considerado uma criação românica, resultante da fusão do infinitivo do verbo principal com as flexões de **habere,** tipo **cantare habeo** ou **habeo cantare,** construções que têm o seu ponto de partida no próprio latim clássico (**tantum habeo tibi polliceri,** Cic., **Ad Famil.,** I, 5). Depois fixou-se a colocação do tipo **cantare habeo,** com **habere** posposto ao verbo principal, de onde as flexões românicas. Mas, durante algum tempo, não se perdeu de todo a consciência da composição, principalmente em espanhol e, mais particularmente ainda, no português, que até hoje permite a interposição do pronome átono completo: **ver-te-ei** (e não *verei-te). No ptg. arc. o auxiliar **haver** podia destacar-se do infinitivo e precedê-lo, como nestes exs. que colho em Nunes, **Crest.,** 1943: CIV: **non has tu entrar en ela** (Col. Inéd. Port., II, 166) e **ei morte mais d'outra rem desejar** (Vat., n.º 210). O uso da preposição deve ser posterior.

Cabe para aqui trazer um verso de Martin Moya, na ed. de Stegagno Picchio, da cantiga n.º II, p. 109. É o seguinte: **se lhes há a privança muyt'a durar.** Mas em B e V o que se lê é: «Se lhes ha a privança muito durar». Stegagno Picchio corrigiu **muyto** para **muyt's** e justifica a alteração dizendo «che non mi risulta documentata una construz. del futuro di necessità senza prep.» (116). Todavia parece-me sutil essa diferenciação semântica no emprego do futuro. Por isso penso que se pode manter o verso inalterado, entendendo-se **ha durar** como **ha de durar.** O que viria reforçar a minha hipótese de **a salvar** como **a de salvar.**

O 2.º verso do refrão está assim em V: «Sen mandado ir ea non vir». E em B: «Sen seu mandado hir ea non vir». Leitura da Profa. Elsa Gonçalves: «sen seu mandad'oir e a non vi». No fólio mutilado T, leu também **ir** (**yr**) a Profa. E. Gonçalves.

Apesar do testemunho concordante dos três manuscritos, **(vir** (**uir, uyr**), a Profa. EG optou pela leitura **vi** a fim de rimar com **guareci.** E diz: «É claro que nem a sintaxe, nem o esquema rímico, aconselham o respeito pelo testemunho concorde dos três manuscritos» (30). E, ná página seginte: «Para explicar o erro —...— podemos pensar num fenômeno mecânico de substituição de uma terminação **i** por atração de outra vizinha **ir** (de **oir**):». De fato, o que temos nos Cancioneiros é **ir** (grafado **hir,** com **h**) e não **oir.** Contudo a assonância é a mesma. Mas a atração podia ser também acústica, o que justificaria a rima assonância **guareci/vir.** Como quer que seja, penso que o testemunho tríplice deve ser respeitado, por mais **difficilior** que seja a **lectio.**

Note-se que o mal sem perdão cometido pelo trovador, o «torto tão descomunal», foi ter guarecido longo tempo («tamanho tempo há») sem qualquer contato com sua senhor; portanto sem **ir** nem **vir** mandado. O que é preciso é casar a sintaxe com a semântica.

Seu **mandado hir** em V por **Sen seu mandado hir,** em B, deve ser realmente um erro de haplografia.

3. As três cantigas de escárnio que têm por centro a figura de Joan Bolo giram em torno dos percalços trazidos à sua vida por causa de uma mula. Ou, para repetir a Profa. E. Gonçalves:

> na primeira [cantiga], Joan Bolo é acusado de ter roubado uma mula; na segunda, é escarnecido por ter trocado o seu belo rocim por uma mula rebelde; na ter-

ceira, é ridicularizado por se ter deixado roubar por um criado, que lhe levou o rocim, deixando-lhe a mula. (37)

Rodrigues Lapa julgou as três cantigas «pilhérias inocentes». Essa opinião tem sido partilhada pelas antologias que acolheram alguns dos referidos textos (37). Contudo, para a Profa. Gonçalves, «O carácter jocoso das três cantigas é inegável; mas a inocência do jogo talvez não seja tanto como parece» (38). Em conseqüência põe as seguintes questões:

> A mula que Joan Bolo **tragia negada** seria, de fato, o quadrúpede que os dicionários definem como «filha de burro e égua»? E o rocim de que Joan Bolo **avia gran sabor** seria mesmo um «cavalo pequeno»? Ou não estaremos antes perante uma linguagem figurada em que o tema da mula e do rocim veiculam um sentido translato? (39)

Como sabemos desde a **Arte de trovas,** «cantigas d'**escarneo** som aquelas que os trobadores fazem querendo dizer mal d'alguem en elas, e dizem lho palavras cubertas que ajam dous entendimentos pera lhe lo entenderem ligeiramente». Aqui, para a Profa. E. Gonçalves, o que está «encuberto» é a pederastia de Joan Bolo.

A leitura objetiva do texto realmente não traz dificuldades, e a editora esclareceu o que precisava ser esclarecido. Maestre Reinel era médico, ou melhor, veterinário, ou ambas as coisas. No caso de ser médico, não seria uma insinuação de que **mula** estivesse sendo usado com sentido translato? **Cerro** como variante de **cirro** é interpretação plausível. As correções de Lang aos versos 20-21 são, de fato, bem aceitáveis. Interessante a construção **qual juiz quer** correspondente à atual **qualquer juiz.** Note-se o pl. **quaisquer.**

4. O texto da segunda cantiga, **De Joan Bol'and'eu maravilhado,** em que se satiriza a troca de um rocim **belo e loução** por uma mula **mal manhada,** parece realmente estar entremeado de segundas intenções.

Pastor, como subst., no sentido de «zagal», como faz Lang, não é de aceitar, mormente achando-se a palavra modificada por um adv. (tão). A Profa. Gonçalves atribuiu ao termo o sentido de «jovem» (**tão jovem,** 54, v. 2), no que acompanhou a D. Carolina (**Golss.,** 64).

Prefere E.G. ligar **ledo** a **pastor** (**ome tam pastor e ledo**), enquanto **ligeiro** seria epíteto de **cavalgador.** Parece-me, porém, que tanto **ledo** quanto **ligeiro** se prendem a **cavalgador** «e led'e ligeiro cavalgador»; **e... e** têm o sentido aditivo do francês **et... et,** sem esquecermos o latim.

No ms. o que ocorre é **louçano** rimando com **vilão.** Em **Codax,** s/v SANO, escreve Celso Cunha: «Como **irmana, sano** era arcaísmo de emprego exclusivamente poético, pois ao tempo o '**n-** já perdera o seu valor fonêmico». Posteriormente, em **Estudos de poética trovadoresca,** ao se ocupar de «Rima de vogal oral com vogal nasal», contestando parecer do Prof. Rodrigues Lapa (que depois preferiu seguir CC.), assim se expressou:

> Afigura-se-nos lícito inferir exatamente o contrário, mesmo em relação às vogais tônicas de palavras como **louçana, sano, pino,** etc. —tidas como arcaísmos ou adaptações melódicas peculiares ao gênero—, porque, ainda que não possuíssem nasalidade de origem, é de crer que cedo viessem a adquiri-la por influência das formas normais **lauçãa, são, pio,** etc., sempre presentes no espírito dos trovadores, que delas se utilizavam, sistematicamente, nas cantigas de textura erudita e que, vez por outra, a acreditarmos na grafia dos códices, não conseguiam evitá-las nos próprios versos daqueles cantares tradicionais. (1961: 189-190).

E, no tocante à conveniência de ser mantido o **-n-** dessas formas na edição de textos arcaicos, dá indicações bibliográficas na nota 1) da p. 190.

Arcaísmo já para a época ou adaptação melódica, não deixa de ser curioso tal emprego. Num momento em que se pretende uma revisão no histórico da nasalização galego-portuguesa, talvez fosse mais indicado manter a grafia **louçano,** acompanhada da respectiva nota explicativa.

O respeito à métrica do verso hipômetro «d'ir dar rocin feit'e corredor» parece-me acertado. A justificação da Profa. editora é bastante razoável, sobre ser engenhosa. De fato, há uma pausa maior em **rocin,** vocábulo oxítono, a fechar o 1.º hemistíquio, o que contrabalança a perda da sílaba gramatical.

Quando ao segundo verso da finda: **Antyr de peça delencaluagado,** como está no ms., mas que a editora lê como **ant'ir de pé, ca d'el encavalgado!**, há o que ponderar.

O **punctum saliens** é a grafia **peça,** com **c** cedilhado. Admitindo-a, argumenta a Profa. Elsa Gonçalves, não se produz um sentido aceitável para o texto. Vai daí que «todos os editores entederam que a cedilha estava a mais» (58). Cortando-a, **peça** se converteria em **pé ca.** Quiçá tenham razão os editores, cuja leitura a professora Elsa perfilhou. Mas, se mantivéssemos a leitura **peça,** não encontraríamos sentido para o verso? Eis o que convém apurar.

Peça é palavra de uso corrente na língua medieval, ainda entre os trovadores. Em texto satírico, faz boa figura. O termo é polissêmico. Do sentido de «pedaço», «parte», «porção», outros se podem deduzir, como o de «pertença», «coisa de». A propriedade está ligada à pessoa: **o meu, o teu.** No período colonial, o escravo negro era muita vez designado como «peça», coisa do seu senhor, e não pessoa. Portanto faz sentido a leitura: «ant'ir de peça dele encavalgado». Mas difícil é conjugar sintaticamente este verso com o anterior, ao qual deve ligar-se pelo sentido. Pode-se, contudo, aplainar a dificuldade, com o seguinte entendimento: «Mui mais queria, besta non avendo, [ficar a pé] / ant'ir de peça dele encavalgado». Por certo o «ficar a pé» é juízo implícito, mas não forçado. Que nos perdoem a ousadia.

5. A última cantiga contra Joan Bolo tem por **incipit Joan Bol'anda mal desbaratado** e conta as desventuras de lhe haver roubado o rocim um criado seu.

Poucas são as notas da autora ao texto, que, realmente, não dá margem a muito comentário. De observar o lapso do copista que, no refrão, repetiu levou, quando devia estar **leixou,** conforme se lê nas outras cobras; «erro de cópia evidente», sublinha a Profa EG.

Madre (v. 4), no sentido corrente de «mãe», foi termo que perdurou durante toda a fase arcaica da língua. Leite de Vasconcelos diz que, na sua acepção primitiva, só deixou de ser usada «depois dos séc. XV-XVI» (**Lições,** 1911: 88). Nos **Lusíadas,** no sentido atual, só ocorre **mãe** (com várias grafias).

Rapaz tinha normalmente nas cantigas sentido depreciativo, anota a Profa. Elsa. Entre nós, o que é pena, o seu feminino **rapariga** também é usado com sentido depreciativo. Contudo alguns poetas tentam reabilitar esse belo vocábulo. O feminino de **rapaz** é, para nós, como se sabe, **moça.** E assim o era na fase clássica do idioma. Relembre-se o **Menina e Moça,** de Bernardim Ribeiro. Nos **Lusíadas,** não há **rapaz** nem **rapariga** e sim **moço** e **moça.** P. ex.: «Qual contra a linda moça Policena» (III, 121).

Ar (v. 10), creio estar no sentido de «tampouco», registrado por Nunes, **Crest.,** Gloss.

6. Em **Praga por praga,** trata-se de um praguejador que paga os seus pecados ao ser devorado por uma **chaga** (do lat. **plaga,** divergente de **praga**). A cantiga tem três cobras, em versos heptassilábicos graves, terminadas pelo refrão **Coemo praga por praga,** que a editora interpretou corretamente **come-o** e não **comeu-o,** como fizeram os editores (Lang, Lapa) que a precederam. É uma grande contribuição para o exato entendimento do texto.

Há dois versos hipométricos, o 7 e o 10. Lapa corrigiu o primeiro, suprimindo a copulativa E no início do verso e Lang, no segundo, supôs uma sinalefa entre **e o,** conj. + pron. Quanto a este segundo caso, Celso Cunha, em **Estudos de poética trovadoresca,** chega à conclusão de que E + vogal, tônica ou átona, não entra em sinalefa com a vogal seguinte. Deparou-se-lhe, contudo, o que lhe pareceu uma exceção:

> Nas cantigas de D. Denis, entretanto, há versos que, para se enquadrarem na isometria estrófica, parecem exigir a ditongação do **e** com a vogal seguinte. (1961: 44)

Parecem, diz C. Cunha. E propõe-se a desfazer as sinalefas apontadas por Lang, em sua conhecida edição das cantigas do rei trovador. Finaliza a sua argumentação com estas palavras:

> À vista do exposto, é lícito se negue valor comprobativo de uma possível sinalefa da conjugação a exemplos colhidos em versos como **e o que disse, ben o paga / e o coraçom de my-o fazer** e em outros semelhantes, pois, ainda no século XVI linhas métricas dos tipos (...) valiam como septissílabas. (**ib.:** 48-49)

Quer dizer, os versos seriam mesmo hipermétricos. Contudo optamos pela solução da sinalefa. Em relação ao verso 7, não acompanhamos Lapa na supressão da copulativa; deve-se buscar outra saída, inclusive a da hipermetria.

O verso 9 termina com a palavra **omẽ.** «Todos os editores», comenta a Profa. E. Gonçalves, «substituíram a forma nasalada **omẽ** por **ome** por causa da rima com **come** (v. 8) e **fome** (v. 11)». Assim não procedeu a Profa. Elsa, e fez muito bem, já que, depois da lição de Celso Cunha, sabe-se que, nas cantigas trovadorescas, vogal nasal podia rimar com vogal oral. Note-se, porém, que no ms. o que ocorre é **fame** e não **fome.** Penso tratar-se de forma gráfica tradicional mantida pelo copista. Por que não fazer o mesmo por amor à fidelidade da escrita?

Astroso, explica-nos EG, significa «nascido sob mau astro, desgraçado». Subsiste no composto **desastroso,** que A. G. Cunha dá como entrado na língua no séc. XVIII. Pelo sentido negativo, usual no prefixo, seria de esperar, no composto, sentido contrário ao de **astroso,** ou seja, «feliz, nascido com boa estrela». Todavia continuou o sentido desfavorável. Deve-se, pois, atribuir a **des-** valor intensivo, como se dá em **desinfeliz, desinquieto, desapartar.**

A leitura mais difícil da cantiga é a do verso 11: «ca como erã que a fome». Eis como o viu a Profa. E. Gonçalves: «ca come can que á fome». Isto é, corrigiu **erã** por **cã,** por se **erã** «erro de cópia evidente» (75). Lang tirou o til e, portanto, passou **erã** para **era** (mas o verso ficou muito alterado, pois assumiu esta forma: «com'era grand'a fame». J. P. Machado viu em **erã** alteração da forma popular **arrã** em vez de **rã** e sugeriu: «como rã que á fome». **Cã, era, rã,** sem dúvida a que tem mais sentido é a leitura da Profa. Elsa Gonçalves. Mas nenhuma delas satisfaz a lição gráfica do manuscrito. À forma **erã** deve corresponder um monossílabo, por causa da métrica; deve ela pertencer à classe dos substantivos, antecedentes do relativo **que;** deve também designar um animal, para emparelhar com **lobo** do v. 17. Mas qual será esse animal? **Rã?** Não consta que seja bicho famélico. **Cã?** Mas como tirar **cã** de **erã?** Não vejo, pois, que a dificuldade tenha sido desfeita.

Há uma tendência na crítica textual no sentido de reduzir ao mínimo a intervenção do editor no texto, o que me parece acertado. D. Carolina, Nunes, Lapa agiram nesse campo com maior liberalidade. Na verdade confiaram em demasia no rigor do método empregado. Mas não há simplificação metodológica que esgote a complexidade do texto escrito. Daí a maior prudência dos editores da hora presente. O que não impede conjeturas e **divinationes.** Afinal é o método que está a serviço da inteligência e não o contrário.

As análises da Profa. Elsa Gonçalves situam-se nessa linha prudencial e por isso são estimulantes e só merecem aplausos.

Uma nuguinha para terminar: por que **cobla** e **cobra,** por que não uniformizar em **cobra?**

AGÁLIA

Revista da Associaçom Galega da Língua

Assinatura por um ano (quatro números):

Membros da AGAL	2.700 ptas.
Península Ibérica	3.400 ptas.
Europa	3.700 ptas.
Resto do Mundo	4.500 ptas.

NOME.....

MORADA.....

.....

LOCALIDADE.....PAÍS.....

DATA...../...../..... ASINATURA

Queiram considerar-me assinante da Revista AGÁLIA a partir do número..... inclusive, efectuando o pagamento por meio de:

- ☐ Transferência bancária à conta corrente n.º 1888-7, Caixa Galicia de Ourense (Oficina Principal), especificando claramente nome, apelidos e endereço do novo assinante.
- ☐ Domiciliaçom bancária.
- ☐ Giro postal ou giro urgente n.º.....

A G A L ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA

FOLHA DE INSCRIÇOM (Cubra-se com letra clara)

Nome e apelidos.....

D.N.I.....Profissom.....

Endereço (Rua, Praça).....

Vila, Cidade.....País.....(Tfno. (.....).....

Data de nacimento...../...../..... Quota Anual

Modo de pago: Ingresso directo na c/c n;º 1888-7 (Caixa Galicia, O.P. Ourense) ou domiciliaçom bancária. A tal efeito roga-se juntar a este boletim notificaçom do número de c/c, Banco ou Caixa, Sucursal e localidade.

Quotas: **Trabalhadores:** 6.500 ptas./ano (inclui Revista).
Desempregados: 1.500 ptas./ano (com Revista 4.000).

AGÁLIA

Revista da Assoćiaçom Galega da Língua

Redacçom: Aptdo. 560 - 15080-Corunha.
Aptdo. 289 - 15780-Santiago de Compostela.
Administraçom: Aptdo. 453 - 32080-Ourense.

GALIZA

AGAL

Aptdo. 453

32080-OURENSE

GALIZA

Publicaçons da Associaçom Galega da Língua

- *Colecçom «Universália»*

Lôpez-Suevos Fernández, Ramom: *Dialéctica do Desenvolvimento. Naçom, Língua, Classes Sociais,* 1983. (Esgotado).

Comissom Lingüística da AGAL: *Estudo Crítico das Normas Ortográficas e Morfolóxicas do Idioma Galego,* 1983. 169 págs. (Esgotado).
2.ª Ed. corrigida e acrescentada, 1989, 302 págs.

Carvalho Calero, Ricardo: *Letras Galegas,* 1984. 349 págs.

Comissom Lingüística da AGAL: *Prontuário ortográfico galego,* 1985. 318 págs.

Actas do I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, 1986. 820 págs.

Lôpez-Suevos, Ramom: *Portugal no quadro peninsular. Subsídios para a análise histórica-estrutural,* 1987, 224 págs.

Souto, Elvira: *Contribuiçom ao estudo do romance iniciático galego,* 1987, 95 págs.

Haller, Michel, *Tratado de contraponto e de composiçom contrapontística.* Traduçom e adaptaçom de Joám Trilho, 1987, 212 págs.

Comissom Lingüística da AGAL: *Guia prático de verbos galegos conjugados.* 1988. 128 págs.

Actas do II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza. 1989. 928 págs.

Monterroso Devesa, J. M.: *Apelidos galegos.* 1989. 32 págs.

Morám Fraga, César-Carlos: *O mundo narrativo de Álvaro Cunqueiro,* 1990. 176 págs.

Associaçom Galega da Língua: *Poder, Ideologia e Língua* (Yvo JD Peeters, editor), 1991. 120 págs.

Actas do III Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza. 1992. 654 págs.

AA. VV. *O uso das línguas na perspectiva da Europa Comunitaria.* 1993. 194 págs.

- *Colecçom «Clássicos»*

Cotarelo Valhedor, Armando: *Trebón,* Ediçom, estudo e adaptaçom ao Galego Actual de Ramom Reimunde, 1984. 221 págs.

Rosalia de Castro: *Folhas Novas,* Ediçom e notas de E. Souto Presedo; prólogo de F. Salinas Portugal, 1985. 266 págs.

- *Colecçom «Criaçom»*

Manuel Maria: *A luz Ressuscitada,* Carta-prefácio de António Gil Hernández, 1984. 138 págs. (Esgotado).

Carvalho Calero, Ricardo: *Cantigas de amigo e outros poemas (1980-1985),* 1986. 192 págs.

Marinhas del Valle, Jenaro: *A vida escura,* 1987, 170 págs.

Béjar, Julio et alii: *Fogo cruzado* (relatos), 1989, 96 págs.

Guisan Seixas, João: *Origem certa do farol de Alexandria* (re-ediçom), 1989, 88 págs.

Gómez, Joel R.: *Quando o sol arde na noite,* 1990. 115 págs.

Guerra da Cal, Ernesto: *Lua de Além-Mar* e *Rio de Sonho e Tempo,* 1991, 292 págs.

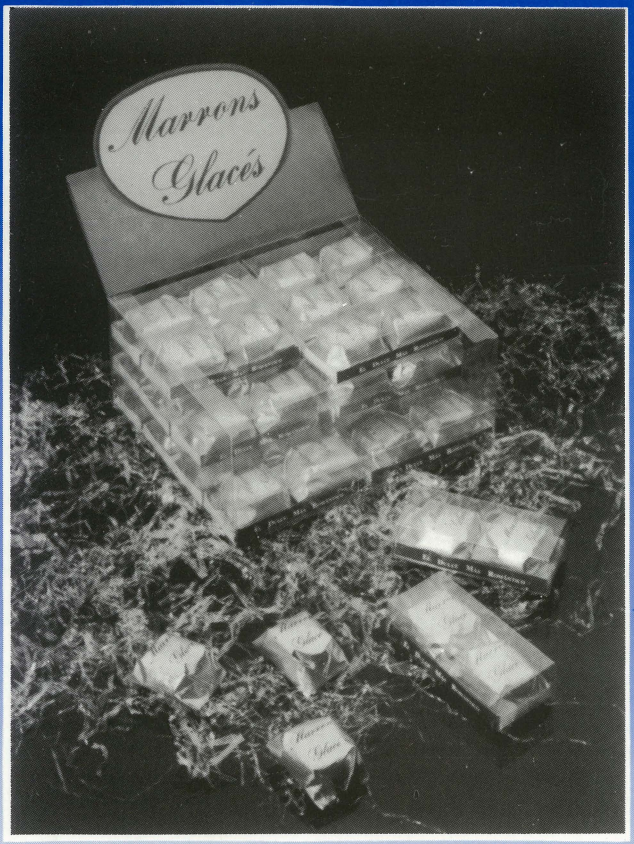
- Revista *AGÁLIA.* Publicaçom trimestral desde o ano 1985. 128 págs.

Revista *AGÁLIA.* Monográfico n.º 1, *Problemática do sector lácteo,* dirigido e coordenado por Cláudio López Garrido, 1987, 160 págs.

Monográfico n.º 2, *Estudos sobre a História da Economia de Galiza,* dirigido e coordenado por Joám Carmona, 1989, 96 págs.

PARA OS QUE GOSTAM DO GALEGO

Marrons Glacés José Posada



«Recomendamos tomar tantos Marrons Glacés como ilusons se tenham na vida, esperança no futuro e alegria de pisar a Terra»

José Posada

ELABORADO POR MARRON GLACÉ, S. L.

Polígono Industrial Sam Cibrao das Vinhas

Rua Seis • Tel. (988) 23 05 45 • Telefax (988) 23 07 54

32901 OURENSE - GALIZA